



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula – LIV
Programa de Pós-Graduação em Linguística - Mestrado

**O NORDESTE NA MÍDIA E OS ESTEREÓTIPOS LINGÜÍSTICOS: ESTUDO DO
IMPERATIVO NA NOVELA *SENHORA DO DESTINO***

ÉTEL TEIXEIRA DE JESUS

Brasília, agosto de 2006

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula
Programa de Pós-Graduação em Lingüística

**O NORDESTE NA MÍDIA E OS ESTEREÓTIPOS LINGÜÍSTICOS: ESTUDO DO
IMPERATIVO NA NOVELA *SENHORA DO DESTINO***

Por

ÉTEL TEIXEIRA DE JESUS

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística,
Línguas Clássicas e Vernácula da Universidade de Brasília
como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em
Lingüística.

Orientadora: prof^a. Dr^a. Maria Marta Pereira Scherre

Brasília, agosto de 2006

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Marta Pereira Scherre (orientadora)
Universidade de Brasília – UnB

Prof^a. Dr^a. Ângela Paiva Dionísio (titular)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof. Dr. Marcos Araújo Bagno (titular)
Universidade de Brasília – UnB

Prof^a. Dr^a. Rachel do Valle Dettoni (suplente)
Universidade de Brasília - UnB

Zé, meu pai, quando você chegava da roça suado e cheirando a mato (o cheiro da minha infância!); Fiita, minha mãe, quando você ia pro pilão socar arroz, traziam nas mãos calejadas o sonho mais nobre: *É pras minina estudá.*

Dedico a vocês, meus amores.

AGRADECIMENTOS

A minha professora querida, Marta Scherre, pela paciência, pela preocupação com o meu bem estar, pela orientação criteriosa, pela generosidade e por ser tão amiga.

A minha sagrada família: meus pais, José e Zilinha; meus irmãos Gutemberg e Kerley; minha irmã Eristelma e meu cunhado Agnaldo, por preencherem minha vida de carinho e cuidado, por me trazerem equilíbrio e paz. Amo vocês!

A Leonardo, por todo o tempo dedicado a mim e ao meu trabalho, pelas horas gostosas discutindo estereótipos, pelo colo na hora do cansaço, pela entrega incondicional, pela paixão, tão sublime!

A Daniel Higino, pela leitura paciente da minha dissertação, pela gravação dos cds, pela amizade e incentivo constantes, por me mostrar que o Mestrado com dedicação e disciplina tem um sabor maravilhoso, por tudo, obrigada!

A minha vovó Delmira, que partiu em meio ao meu trabalho e me deixou saudades.

A Luciana Muniz, pela generosidade, pela ajuda valiosa!

A Elisandro, Núbia e Ângelo Mateus, pela solicitude e paciência na gravação dos dados; a Sibebe, por me ceder o vídeo, e esperar, pacientemente, a devolução.

Aos meus/minhas amigos/as e alunos/as do Ced. 123 de Samambaia, pelo bom humor de sempre, ajudando-me a superar o cansaço.

Aos professores Marcos Bagno, Ângela Paiva Dionísio, Rachel Dettoni, pela disponibilidade em fazer parte da banca.

Ao professor e professoras dos projetos NELFE e NURC, Ângela Dionísio, Marcuschi, Piedade de Sá, Judith Hoffnagel, pela gentileza em ceder os dados de Recife.

Aos meus/minhas professores/as e colegas do Mestrado, pela riqueza das experiências partilhadas.

A Jacinta e Diego, pelas informações valiosas e pela atenção.

A Célia e Marcos Lunguinho, pela ajuda com a Gerativa.

Aos meus/minhas queridos/as amigos/as da Liturgia, Elenílson e Cida, por respeitarem o meu tempo, sem cobranças.

A Deus, mãe de ternura, por me abraçar com carinho em toda a caminhada e por essas pessoas maravilhosas que colocou na minha vida. Abbá!

SUMÁRIO

Lista de tabelas.....	viii
Resumo.....	xi
Abstract.....	xii
1. Introdução.....	1
2. Estereótipos.....	10
3. A influência da mídia.....	13
3.1. Novelas e estereótipos.....	16
3.2. Estereótipos construídos em relação ao Nordeste.....	17
4. Fundamentos teóricos e metodológicos.....	21
4.1. Fundamentação teórica.....	21
4.2. Metodologia.....	25
5. O uso do imperativo no português do Brasil.....	31
5.1. Os pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no português brasileiro.....	34
5.2. Pesquisas sobre o uso do imperativo no português do Brasil.....	38
6. Um pouco da história de Pernambuco e Recife.....	40
7. Estereótipo ou marca de identidade?.....	42
8. Análise da variação do imperativo gramatical.....	44
8.1. Personagens.....	48
8.2. Escolaridade.....	62
8.3. Nível de formalidade da fala.....	71
8.4. Fala reportada.....	73

8.5. Polaridade de estrutura (afirmação/negação) e tipo de pronome no contexto discursivo.....	75
8.6. Presença, ausência, localização e pessoa do pronome do caso reto e do caso oblíquo.....	86
8.7. Paralelismo discursivo.....	95
8.8. Aspectos do verbo da construção imperativa (Tipo de verbo).....	102
8.9. Marcador discursivo.....	114
9. Conclusão.....	116
10. Referências bibliográficas.....	126

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Visão geral do uso do imperativo no indicativo e no subjuntivo na fala dos personagens da novela e na fala de Recife, considerando-se o que prevê a tradição gramatical.....	46
Tabela 2a. Efeito da variável <i>Personagens</i> no uso do imperativo associado à forma indicativa.....	54
Tabela 2b. Efeito da variável <i>Personagens</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala dos personagens cariocas.....	58
Tabela 3. Frequência de uso do imperativo associado ao indicativo nos dados de Salvador e do Rio de Janeiro, conforme resultados apresentados por Sampaio (2001).....	59
Tabela 4a: Distribuição dos dados da novela <i>Senhora do Destino</i> e dos dados de Recife, considerando-se o contexto em que a tradição gramatical prevê uso do imperativo no indicativo ou no subjuntivo.....	63
Tabela 4b: Efeito da variável <i>Escolaridade</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de Recife, após amalgamações e retiradas.....	65
Tabela 4c. Efeito das variáveis <i>faixa etária</i> e <i>escolaridade</i> na fala de Salvador e do Rio de Janeiro, conforme resultados apresentados por Sampaio (2001), adaptado das tabelas 7 (pág. 102), 8 (pág. 104), 16 (pág. 119) e pág. 121.....	70
Tabela 5: Efeito da variável <i>Formalidade/informalidade da fala</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de Recife.....	72

Tabela 6. Efeito da variável <i>Fala reportada</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de Recife.....	74
Tabela 7a. Efeito da variável <i>Polaridade de estrutura, pronome e contexto discursivo</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de todos os personagens da novela <i>Senhora do Destino</i>	78
Tabela 7b. Efeito da variável <i>Polaridade de Estrutura, pronome e contexto discursivo</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala dos personagens cariocas, na fala dos personagens pernambucanos e na fala de Recife.....	80
Tabela 7c. Efeito da variável <i>Polaridade de Estrutura e contexto pronominal</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala da personagem Maria do Carmo.....	85
Tabela 8a. Efeito da variável <i>Presença, ausência e tipo de pronome</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de todos os personagens da novela <i>Senhora do Destino</i>	87
Tabela 8b. Efeito da variável <i>Ausência, presença, localização e pessoa do pronome</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de todos os personagens; isoladamente, na fala dos personagens cariocas e pernambucanos; e na fala de Recife.....	90
Tabela 8c. Efeito da variável <i>Ausência, presença, localização e pessoa do pronome</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de Recife e na fala da personagem Maria do Carmo.....	94
Tabela 9a. Efeito da variável <i>Paralelismo discursivo</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de todos os personagens da novela <i>Senhora do Destino</i>	97

Tabela 9b. Efeito da variável <i>Paralelismo discursivo</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de Recife.....	98
Tabela 9c. Efeito da variável <i>Paralelismo discursivo</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala da personagem <i>Maria do Carmo</i>	101
Tabela 10a. Efeito da variável <i>Tipo de verbo</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de todos os personagens da novela <i>Senhora do Destino</i>	107
Tabela 10b. Efeito da variável <i>Tipo de verbo</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de Recife.....	107
Tabela 10c. Efeito da variável <i>Tipo de verbo</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala dos personagens cariocas, dos personagens pernambucanos e na fala de Recife.....	110
Tabela 10d. Efeito da variável <i>Tipo de verbo</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de Recife e na fala da personagem <i>Maria do Carmo</i>	112
Tabela 11a. Efeito da variável <i>Marcador discursivo</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de todos os personagens da novela <i>Senhora do Destino</i>	115
Tabela 11b. Efeito da variável <i>Marcador discursivo</i> no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de Recife.....	115

RESUMO

Esta pesquisa trata do estudo do imperativo gramatical na novela *Senhora do Destino*, com o objetivo de verificar se fenômenos de natureza morfossintática evidenciam estereótipos lingüísticos em relação à fala do Nordeste. Tratamos, em especial, da fala de Pernambuco, representada, na novela, pela personagem Maria do Carmo. Adotando os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística Laboviana e de posse dos programas Varbrul, analisamos variáveis lingüísticas e sociais, fazendo um estudo comparativo entre os dados de fala dos personagens e dados de fala de Recife. Os grupos de fatores Personagens; Paralelismo discursivo; Polaridade da estrutura e tipo de pronome em contexto discursivo; Presença, ausência, pessoa e localização do pronome; e Tipo de verbo foram considerados estatisticamente relevantes para os dados dos personagens. Os grupos de fatores selecionados para a fala de Recife foram Paralelismo discursivo e Tipo de verbo. O grupo de fatores Escolaridade, no limiar da seleção, revelou regularidades importantes para o entendimento da presença, ou não, de estereotipia nos dados de fala da novela, de forma que é possível tratar dessa questão sob duas perspectivas. De um ponto de vista mais amplo, a fala de Maria do Carmo revela a presença de estereótipos, pois ela não dá conta da complexidade existente na fala de Pernambuco não podendo, portanto, ser a representante dos pernambucanos e, menos ainda, da fala dos nordestinos, particularmente se considerados os falantes mais expostos ao ambiente escolar. De um ponto de vista mais específico, a fala de Maria de Carmo não revela estereótipos, pois praticamente se iguala à fala de um subgrupo de falantes da comunidade dos pernambucanos, a saber, dos que foram menos expostos ao ambiente escolar. A análise dos grupos de fatores lingüísticos, por sua vez, evidenciou que a fala dos personagens, inclusive de Maria do Carmo, reflete de perto a heterogeneidade ordenada verificada nas situações reais de uso. Os efeitos observados na fala de Maria do Carmo e na fala dos pernambucanos são bastante semelhantes, embora, às vezes, exacerbados na fala da personagem em foco. Na nossa avaliação, os resultados da análise dos efeitos lingüísticos deste fenômeno morfossintático revelam pouca estereotipia.

ABSTRACT

This research deals with the grammatical imperative found in the soap opera *Senhora do Destino*. The objective of the study is to verify if morphosyntactic phenomena put in evidence linguistic stereotypes related to the speech of the population in the northeast of Brazil - specifically in the State of Pernambuco, represented in the soap opera by the speech of the character Maria do Carmo. Linguistic and social variables were analyzed in comparative study of the data from the speech of the characters of the soap opera and data of speakers from Recife, adopting the methodology and the theoretical framework of Labovian Sociolinguistics and using the computer software *Varbrul*. The groups of factors Character; Discursive Parallelism; Polarity of Structure and type of pronoun in discursive context; Presence, absence, person and place of pronoun; and Verb Type were considered statistically relevant for the data of the characters of the soap opera. The groups of factors statistically significant for the data of speakers from Recife were Discursive Parallelism and Verb Type. The group of factors Education, near statistic significance, revealed important regularities for understanding the presence or not of stereotypes in the data from the soap opera, in a way that the matter can be seen from two perspectives. From a broad point of view, Maria do Carmo's speech reveals the presence of stereotypes because it is not able to deal with the complexity found in the speech of the population from Pernambuco – it is not, therefore, representative of the this population and less yet of the population of the northeast of Brazil, specially if we consider the speech of the population that has more contact with schooling. From a more specific point of view, Maria do Carmo's speech does not reveal stereotypes because it corresponds to the speech of a subgroup of speakers of the community of Pernambuco – those with less education. On the other hand, the analyses of the groups of linguistic factors demonstrated that the speech of the characters, even of Maria do Carmo, closely reflects the ordered heterogeneity found in real situations of language usage. The effects observed in Maria do Carmo's speech and in the speech of the population from Pernambuco are very similar, although exaggerated at times in the speech of the character. In our evaluation, the results of the analyses of the linguistic effects of this morphosyntactic phenomenon revealed few stereotypes.

1. INTRODUÇÃO

A Sociolinguística postula que as línguas são heterogêneas, possuem natureza eminentemente variável e sua estrutura está intimamente ligada ao uso. Uma comunidade de fala não apresenta comportamento lingüístico idêntico e, dentro dessa comunidade, um mesmo falante alterna entre uma forma e outra, dependendo da situação em que se encontre. Essa heterogeneidade é conseqüência natural de fatores lingüísticos e sociais que se coadunam nas situações de uso. Segundo Labov (1975: 203), a homogeneidade é que é antinatural na língua. Corroborar essa constatação o fato de o falante reagir, positiva ou negativamente, a comportamentos lingüísticos diferentes daqueles verificados em sua comunidade ou diferentes do seu. A heterogeneidade é preocupação central da Sociolinguística. Essa teoria tem como objeto de estudo a diversidade lingüística e o uso da língua no contexto social, no seio de uma comunidade de fala.

Foi o lingüista norte-americano William Labov que lançou os fundamentos da ciência que conhecemos como Sociolinguística Variacionista. Nessa perspectiva, a variação é concebida como um fenômeno não só inerente à natureza da língua como também passível de sistematização. Isso equivale a dizer que o falante não alterna formas lingüísticas aleatoriamente; o próprio sistema lhe impõe restrições tanto de natureza lingüística quanto social. De acordo com Weinreich, Labov & Herzog (1968: 100), antes de se formular teorias sobre a mudança lingüística, é preciso aprender a ver a língua, diacrônica e sincronicamente, como um objeto que possui heterogeneidade ordenada, e acrescentam:

A chave para uma concepção racional de mudança lingüística – e naturalmente de língua – é a possibilidade de descrever ordenadamente a diferenciação em uma língua que serve a uma comunidade.

(...) Um dos corolários de nosso enfoque é que, em uma língua que serve a uma complexa (i.e., real) comunidade, a ausência de heterogeneidade estruturada que seria disfuncional.¹ (idem, p. 101).

A Sociolingüística trouxe grande contribuição ao estudo da língua ao correlacionar fatores lingüísticos e fatores sociais na análise variacionista. Uma descrição sociolingüística nos permite afirmar que, se duas formas diferentes permitem dizer a mesma coisa, sem alterar a construção básica da oração ou do enunciado, há, certamente, correlações lingüísticas _ fenômenos fonológicos, morfológicos, sintáticos e/ou lexicais _ e sociais _ faixa etária, gênero, escolaridade_ condicionando essa escolha. Assim, o objeto principal de estudo da Sociolingüística Variacionista é o entendimento dos mecanismos de variação e mudança no aspecto intra-lingüístico e no eixo diatópico, diastrático e diacrônico.

Na perspectiva de uma concepção social de língua, é interessante ressaltar os sentimentos dos falantes em relação à sua língua e às outras variedades, como o falante vê o outro a partir da variedade que este utiliza e os efeitos disso sobre o comportamento lingüístico. Para Calvet (2002: 65), esse conjunto de *atitudes lingüísticas* é responsável por estereótipos e preconceitos que a cada época se produzem com relação às línguas e com relação aos seus falantes. Assim, se fatores lingüísticos desencadeiam comportamentos sociais (ou vice-versa), fatores sociais são imprescindíveis para explicar a variação. Também Labov, em trabalho de 1964 sobre a aquisição do inglês *standard* numa comunidade de Nova Iorque, verifica que o uso de variantes lingüísticas é determinado por regras sociais e estilísticas. Essa influência de fatores sociais se dá de forma variável, contínua e mensurável, desencadeando, muitas vezes, a mudança lingüística. Segundo o autor, embora operando abaixo do nível da consciência, as atitudes ou reações subjetivas do falante são decisivas na variação e mudança lingüísticas.

¹ Cf. original: The key to a rational conception of language change – indeed, of language itself – is the possibility of describing orderly differentiation in a language serving a community. (...) One of the corollaries of our approach is that in a language serving a complex (i.e., real) community, it is absence of structured heterogeneity that would be dysfunctional.

Labov (1975: 314) considera relevante a pesquisa das avaliações subjetivas, pois esta possibilita classificar as variáveis lingüísticas em três categorias: *indicadores* _ mostra a variação social por idade ou grupo social, embora não influencie o julgamento do ouvinte quanto à posição social do falante; *marcadores* _ mostra a variação social e estilística e influencia o julgamento do ouvinte quanto à posição social do falante; *estereótipos* _ variantes que causam impacto social na comunidade de fala, são formas lingüísticas claramente rotuladas pela sociedade. De acordo com o autor, formas lingüísticas estigmatizadas socialmente podem não corresponder a fatos objetivos, ao comportamento lingüístico real, entretanto, ainda assim, fazem parte do conhecimento geral dos membros adultos da sociedade.

Na perspectiva da Sociolingüística Variacionista de linha laboviana, o presente trabalho propõe-se a analisar o imperativo gramatical na fala de personagens da novela *Senhora do Destino*, transmitida pela Rede Globo de televisão no ano de 2004. Estudando o modo imperativo, pretendemos verificar se fenômenos de natureza morfossintática evidenciam estereótipo lingüístico em relação à comunidade de fala do Nordeste, especificamente a de Pernambuco (representada, na novela, pela protagonista Maria do Carmo), ou se tais fenômenos têm uma contrapartida com o uso da língua em situações reais, refletindo, assim, a identidade lingüística do falante pernambucano. Pretendemos também verificar se a fala dos personagens reflete a heterogeneidade ordenada do ponto de vista dos diversos grupos de fatores que serão objeto de análise nesta pesquisa; se o autor da novela captura o efeito de fatores que influenciam a variação, de forma que a direcionalidade dos resultados seja a mesma que a verificada em atos de fala espontânea.

O imperativo gramatical é um fenômeno de natureza morfossintática que, de acordo com a tradição gramatical, apresenta duas possibilidades de realização em contexto de segunda pessoa singular, nas construções afirmativas: a forma associada ao indicativo para o pronome *tu* e a forma associada ao subjuntivo diante do pronome *você*; nas construções negativas, a forma associada ao subjuntivo para ambos os pronomes. Conforme veremos adiante, as várias pesquisas envolvendo esse fenômeno têm mostrado que os falantes alternam entre a forma associada ao indicativo e ao subjuntivo, tanto em contexto de *tu*, quanto em contexto de *você*, fato discordante, portanto, da previsão/prescrição da gramática normativa. Assim, nas alternativas:

- 1) Pode tirar a nota. Vou levar um. BOTA na caixa, por favor (Diálogos)²;
- 2) Pese um quilo e meio de tomate. BOTE uns meio verdes para não estragar logo (Diálogos),

podemos observar que os verbos em destaque ocorrem em contextos discursivos semelhantes, com o mesmo valor de verdade, configurando, assim, um ambiente de variação que pode ser sistematizado. De acordo com Tarallo (2000: 81), “o caráter heterogêneo da língua falada é simplesmente uma questão de aparência: à heterogeneidade subjaz um sistema, devidamente estruturado”. No exemplo 1, o falante fez uso do imperativo gramatical utilizando a forma verbal associada ao indicativo; no exemplo 2, o uso do imperativo está associado ao subjuntivo. Certamente, há fatores intrínsecos e extrínsecos condicionando o uso de uma e outra forma, sendo possível, para o lingüista, descrever o *envelope de variação* (cf. Tarallo, 2000: 33), ou seja, detalhar cada variante que possa estar concorrendo para um ou outro uso. O imperativo gramatical é, portanto, uma variável lingüística passível de análise e sistematização na linha da Sociolingüística variacionista. Por ser um fenômeno cuja variação está abaixo do nível da consciência social, não apresenta estigma ou auto-avaliação negativa.

² Atribuímos o nome *Diálogos* ao *corpus* de Recife extraído da dissertação de Sette (1980; op. cit. bibliografia).

Entretanto, pesquisas apontam que o fator geográfico é um aspecto que tem sido contundente na alternância entre a forma indicativa ou subjuntiva quando da realização do imperativo e que este fato é perceptível aos ouvidos dos falantes (cf. Scherre, 2004: 235), os quais costumam, por exemplo, associar o imperativo na forma subjuntiva a falantes do Nordeste, seja pelo contato com essa realidade, seja por influência das novelas veiculadas pela televisão.

Os *corpora*, para esta pesquisa, compõem-se de 803 dados da novela *Senhora do Destino* e 465 dados da fala de Recife. Para os dados de Recife, utilizamos o *corpus* dos projetos NELFE e NURC; ambos os projetos serão apresentados em detalhes na página 29, assim como os *corpora* utilizados. Para proceder à quantificação desses dados, usamos o pacote de programas Varbrul, o qual, a partir das frequências relativas e de seus respectivos contextos de ocorrência, projeta pesos relativos aos fatores das variáveis independentes ou grupos de fatores. Os pesos relativos fornecem informações sobre o efeito de cada fator sobre as variantes da variável dependente, ao efetuar cruzamentos entre os grupos de fatores. Há dados que apresentam efeito categórico e, embora tenham de ser retirados da análise quantitativa para o cálculo dos pesos relativos, exclusivo para fenômenos em contextos variáveis, podem ser lingüisticamente significativos e podem, por exemplo, indicar mudanças lingüísticas (Scherre & Naro, 2003).

Na análise dos dados da novela, consideramos seis grupos de fatores, para o entendimento da variável dependente, cujas variantes são a forma indicativa e a forma subjuntiva. Tais grupos podem estar condicionando o uso do imperativo associado ou ao indicativo ou à forma subjuntiva. Os grupos de fatores considerados foram:

- 1- *Personagens*: há, na novela, grupos de personagens moradores/as de bairros nobres do Rio de Janeiro e bairros de classe média, assim como moradores/as da baixada

fluminense – Duque de Caxias – na cidade fictícia de Vila de São Miguel. Entre os moradores da baixada se incluem a protagonista *Maria do Carmo*, imigrante do sertão de Pernambuco, e sua família. Controlando essa variável, pretendemos verificar se há estereótipo lingüístico na caracterização da fala dos personagens, tanto cariocas, quanto pernambucanos, sobretudo na fala da protagonista, representante legítima, segundo o autor da novela, do nordestino que vem para o Sul em busca de melhores condições de vida. Fizemos gravações periódicas de cenas da novela e colhemos 803 dados de imperativo para compor o *corpus*, conforme explicitamos anteriormente. Das cenas que gravamos, boa parte delas se passam em contextos familiares e entre amigos, contextos que denotam, portanto, maior aproximação e intimidade. Codificamos, individualmente, 26 personagens; os demais foram codificados como um único fator; dentre todos os personagens, o que mais interessa a esta pesquisa é a protagonista, pernambucana, *Maria do Carmo*, pois nosso foco é a análise de como se dá a caracterização da fala do pernambucano em *Senhora do Destino*, representado, como foi dito, por esse personagem.

Nosso objetivo é fazer uma análise comparativa entre a fala dos personagens e a fala de nordestinos e também cariocas em situações reais de uso. Embora haja pesquisas sobre o uso do imperativo com a fala do Nordeste em Salvador e João Pessoa, favorecendo o uso do imperativo associado ao subjuntivo (conforme item 5.2), utilizamos o *corpus* de Recife, para comparação direta, pois este, evidentemente, retrata parte do falar pernambucano e pode nos proporcionar uma análise mais acurada. Para a análise comparativa da fala dos personagens cariocas, baseamo-nos na pesquisa de Sampaio (2001).

A novela *Senhora do Destino* busca confrontar duas realidades distintas em um mesmo contexto. O Rio de Janeiro, neste caso, é a cidade grande que traz promessa de vida nova para

o imigrante nordestino. De um lado, estão os cariocas, perfeitamente integrados à vida frenética desse “sul maravilha”; de outro, está a pernambucana que, embora tenha se adaptado ao estilo de vida carioca, preserva as suas raízes e procura valorizar a sua identidade nordestina, conservando o seu sotaque peculiar. Emerge daí, de forma inconfundível, o fator geográfico: Rio de Janeiro e Pernambuco se encontram e se contrastam. Na novela, esse contraste só se faz notar devido a um único aspecto, o lingüístico. Na novela um subaspecto sobressai, o sotaque. É sabido que as novelas reforçam estereótipos, contribuindo para perpetuá-los e, por causa deles, são comuns atitudes negativas diante de muitos dialetos, como os do Nordeste, por exemplo. Nesse sentido, vale a pena lembrar as palavras de Melo (1988: 1):

Diversos experimentos de sociolingüística mostraram que o sotaque é, de fato, uma forte pista indicadora da procedência regional ou até mesmo social das pessoas. Outros estudos provaram que certas diferenças fonéticas entre sotaques podem ser estigmatizadas pela sociedade, da mesma forma que certas diferenças lexicais e gramaticais entre as variedades o são. E ainda que se pode associar determinado sotaque e dialeto a determinados traços da personalidade, pois, na maioria dos contatos diários mais superficiais, as pessoas julgam-se mutuamente tomando como referência certos estereótipos.

Esta pesquisa pretende seguir o seguinte viés lingüístico: verificar se, em *Senhora do Destino*, traços morfossintáticos – mais especificamente o uso do imperativo – são exacerbados a fim de projetar ou forjar uma identidade pernambucana, a partir de estereótipos, ou se, de fato, a caracterização da fala da protagonista, considerando esses traços, reflete o falar de Pernambuco em situações reais de uso.

2- *Paralelismo discursivo*: consideramos as idéias expostas em Scherre (1998), segundo as quais há uma tendência de formas semelhantes se aproximarem e se repetirem nos diferentes níveis de linguagem. A nossa hipótese é a de que o imperativo associado ao indicativo condiciona a sua subsequente repetição, assim como formas associadas ao

subjuntivo tendem a condicionar, por aproximação, o uso de outra forma associada ao subjuntivo.

- 3- *Polaridade da estrutura (negação ou afirmação) e tipo de pronome no contexto discursivo*: o controle dessa variável vai-nos permitir comparar os resultados com o registro da tradição gramatical, segundo a qual, para estruturas negativas, usa-se, para todas as pessoas gramaticais, o imperativo associado ao subjuntivo. Em relação às estruturas afirmativas, a expectativa da gramática é a de que se use o imperativo na forma associada ao indicativo em contexto de pronome *tu* e na forma associada ao subjuntivo em contexto do pronome *você*.
- 4- *Ausência, presença, localização e pessoa do pronome*: diante da discrepância entre norma e uso e diante do fato daquela não dar conta da variação encontrada nos dados, controlamos essa variável para ampliar o entendimento da relação entre uso do pronome e a alternância entre imperativo no indicativo ou no subjuntivo e para aprofundar pesquisas feitas, segundo as quais presença de pronome de forma oblíqua enclítica favorece o imperativo no subjuntivo; pronome de caso reto enclítico favorece a forma associada ao indicativo; pronome proclítico de primeira pessoa favorece a forma associada ao indicativo, pronome proclítico de terceira pessoa, por sua vez, favorece o imperativo no subjuntivo (cf. Scherre, 2004: 240).
- 5- *Tipo de verbo*: as pesquisas realizadas sobre a influência do paradigma verbal na alternância indicativo/subjuntivo quando do uso do imperativo (Cardoso, 2004; Scherre, 2004; Sampaio, 2001) evidenciam que essa variável, embora complexa, já que envolve paradigmas verbais, número de sílabas, maior ou menor saliência fônica, regularidade e irregularidade dos paradigmas, tem apresentado resultados significativos, permitindo um maior entendimento do fenômeno em estudo.

6- *Marcador discursivo*: ainda em termos de análise do verbo, controlamos essa variável, considerando, principalmente, os verbos *olhar*, também na forma *óloia*, *deixar*, *ver*, *esperar*, este na forma *perái/pera*, como formas cristalizadas que, em virtude dessa condição, poderiam estar condicionando as formas do imperativo associadas ao indicativo, evidenciando a força da gramaticalização, como podemos ver nos seguintes exemplos:

- i) Se eu poderia descrever? Bom, DEIXA eu ver... sei que tem leão... o leão, um animal de meio porte, não? Não, de grande porte mas também... (NURC/RE)
- ii) Aí, como eu sempre fui meio doido, disse “OLHE, eu gosto de levar a resposta agora. Depois não, porque eu já trouxe as alianças... (NURC/RE).
- iii) Atualmente... e talvez até tenha, VEJA bem, muito relativo isso que eu vou lhe dizer e talvez você até não entenda.
- iv) PERAÍ, PERAÍ, São Paulo e Flamengo hoje? De novo? Hoje, quarta? (NELFE).

Em relação aos dados de Recife, além da variável dependente, controlamos também os cinco grupos de fatores internos acima mencionados, além das seguintes variáveis extralingüísticas:

- 1- *Escolaridade*: sabemos que a escola exerce o papel de “guardiã” da norma disciplinadora da língua e que ela tem sido também responsável por comportamentos lingüísticos que se aproximam mais da norma considerada padrão. Controlamos essa variável porque é nosso intuito verificar o *quantum* de influência exercida pela escola em falantes mais e menos escolarizados.
- 2- *Nível de formalidade da fala*: segundo Labov (1975), não existe falante de estilo único e, quanto mais espontâneo o ambiente, mais o vernáculo emerge; quanto mais

monitorado o contexto, mais o falante tende a utilizar a linguagem considerada padrão. Scherre et alii (1998) verificaram que fala informal tende a favorecer o imperativo associado ao indicativo; fala mais formal tende a desfavorecê-lo.

- 3- *Fala reportada*: a imagem que o falante tem de sua fala e o que ele realmente diz apresentam diferenças; assim como é diferente a imagem que o falante tem da fala do outro. Controlamos essa variável a fim de verificar se, em se tratando de fala reportada, o falante tende a favorecer o indicativo ou o subjuntivo, quando do uso do imperativo, e, em que medida, isso revela avaliação positiva ou negativa da fala de si e da fala de outrem.

As freqüências e pesos relativos dos fatores foram calculados considerando-se a variante associada ao indicativo.

Com vista a uma análise mais aprofundada sobre a presença, ou não, de estereótipos na caracterização da fala dos personagens, passaremos a discutir a noção de estereotipia na visão de alguns autores.

2. ESTEREÓTIPOS

O termo *estereótipo* foi introduzido nas ciências sociais por meio da obra *Public Opinion* (1922) do jornalista Walter Lippmann (cf. Lima, 1997). Segundo Lippmann, formamos quadros mentais a respeito da realidade que nem sempre condizem com o mundo “lá fora”. Assim, a realidade que conhecemos, em vez de oferecida a nós, parece ser, na maioria das vezes, construída por nós: “na maior parte das vezes, não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos[...] Colhemos o que nossa cultura já definiu para nós,

e tendemos a perceber o que colhemos na forma estereotipada, para nós, pela nossa cultura” (Lippmann, 1966: 151). Desde então, *estereótipo* se tornou um termo recorrente, principalmente no domínio da psicologia social.

Num estudo sobre grupos e estereótipos sociais, Hewstone e Giles (1997) se reportam ao estudo de vários pesquisadores e mostram que não há consenso sobre a natureza do estereótipo, se positivo ou negativo. Para alguns, o estereótipo é um contrasenso, pois reforça atitudes infundadas e preconceituosas; para outros, ele contém um núcleo de verdade, além de economizar tempo ao classificarmos o mundo que nos cerca. Segundo Hamilton e Sherman (1994 *apud* Lima, 1997:172), as pessoas organizam o mundo à sua volta de forma a obter o máximo de informação com o mínimo esforço cognitivo. Nesse caso, os estereótipos são úteis, pois permitem criar categorias que possam organizar e interpretar as informações advindas do meio social. Da mesma forma, Lippmann (1966: 149) lembra que, por ser inviável a observação direta do mundo, abarcando a sua totalidade, tendemos a apreendê-lo a partir do que os outros nos contam e a partir do que somos capazes de imaginar. Ao final, nossas opiniões sobre as coisas abrangem muito mais do que observamos diretamente. E, assim, se formam os estereótipos.

Hewstone e Giles (1997: 271) destacam três aspectos essenciais dos estereótipos:

“1- outros indivíduos são categorizados, normalmente, com base em características facilmente identificáveis como sexo, etnia e estilo de fala;

2- um conjunto de características, papéis, emoções, habilidades, interesses, etc são atribuídos a todos (ou à maioria) dos membros daquela categoria. Os indivíduos do grupo estereotipado são assumidos como semelhantes uns aos outros, e diferentes dos outros grupos, neste conjunto de atributos;

3- o conjunto de atributos é atribuído a cada membro individual daquela categoria.”

Nesse sentido, tais aspectos vão ao encontro da definição de Gahagan (1980, *apud* Lima, 1997: 170) para quem o estereótipo “é uma supergeneralização: não pode ser verdadeiro para todos os membros de um grupo [...]; é, provavelmente, muito inexato como descrição de um dado sujeito [..], mas, não dada qualquer outra informação, constitui uma conjectura racional. Um desses traços levaria, então, à inferência de outros traços”. Também para Lippmann (1966: 156), os estereótipos trazem em si uma supergeneralização; segundo ele, dada a infinidade de oferta do mundo moderno,

não há tempo nem oportunidade para o conhecimento íntimo. Ao invés disso, notamos um traço que marca um tipo conhecido e enchemos o resto do quadro com os estereótipos que trazemos na cabeça. [Assim] as mais sutis e penetrantes de todas as influências são as que criam e mantêm o repertório de estereótipos. Dizem-nos tudo sobre o mundo antes que o vejamos. Imaginamos a maioria das coisas antes de experimentá-las.

Segundo Allport (1954 *apud* Hewstone e Giles, 1997: 270) “ um estereótipo é uma convicção exagerada associada com uma categoria. Sua função é justificar [ou] racionalizar nossa conduta com relação àquela categoria”. Diante de tais definições, podemos inferir que a existência de estereótipos positivos é tão possível e comum quanto a de estereótipos negativos. Segundo Hewstone e Giles (1997) e Lima (1997), o fato de que há estereótipos positivos foi quase sempre negligenciado, talvez porque sejam menos frequentes e gerem menor controvérsia.

Fishman (1956, *apud* Hewstone e Giles, 1997) entende que algumas questões são importantes no que diz respeito aos estereótipos: “Por que somos tão mal informados a respeito de grupos, e a respeito de qual grupo, ou em relação a que aspectos dos grupos somos mal informados?”

Por que é tão difícil converter uma má informação em uma informação? Como surge essa má informação e que condição impede ou fortalece o seu crescimento?”³

Segundo Lima (1997), a tendência para os estereótipos negativos se justifica pela própria função social do estereótipo: legitimar formas de dominação e poder de um grupo sobre o outro. Para que o “nós” sobressaia, é preciso que “os outros” sejam depreciados. Isso explica também a dificuldade que se tem de alterar um estereótipo, de subtrair sua conhecida inflexibilidade. Ainda há que considerar o apoio social que os estereótipos recebem. Há um entendimento consensual de que o outro grupo é um bloco monolítico e homogêneo, ao contrário do próprio grupo, matizado e complexo. Nem mesmo a convivência com o outro apaga o estereótipo; se há um membro de outro grupo que não corresponde à nossa visão estereotipada, nós o tratamos como uma exceção, um caso atípico e os nossos estereótipos permanecem inalterados (Hewstone e Giles, 1997: 280).

Conforme foi dito, consideramos, nesta pesquisa, que a mídia, mais especificamente as novelas, reforça e perpetua estereótipos negativos com relação ao Nordeste e pretendemos verificar se isso também acontece com relação à linguagem no que tange a fenômenos morfossintáticos.

3. A INFLUÊNCIA DA MÍDIA

Vivemos em uma sociedade midiaticizada e, hoje, não há quem duvide da força com que os meios de comunicação penetram nas nossas casas, nas nossas vidas, afetando o nosso modo

³ Cf. original: Why are we so often misinformed about groups, and about which sorts of groups, or concerning which aspects of groups, are we misinformed? Why is it so difficult to combat the misinformation with information? How does misinformation arise and what conditions hamper or strengthen the growth of misinformation?

de ver e pensar o mundo e/ou refletindo-o. Ainda que o tamanho da influência da mídia não seja ponto pacífico, está claro que as nossas percepções sobre a realidade que nos cerca são fruto, entre outros aspectos, das informações que nos chegam através dos meios de comunicação, a saber, rádio, televisão, jornais, internet. A mídia, dado o seu caráter onipresente, conecta o mundo, mantendo praticamente todo o planeta em sintonia com os fatos, ultrapassando fronteiras, instaurando novas identidades sociais. O espaço midiático nos oferece a possibilidade de ver o mundo sem que haja necessidade de nos deslocarmos de nossa residência. Estamos *ao vivo* com as realidades existentes e criadas e/ou reinventadas por esses meios, que tanto informam quanto se transformam em espaços formadores de opinião. Nesse sentido, Steinberg (1966: 13), ao tratar dos meios de comunicação de massa, chama a atenção para o fato de que todos os conteúdos veiculados pela mídia possam vir a resultar na estereotipagem de massa. Assim, é importante ressaltar que o mundo que vemos na televisão, por exemplo, é aquele filtrado e ressignificado pelos meios de comunicação.

Para Steinberg (1966: 18-19), a compreensão da linguagem midiática é importante para que possamos refletir sobre a influência desses meios no comportamento social. “Quem diz o quê, a quem e com que efeito” é o que define o processo de comunicação. Dessa forma, é necessário compreender o princípio semântico que subjaz à mídia, “pois esta é capaz de perpetuar estereótipos com a mesma eficácia com que ajuda a eliminá-los”.

De todos os meios de comunicação midiáticos, a televisão é, certamente, o que mais se popularizou. Dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dão conta de que há pelo menos um televisor em 90% das residências, à frente até mesmo da geladeira (87,3%)⁴. Essa presença generalizada mostra como a televisão é, para as pessoas,

⁴ Dados disponíveis no site <http://www.ndc.org.br/arquivos/106Mapeamento-da-demanda-VersãoA.pdf>

“uma parte trivial dos elementos cotidianos, aceita como fonte confiável de notícias, importante fornecedora de informação, [...] entretenimento agradável e companhia relaxante” (Dorr, 1986 *apud* Fragoso, 2000: 104). Da conjugação desses elementos e da presença da televisão na realidade diária, há uma tendência das pessoas em acreditar que o mundo, nesse meio de comunicação, está objetivamente representado. A imagem que se vê na tela e aquilo que se manifesta em termos lingüísticos parecem ter relação direta com a realidade. Assim, cria-se, com a televisão, uma interação circular: as crenças e valores das pessoas interagem com os conteúdos e estrutura dos programas televisivos, gerando um “movimento de retroalimentação” nas palavras de Fragoso (2000: 103). Segundo a autora:

a televisão, como todos os *media*, é produto da experiência humana, construído a partir de teias de crenças socialmente estabelecidas, as quais tendem a ser primariamente reforçadas pelos conteúdos e formatos propostos. A recepção implica, no entanto, uma contínua interação entre o que está sendo enunciado e a experiência prévia do público, produzindo um *feedback* em que os conteúdos e formas dos mídias retornam continuamente como elementos constitutivos das sociedades e culturas a partir das quais eles mesmos se originaram. Assim, valores e crenças, sociedades e culturas, conformam os mídias, cuja atividade reforça ou modifica valores e crenças, sociedades e culturas, os quais, por sua vez, continuam sendo conformadores dos mídias, num movimento contínuo e rico em sutileza e complexidade.

Também nas novelas, crenças e valores interagem com o conteúdo televisivo. Embora reconheçam o caráter ficcional desses programas, as pessoas se envolvem com a narrativa a tal ponto que, por um momento, a fronteira entre a ficção e a realidade se obscurece. Fragoso (2000:109) lembra que “alterações de humor em função de acontecimentos em telenovelas parecem não ser incomuns entre os telespectadores mais assíduos, os quais, muitas vezes, discutem opiniões ou atitudes de personagens ficcionais como se eles fizessem parte de seu círculo de amigos ou fossem seus familiares no mundo dito real.” Não podemos, obviamente, imaginar que estamos diante de telespectadores absolutamente crédulos e alienados, incapazes de uma recepção crítica em relação a programas televisivos. Ainda que a novela, por exemplo,

propicie a interação constante entre ficção e mundo real, não se pode negar que o telespectador tem uma grande capacidade ficcional e, por isso, ao final, a realidade emerge. Entretanto, é verdadeiro o fato de que a televisão influencia a vida cotidiana. Fragoso (2000: 102) lembra que, “a despeito da prontidão com que criticam o conteúdo dos programas de televisão em geral, a maioria dos espectadores tende a mostrar-se confiante quando o assunto são seus próprios programas favoritos”.

Em artigo sobre a novela *Terra Nostra*, transmitida pela rede Globo a partir de setembro de 1999, Tesche (2000: 51) reforça a existência dessa influência quando considera que

a telenovela trabalha o imaginário do espectador somando aos seus anseios, necessidades, preocupações e desejos de uma outra realidade também cotidiana _ esse mundo possível das personagens mostrado na tela _ constituindo-se como espaço de construção de empatia em que ele vê, mas também é visto. Nesse sentido, a telenovela é uma construção interativa, dialógica. É essa constante exigência de um comportamento ativo de ver e de ver-se que prende o telespectador e o torna fiel a essa forma mais longa de narrativa...

3.1. Novelas e estereótipos

A empregada semi-analfabeta e intrometida, sempre disposta a interferir na vida dos patrões; o homossexual que provoca o riso com seus gestos efeminados; a mulher negra, empregada, que, além dos afazeres domésticos, presta favores sexuais aos patrões; o homem da zona rural ou de cidades interioranas que, embora de “bom caráter”, revela certa inferioridade intelectual, revelada no seu sotaque “caipira”; o nordestino, fugido da seca e do atraso do Nordeste que vem para o “Sul Maravilha” buscando melhores condições de vida, trazendo consigo o famoso sotaque, digno de riso, já que se diz que soa mal em termos estéticos. Esses

são alguns dos vários estereótipos veiculados/perpetuados pelas novelas, principalmente quando há necessidade de um núcleo humorístico que dê sustentação à trama.

De acordo com Borelli (2006:1), os gêneros ficcionais na televisão, incluindo as novelas, ativam mecanismos coletivos de projeção e identificação de modo que passa a haver uma fronteira absolutamente sutil entre realidade e ficção. Dessa forma, as novelas funcionam como um suporte na composição do imaginário coletivo e, sendo o imaginário representação da realidade, há uma tendência de se pensar que o conteúdo veiculado pela televisão é a expressão daquilo que, efetivamente, vivenciamos no dia-a-dia, tanto em termos de imagem quanto em termos de linguagem.

3.2. Estereótipos construídos em relação ao Nordeste

Interessa particularmente a esta pesquisa pensar a situação do Nordeste do ponto de vista dos estereótipos lingüísticos construídos a respeito dessa região. Quando se considera o prestígio de uma língua, na verdade, o que se considera é o prestígio daquela comunidade que a utiliza. Segundo Bagno (2002: 43), todo preconceito lingüístico é, na verdade, fruto de um preconceito social e acrescenta:

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano lingüístico, atores não-nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum do Brasil, muito menos do Nordeste.

Como é o Nordeste e quem são os nordestinos no imaginário dos brasileiros? Lindoso (2005) trata dessa questão e nos oferece um quadro bastante ilustrativo a esse respeito. Segundo a

autora, todo ser humano procura apreender o mundo por meio de representações simbólicas, que é um meio de interpretar a realidade, baseado naquilo que ele conhece. Dessa forma, o imaginário é um tipo de representação simbólica, o qual permite uma construção que tenha conexão com a realidade, embora não necessariamente corresponda a ela em todos os aspectos. Na representação do Nordeste, alguns símbolos substituem a própria realidade. O Nordeste é, assim, associado à seca, à terra rachada, ao cactus. Tais símbolos, que podem suscitar orgulho em alguns e aversão em outros, operam no imaginário e ensejam construções estereotipadas, as quais vão definir quem são os nordestinos para si próprios e para os outros. Lindoso cita as músicas de Luiz Gonzaga, que canta para o nordestino que emigrou para o Sul, fugindo da seca, e evoca, nas suas canções, o sentimento de saudade e orgulho da terra natal. Por outro lado, esses mesmos símbolos são evocados pelos não nordestinos que os utilizam, negativamente, associando o Nordeste a uma região atrasada e, devido às condições climáticas desfavoráveis, sem condições de progredir. Lindoso lembra uma propaganda do Governo Federal a respeito do horário de verão, cujo locutor afirma que aquela região precisa também economizar energia, pois, caso contrário, vai ficar “*ainda mais* atrasada em relação ao resto do país” (2005: 2; grifos meus). A autora ressalta que, nesse jogo de representações simbólicas, há uma disputa de poder de forma que evocar os nordestinos implica trazer presente os não nordestinos; se o Nordeste está atrasado é “porque alguém está na frente; o Nordeste é símbolo do atraso porque alguém é símbolo do avanço” (2005:2). Criam-se, então, imagens estereotipadas do Nordeste e, conseqüentemente, do nordestino. Segundo Lindoso (2005: 4), “o próprio Luiz Gonzaga se apropriou dessas imagens ao assumir o figurino de vaqueiro com seu gibão e chapéu de couro.”

Tais estereótipos se fazem presentes em todos os aspectos, sejam eles visuais ou auditivos. A fala “cantada” dos atores interpretando personagens nordestinos em novelas da Globo é

referência clara disso. Ademais, costuma-se, nessas novelas, considerar o Nordeste como um bloco lingüístico único, ignorando-se o mosaico que constitui essa região, assim como qualquer outra.

Leite e Callou, em seu livro *Como falam os brasileiros* (2004), lembram que características de alguns estados do Nordeste estão mais próximas do Sudeste, por exemplo, do que de outros estados nordestinos. As autoras citam o exemplo da pronúncia dental do *t* e do *d* antes de *i*, considerada típica do falar nordestino. Algumas novelas exacerbam esse traço no falar baiano e não atentam para o fato de que em Salvador e no sul da Bahia *t* e *d* são *tch* e *dj* da mesma forma como falam os cariocas. O famoso *s* “chiado”, estereotipado como a identidade dos cariocas, é também típico de Recife e menos típico de Salvador, na mesma região. Isso mostra o mosaico lingüístico que são todas as regiões brasileiras. Afirmam, ainda, as autoras (2004: 21) que “o desconhecimento da interação de um conjunto de regras e representações é que gera, portanto, as falas caricaturais de personagens nordestinas nos diferentes meios de comunicação”.

Se, na mídia, a fala do Nordeste não goza do mesmo prestígio que a fala das regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste, na reação dos falantes, isso não parece ser diferente. Esse aspecto fica evidente na pesquisa de Melo (1988) a respeito das atitudes lingüísticas de estudantes brasileiros, universitários e supletivistas, sobre as variedades regionais de fala no Brasil. A pesquisa mostrou que, entre a fala do carioca, do gaúcho, do goiano, do paulista, do brasileiro, do pernambucano, esta última foi avaliada como a de menor prestígio, principalmente por universitários. De acordo com essa pesquisa (1988: 113), “o sotaque nordestino foi o único a receber médias negativas”. Também Hanna (1986), em pesquisa sobre a difusão e focalização dialetal na fala de Brasília, verificou atitudes negativas em

relação à fala do Nordeste. A autora estudou a fala de moradores de Brasília, provenientes do Rio de Janeiro e da Paraíba, e, numa segunda fase da pesquisa, a fala de jovens que nasceram em Brasília. Depois, foi feita uma análise das atitudes lingüísticas desses falantes. De acordo com Hanna (1986: 137):

O sotaque nordestino foi o mais rechaçado, [...]. Foi adjetivado como “carregado”, arrastado, cantado, grosseiro, engraçado, estranho, muito diferente, horrível; e foi até associado à ignorância. Muitas críticas foram dirigidas especificamente à variante [t, d], que é claramente um estereótipo. A palavra *titia* parece caracterizar o sotaque e foi mencionada várias vezes, entre risadas, pelos filhos de paraibanos.

Segundo a autora, um informante afirmou que “não há jeito de perder esse maldito sotaque; outro disse que “na televisão a gente ri um pouco”; e outra informante admitiu que ri muito quando fala com a irmã da Paraíba ao telefone (Hanna, 1986: 138).

Silva (1991: 86), em pesquisa sobre a fala culta de Salvador, estudou a variação na pronúncia das vogais pretônicas e documentou pronúncias como as seguintes: *ixiste/êxiste*; *isgoto/ésgoto*; *apriciar/aprêciar*; *rôbusto/róbusto*; *currida/côrrida*. Embora a pesquisadora tenha verificado 60% de ocorrências na pronúncia das vogais baixas (*ó, é*), é equivocada a impressão de que, tanto no Norte quanto no Nordeste, as vogais pré-acentuadas sejam sempre abertas. Segundo a autora, essa impressão se justifica pelo fato de as vogais altas, todas fechadas, serem comuns em todos os dialetos brasileiros e até mesmo em dialetos do português europeu. São, portanto, não marcadas. Além disso, as realizações *ô, ê*, segundo a pesquisa, têm, entre os falantes urbanos, frequência considerável; e frequência mínima entre os falantes não-urbanos e não-escolarizados (pág. 86). De qualquer forma, as vogais baixas pretônicas com pronúncia aberta não refletem a fala da totalidade dos falantes da região Nordeste. Apesar disso, essas particularidades não são consideradas nas novelas as quais preferem exagerar alguns traços, caricaturando a fala, a fim de obter efeitos cômicos. Assim, a fala do nordestino se torna objeto de riso e ele próprio se torna alvo de zombaria, graças à

caricatura e, conseqüentemente, aos estigmas em relação à sua fala. Por causa desses estigmas, alimentados pela linguagem televisiva, em especial as novelas, costuma-se supervalorizar a fala sulista em detrimento da fala do Nordeste, utilizada para fazer rir e considerada num único bloco, ou seja, iguala-se a fala de pernambucanos, cearenses, paraibanos, baianos, sergipanos, maranhenses como se, entre essas comunidades, não houvesse variação (cf. Leite e Callou, 2002: 20).

Relembramos que, nesta pesquisa, não analisamos aspectos fonológicos reproduzidos na fala dos personagens da novela *Senhora do Destino*. Voltamos nossa atenção para um aspecto de natureza morfossintática, a expressão variável do imperativo, analisada sob a perspectiva da Teoria da Variação Lingüística Laboviana, cujos pressupostos teóricos e metodológicos sintetizamos no item 4.

4. FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Este capítulo descreve o modelo teórico-metodológico da Sociolingüística Quantitativa com base nas idéias de William Labov, de David Sankoff, de Weireinch, Labov e Herzog.

4.1. Fundamentação teórica

Em 1963, o lingüista americano William Labov empreendeu um estudo sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard no Estado de Massachusetts (Estados Unidos), a respeito da pronúncia dos ditongos /ay/ e /aw/, cujo primeiro elemento alternava entre mais ou menos centralizado na pronúncia local. A pesquisa mostrou que havia traços lingüísticos e sociais condicionando essa variação e Labov chegou à seguinte conclusão: os moradores que tinham

uma atitude mais positiva em relação à ilha centralizavam mais os ditongos, de forma que os que queriam ficar na ilha adotavam a pronúncia típica da ilha; os que queriam ir embora adotavam a pronúncia mais geral (Labov, 1972). Esta pesquisa evidenciou a importância de aspectos sociais no entendimento dos processos de variação e mudança lingüística e revelou a importância de se aprofundar questões sociais mais sutis do que propriamente faixa etária, gênero, etnia, etc. O que estava em jogo na ilha era a identidade ou a não identificação dos moradores com o lugar. O traço de mais ou menos identidade com a ilha desencadeou a adoção de traços lingüísticos variáveis, confirmando, assim, que processos sociais e lingüísticos estão intimamente relacionados.

A pesquisa em Martha's Vineyard serviu de base para o modelo teórico-metodológico, iniciado por Labov, conhecido como *Teoria da Variação Lingüística* ou *Sociolingüística Variacionista* ou *Sociolingüística Laboviana* ou, ainda, *Sociolingüística Quantitativa*. Este último termo se justifica pelo fato deste modelo utilizar métodos probabilísticos para o tratamento das variáveis, como veremos adiante.

Labov (1975: 203) insiste na relação intrínseca entre linguagem e sociedade e postula que é possível sistematizar a variação existente na língua. Se há restrições lingüísticas e sociais condicionando a variação, essas restrições podem ser controladas a fim de se dar conta da heterogeneidade que, aliás, é o estado natural de qualquer língua. Labov mais uma vez enfatiza: “a heterogeneidade não é somente comum, mas é o resultado natural de fatores lingüísticos básicos. Temos argumentado que é a ausência de mudança de estilo e de sistemas de comunicação multilaterais que seria não funcional” (1975: 203)⁵. A língua não é homogênea e a variação se situa justamente no plano do sistema. O que antes era considerado

⁵ cf. Original: that heterogeneity is not only common, it is the natural result of basic linguistic factors. We argue that it is the absence of style-shifting and multilayered communication systems which would be dysfunctional.

“variação livre”, a Sociolingüística Variacionista procura demonstrar que, na verdade, está correlacionado a diferenças lingüísticas e sociais sistemáticas. Em estruturas do tipo

- (i) Me MOSTRA uma desta cor aqui (Diálogos);
- (ii) MOSTRE, por favor. A cor é bonita, mas o amarelo está realçando mais (Diálogos);
- (iii) Ah, Dirceu, DESCULPA, é em sentido figurado; é verdade, não sou de Brasília, mas como uma ex-retirante também sei muito bem falar através de metáfora (Senhora do Destino);
- (iv) DESCULPE aí, hoje é um dia especial. Tenho que passar no posto do INSS... (Senhora do Destino);

a preocupação da Sociolingüística Variacionista é verificar quais fatores lingüísticos _ fonológicos, morfossintáticos, discursivos, lexicais_ ou extralingüísticos_ faixa etária, idade, sexo, classe social, fatores geográficos_ estão condicionando essa variação.

De acordo com Labov (1975: 210-211), a língua que emerge da forma vernacular sistemática é, certamente, a que pode nos oferecer bons dados. Entretanto, torna-se difícil saber se realmente obtivemos dados do vernáculo. Por isso, amostras de outro tipo podem ser muito úteis, pois nos ajudam a avaliar se realmente tivemos êxito nesse aspecto. Dados obtidos, por exemplo, de lugares públicos, onde muitas pessoas estejam juntas, e dos meios de comunicação de massa também são passíveis de observação e análise. Neste último caso, haverá fortes restrições estilísticas, mas esse tipo de amostra pode nos fornecer elementos que nos permitam analisar a fala da população.

Trabalhando com descrição e análise de fenômenos variáveis, a Sociolinguística Variacionista necessita de uma ferramenta metodológica que lhe possibilite analisar com precisão os dados que se apresentam. De acordo com Sankoff (1988b: 984),

sempre que a escolha entre duas (ou mais) alternativas discretas puder ser percebida como tendo sido feita durante o desempenho lingüístico, e sempre que esta escolha puder ser influenciada por fatores tais como traços do ambiente fonológico, contexto sintático, função discursiva do enunciado, tópico, estilo, situação interacional ou características sociodemográficas ou pessoais do falante ou de outros participantes, estamos diante de uma situação apropriada para recorrer a noções e métodos estatísticos conhecidos pelos estudiosos da variação lingüística como *regras variáveis*.

A Sociolinguística Variacionista, ao correlacionar, em sua análise, fatores lingüísticos e sociais, traz à tona a preocupação com as minorias étnicas, com os dialetos não-padrão e, sobretudo, com a situação educacional e a dificuldade de ascensão das classes menos favorecidas (Vandersen, 1974: 10). Também Sankoff (1988a: 4) ressalta que a Sociolinguística Variacionista deve ter um papel emancipador, buscando desfazer estereótipos lingüísticos, principalmente em relação a dialetos não-padrão e à fala das minorias:

Esse tipo de pesquisa gera, caracteristicamente, críticas coerentes, explícitas e demolidoras das ideologias classistas, racistas e outras ideologias lingüísticas dominantes, com seus normativismos, prescritivismos e estereótipos sobre lógica, estética e inteligibilidade. Além disso, esse trabalho, inevitavelmente, tem repercussões sociais para a comunidade mais ampla, provocando a atenção da mídia, o debate intelectual e a crítica previsivelmente hostil dos estabelecimentos educacionais e literários e de outros profissionais da linguagem, desmascarando, assim, um interesse na manutenção de um *status quo* repressivo. É ao engajar-se neste conflito de ideologias que a lingüística pode ter um papel socialmente emancipador (p. 4)

Sankoff (1988a: 5) enfatiza que apenas os aspectos científicos da lingüística não são suficientes ou, por si sós, relevantes para chamar a atenção às minorias, pois, tratando a língua como objeto formal, ela mais uma vez beneficiará a classe dominante que é quem

detém os meios científicos e tecnológicos. Segundo Sankoff (1988a: 5), a lingüística deve levar toda a sociedade a uma reflexão crítica social-científica sobre o uso da língua, interpretando e refletindo, obrigatoriamente, sobre seu método. Sankoff lembra que o estudo de Labov sobre o inglês negro nas escolas produziu efeito, não necessariamente por seus resultados científicos, mas por ter provocado uma discussão pública nacional, chamando a atenção para o fato, despertando e mudando a consciência sobre o problema.

4.2. Metodologia

A Sociolingüística variacionista preocupa-se com o entendimento da *heterogeneidade ordenada* que sistematiza o fenômeno variável. Como foi dito anteriormente, há fatores__lingüísticos e extralingüísticos__influenciando as escolhas que o falante faz. Segundo Sankoff (1988b: 984), para se usar uma ferramenta que extraia cálculos quantitativos, “o processo de escolha tem de ser recorrente. Inferência extrai regularidades e tendências a partir de dados que presumivelmente têm um componente aleatório, o que os faz aparentar menos estrutura e mais exceções do que realmente possuem.” Aplica-se um cálculo probabilístico aos dados de forma que sejam extraídas regularidades e tendências a partir de contextos variados. O pesquisador, por sua vez, formula as hipóteses e extrai delas e dos números a interpretação lingüística ou extralingüística que tenha importância para a sua pesquisa. Diferentes fatores são responsáveis pelo processo de escolha de uma forma lingüística; por meio de instrumental estatístico, é possível verificar quais fatores condicionam uma escolha ou quais fatores desfavorecem-na. Nas palavras de Naro (2003:16), a Sociolingüística Variacionista avalia o *quantum* com que cada fator contribui para a realização de uma ou outra forma lingüística: “a operação de uma regra variável é sempre o efeito da atuação simultânea de vários fatores”. Uma variável dependente é o

conjunto de variantes analisadas no fenômeno em estudo, no caso desta pesquisa, há duas variantes: o indicativo e o subjuntivo, que se alternam no uso do imperativo, sendo este a variável em questão. Ao conjunto de fatores __ lingüísticos ou extralingüísticos__ que podem favorecer uma escolha, dá-se o nome de variáveis independentes.

Nesta pesquisa, utilizamos o pacote Varbrul, conjunto de programas implementado por Pintzuk (1988), que dá tratamento estatístico a fenômenos variáveis. Este instrumental calcula as freqüências e pesos relativos, ao efetuar vários cruzamentos entre grupos de fatores, a fim de se buscar a relevância estatística dos resultados projetados. Os fatores de cada grupo recebem um código para que o programa gere freqüências absolutas e relativas, em relação às variantes da variável dependente, para cada grupo de fatores. De acordo com Naro & Scherre (2003: 148), os grupos de fatores “são uma forma de operacionalizar hipóteses a respeito do funcionamento de fenômenos lingüísticos variáveis”. Dessa forma, é importante que o pesquisador seja perspicaz na escolha de grupos de fatores e no levantamento de hipóteses relevantes para a sua pesquisa.

Após a codificação, os dados passam por uma primeira etapa de análise, gerando as freqüências absolutas e relativas. Nessa etapa, há fatores que podem apresentar efeito invariante ou categórico, são os conhecidos *knockouts*. Considerando que o programa que gera pesos relativos é apropriado apenas para fenômenos lingüísticos variáveis, os fatores de efeito categórico devem ser excluídos desta etapa da análise quantitativa, retirados ou amalgamados a outros fatores. Evidentemente, para se tomar essa decisão, é preciso considerar critérios lingüísticos e estatísticos, conforme salientam Naro & Scherre (2003: 153). Os dois autores enfatizam que os fatores categóricos fazem parte da análise lingüística, afirmando que

os dados que evidenciam real efeito categórico são, todavia, de fundamental importância para se ter uma visão de conjunto do fenômeno lingüístico sob análise. Portanto, eles *não são* retirados da análise lingüística [...]. Os fatores de efeito categórico podem trazer contribuição importante para se observar, por exemplo, o início ou o fim de uma mudança lingüística, ou a especialização de significado referencial, de funções discursivas ou de funções pragmáticas (idem; grifos meus).

A etapa seguinte consiste, portanto, em submeter os grupos de fatores ao cálculo dos pesos relativos. Em uma análise de duas variantes, como a nossa, os pesos relativos medem o efeito de cada fator em relação à primeira variante da *rodada*. O programa opera com um nível de significância (*threshold*) de 0,05 e com o teste da máxima verossimilhança, cuja medida é o *log likelihood*. Quanto menor o *likelihood* maior a chance daquele grupo de fatores estar condicionando a variação. Tais procedimentos estatísticos concorrem para a rejeição ou não da hipótese nula, ou seja, é preciso verificar, estatisticamente, se a variação existente é aleatória ou se a variável independente ou grupo de fatores analisado realmente dá conta de parte da variação. A hipótese nula estipula que a variação presente nos dados é aleatória e o que se objetiva é a rejeição da hipótese nula. Dessa forma, o programa trabalha com 95% de confiança de que ela não se sustente. Para refutar a hipótese nula, o programa opera em diversos níveis, comparando as variáveis independentes e projetando pesos relativos aos seus fatores. Se houver significância estatística, um grupo de fatores é escolhido e, a ele, são adicionados os demais, um a um. É o denominado método *step up*. É nesse nível de análise que ocorre a seleção de todas as variáveis significativas. Para que não restem dúvidas, o programa realiza o processo inverso: atribui pesos relativos a todos os fatores e vai retirando, uma a uma, as variáveis independentes de forma a eliminar o grupo menos significativo estatisticamente. Esse processo recebe o nome de método *step down*. Nesse nível de análise, verifica-se “se todas as variáveis efetivamente selecionadas não são eliminadas, se todas as variáveis não selecionadas são também eliminadas e se há variáveis

que não são nem selecionadas nem eliminadas” (Naro & Scherre, 2003:165). Caso haja grupo que não tenha sido nem selecionado nem eliminado, cabe ao pesquisador analisar e avaliar o porquê desse comportamento da variável. Segundo Sankoff (1988b: 991-992),

O ideal é que a análise *step-down* pare de eliminar grupos quando os restantes fazem parte do conjunto de grupos que foram adicionados na análise *step-up*. Neste caso, podemos estar bastante seguros de que este é o conjunto de grupos de fatores ideal. Às vezes, as duas análises podem não coincidir. Neste caso, os grupos que não foram nem adicionados pelo *step-up* e nem eliminados pelo *step-down*, e aqueles que foram adicionados e eliminados apresentam *status* não definido⁶.

De todo o conjunto dos pesos relativos gerados nos vários níveis de análise, o mais relevante estatisticamente, e que vai compor gráficos e tabelas quando dos comentários e reflexões do pesquisador, é aquele em cujo nível se encontram todas e somente as variáveis consideradas significativas.

O pacote de programas Varbrul permite ao pesquisador várias possibilidades de alteração das rodadas: inserir, retirar, amalgamar, recodificar grupos de fatores, fazer cruzamento de alguns ou de todos os grupos de fatores, buscar erros. Entretanto, vale lembrar que o Varbrul é apenas um instrumental; nas palavras de Naro & Scherre (2003: 153), “devemos ter sempre em mente que a estatística é apenas uma ferramenta que nos auxilia se formos bons cientistas; de outra forma, ela nos fornecerá números sem qualquer significado”.

Para a realização desta pesquisa, gravamos 40 capítulos, em fitas VHS, da novela *Senhora do Destino*, transmitida pela Rede Globo de televisão no período de 28 de junho de 2004 a

⁶ Cf. original: Ideally, the step-down analysis stops discarding groups when it is left with just the set of groups that were added in the step-up. In this case, we can be fairly sure that this is the optimal group of factors. Occasionally, the two analyses do not coincide in this way. In this case, the groups which were neither added by the step-up or discarded by the step-down, and those that were both added and discarded, remain of uncertain status.

11 de março de 2005 e que foi ao ar com 222 capítulos. As gravações, feitas em intervalos periódicos, somam um total de 803 dados.

Para a análise da fala de Recife, utilizamos o *corpus* dos projetos Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e da Escrita (NELFE) e Norma Urbana Culta (NURC) de Recife, gentilmente cedidos à professora Marta Scherre pelo professor Luiz Antônio Marcuschi e pelas professoras Maria da Piedade M. de Sá, Judith Hoffnagel e Ângela Paiva Dionísio, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O NELFE existe desde 1995, na Universidade Federal de Pernambuco, e analisa as relações entre língua falada e escrita a partir de dados empíricos agrupados em gêneros textuais. Um dos objetivos deste projeto é mostrar que a relação fala-escrita se dá dentro de um *continuum* e esse modo dinâmico a partir do qual é vista essa relação tem mostrado que a diferença entre essas duas modalidades é menor do que se tem dito tradicionalmente. O *corpus* do NELFE (que somam mais de 600 textos da fala e da escrita), de grande importância para a pesquisa lingüística no Brasil, vem sendo utilizado por pesquisadores de todo o país e também do exterior.

O projeto NURC, criado na década de 1970, constitui um banco de dados de falantes universitários gravados em cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. As pesquisas com o NURC vão desde a fonologia e morfossintaxe a estudos pragmático-discursivos nos vários tipos de interação verbal. O projeto NURC, igualmente importante, também é utilizado por pesquisadores de todo o Brasil.

Outro *corpus* importante para a nossa pesquisa foram os dados de língua falada, extraídos da dissertação de Mestrado de Neide Durães Sette: *Formas de tratamento no Português*

Coloquial (1980) da UFPE, orientada pelo professor Marcuschi. Demos ao arquivo composto por esse *corpus* o nome de *Diálogos*.

As amostras somam 17 arquivos do NELFE, 12 do NURC e 1 de Sette (1980). Os arquivos do NELFE estão assim distribuídos:

Arquivo	Falante(s)
1- Entrevista	Uma mulher mais a entrevistadora
2- Entrevista	Mulher e entrevistador
3- Conversação natural da Banda de Pau e corda	Músicos, amigos, todos do sexo masculino, 25 a 40 anos de idade; alguns são músicos profissionais
4- Conversação natural	Cinco mulheres e dois homens, 22 a 30 anos, com curso superior
5- Conversação natural oculta	Quatro mulheres, 22, 25, 26, 28 anos, curso superior; uma mulher, 55 anos, curso primário; dois homens, 28 e 30 anos, com 2º.grau.
6- Conversação natural (gravação oculta)	Socióloga, 28 anos; senhora aposentada; estudante, sexo masculino, 23 anos; universitária, 23 anos, entrevistadora.
7- Conversação natural (gravação oculta)	Duas mulheres; um homem.
8- Conversação natural (gravação oculta)	Homem, fazendeiro, 2º.grau; quatro homens, semi-analfabetos, trabalhadores rurais.
9- Palestra	Dr. Delgado
10- Entrevista	Mulher, 28 anos, empregada doméstica, analfabeta.
11- Entrevista televisiva	Entrevistadora: repórter; entrevistada: professora universitária
12- Conversa em sala de aula	Falantes universitários: um homem, 25 anos; duas mulheres, ambas com 23 anos.
13- Festa de aniversário	Dois engenheiros, ambos com 42 anos; médico, 39 anos; médica, 37 anos; todos da classe média.
14- Conversação natural, reunião entre amigos (gravação oculta, exceto para uma mulher de 35 anos)	Quatro mulheres, com nível superior, 30, 35, 37, 40 anos; homem, 60 anos, aposentado.
15- Diálogo entre dois informantes	Dois homens, advogados, 39 e 47 anos; documentadora
16- Conversa entre casal	Um homem, uma mulher, a documentadora
17- Conversação telefônica (gravação oculta)	Duas mulheres, mais ou menos 30 anos, ambas com nível superior.

Todas essas amostras (17 arquivos do NELFE, 12 do NURC e 1 de Sette (1980)) foram coletadas com o objetivo de estabelecer uma análise comparativa entre a fala do pernambucano e a fala da protagonista da novela, de origem pernambucana, a fim de verificarmos eventuais estereótipos lingüísticos com relação à fala do Nordeste em fenômenos morfossintáticos, no caso desta pesquisa, o imperativo gramatical.

5- O USO DO IMPERATIVO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Dados históricos dão conta de que, no latim clássico, havia dois tempos para o modo imperativo: o presente e o futuro. As línguas românicas não conservaram o futuro e, mesmo no período clássico, essa forma já era pouco usual; algumas formas do presente também se perderam e, em seu lugar, ficaram formas hoje associadas ao presente do indicativo ou ao presente do subjuntivo. Havia imperativo morfológico, na modalidade afirmativa, para as segundas pessoas do singular e do plural (*tu* e *vós* respectivamente); a modalidade negativa era suprida pelas formas do modo subjuntivo e se constituía independentemente do imperativo afirmativo (Elia, 1974). A gramática normativa, nas palavras de Bechara (1999: 237) e Cunha & Cintra (1985: 465), retoma a tradição histórica e afirma que, no português, existem formas próprias para o imperativo afirmativo relacionado a *tu* e *vós*; para os demais pronomes, incluindo *você*, a língua se vale de formas do modo subjuntivo, assim como para o imperativo negativo. Ainda segundo Bechara (1999: 237), para a formação do imperativo afirmativo, numa perspectiva diacrônica e atual, concorrem o presente do indicativo para a 2ª pessoa do singular (*tu*) e do plural (*vós*), suprimindo-se o *s* e o presente do subjuntivo para as demais pessoas. De acordo com os dois autores citados acima, o imperativo negativo é totalmente suprido pelo presente do subjuntivo. Assim, em português, a gramática normativa registra, em contexto do pronome *tu*, formas como *ama/não ames*, *beija/não beijas*, *parte/não partas*; em

contexto do pronome *você*, a gramática registra formas como *ame/não ame*, *beije/não beije*, *parta/não parta*.

Segundo Faraco (1986), não há consenso entre os gramáticos contemporâneos a respeito da origem das formas do imperativo, se são próprias ou derivadas. Faraco cita autores como Câmara Júnior (1972), Pontes (1972), os quais concebem o imperativo afirmativo não como tal, mas como a forma da terceira pessoa do presente do indicativo. Faraco (1986), no entanto, não está de acordo com essa concepção e lembra que as formas do imperativo afirmativo eram distintas da morfologia do modo indicativo, entretanto, com o passar do tempo, houve queda do *-t* final da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, resultando numa homofonia entre esta referida forma e a segunda pessoa singular do imperativo. Daí, se conclui, segundo Faraco (1986) e conforme enfatiza Scherre (2004: 232), que, diacronicamente, não há relação direta entre o imperativo afirmativo e o indicativo. Em relação à segunda pessoa do plural, *vós*, esta desapareceu do português, ficando restrita a algumas variedades do português europeu não padrão, a linguagens excessivamente formais utilizadas nos tribunais (cf. Faraco, 1986: 4) e a algumas traduções de textos bíblicos.

Segundo Faraco (1986: 2), há, no modo imperativo singular do português, três pares de forma:

- a) *canta/não cantes* (português europeu) – formas tradicionais da segunda pessoa do singular, do imperativo, herdadas do latim; amplamente usadas no português europeu, mas praticamente extintas do português brasileiro;

b) cante/não cante (português brasileiro e europeu) – usadas no Brasil como as formas singulares básicas do imperativo⁷; e, em Portugal, correspondendo a *você* e a todas as outras formas de tratamento não familiar, que combinam com a terceira pessoa verbal;

c) canta/não canta (português brasileiro) – formas, segundo Faraco, duplamente surpreendentes, pois, primeiro, estão em oposição a (a) e (b) e, segundo, sendo *não canta* a forma diretamente negada, também está em oposição ao par padrão de segunda pessoa do imperativo. Faraco defende a tese de que, nesse caso: “sempre que uma língua nega o imperativo com uma forma diferente do verbo, e uma forma imperativa diretamente negada emerge, esta última _ mantidas as demais condições _ necessariamente desenvolve uma especialização pragmática” (1986: 7), ou seja, o falante utiliza aquela forma que for mais expressiva, ainda que, para isso, necessite lançar mão de formas “inesperadas”.

Embora não seja objeto de discussão, nesta pesquisa, é interessante ressaltar que essa “especialização pragmática”, no uso do imperativo, atribui força ilocucional ao ato de fala, ou como uma ordem peremptória ou como uma súplica humilde. Faraco (1986: 9) lembra que “esses valores aparentemente contraditórios da forma sugerem claramente que qualquer forma tem um valor sempre em relação ao discurso e que a significação de um enunciado de modo algum se esgota no conteúdo semântico do signo isolado.”⁸

⁷ Faraco (1986: 1) argumenta que *cante/não cante*, por exemplo, “podem ser consideradas formas básicas, já que o tratamento do interlocutor no Brasil é predominantemente feito com formas lingüísticas que ocorrem com a 3ª. pessoa verbal.” Entretanto, pesquisas têm mostrado que as formas básicas, ou menos marcadas no português brasileiro, para o imperativo, são as formas associadas ao indicativo: *canta/não canta*. Ademais, como mostram as pesquisas, a forma verbal e a pessoa, seja *tu* ou *você*, não têm mais associação direta.

⁸ Matos e Wickert (2003: 35-36) mediram este aspecto ao analisarem a variação do imperativo na obra de Chico Buarque de Hollanda. A pesquisa mostra que atos de fala marcados favorecem o imperativo no indicativo: uma solicitação com marca de solidariedade favorece-o em 80%; súplica humilde favorece o imperativo no indicativo em 86%; uma ordem reforçada ou rude favorece-o em 93%; atos de fala não marcados (64%) tende ao desfavorecimento do imperativo no indicativo, considerando-se a média de 73%. Entretanto, uma repreensão também evidencia desfavorecimento do imperativo no indicativo com 21% de ocorrências. Os resultados apresentados confirmam, parcialmente, a hipótese de Faraco (1986), em termos de tendências, sem especialização pragmática categórica.

Ainda de acordo com Faraco (1986: 8), devido à predominância de *você* sobre *tu* no português brasileiro, o traço pragmático da forma *não canta*, por exemplo, se estendeu para o imperativo afirmativo – *canta* – o qual perdeu seu *status* de forma afirmativa básica e passou a ser usado também para o pronome *você*.

5.1. Os pronomes *tu* e *você* no português brasileiro

Em abordagem diacrônica, Faraco (1996: 52) observa que a “heterogeneidade social e as mudanças nas relações sociais podem determinar alterações na língua” e nos fornece dados que corroboram essa afirmação a partir do estudo do pronome *você* no português.

Segundo Faraco (1996: 54-65), a organização do latim tardio se dava em torno do pronome *tu* para tratamento menos formal, mais íntimo, e do pronome *vós* usado no tratamento formal a um único interlocutor ou para se referir a mais de um interlocutor sem marca de formalidade. Dessa forma, havia formas verbais específicas para a segunda pessoa do singular e plural, respectivamente. Já na metade do século XIV, a burguesia passa a competir com a nobreza, econômica e politicamente. São introduzidos, além de novos padrões de vida, novos padrões de tratamento do interlocutor. O pronome *vós* já não era mais suficiente para marcar o *status* do rei, personagem social única, no dizer de Faraco. Foi criada, então, para ele, a forma *Vossa Mercê*, criação medieval que se relacionava com a distribuição da justiça pelo rei e com sua proteção: a mercê do rei, assim como *Vossa Senhoria* que se relaciona com o senhorio feudal, fazendo referência às grandes extensões de terra que possuía. Assim, no português, esse sistema de tratamento vai passando por reformulações, de forma que acabaram se generalizando expressões que faziam referência aos interlocutores, combinando-se, essas expressões, com a terceira pessoa verbal, mas com a forma nominal fazendo referência direta

à segunda pessoa. Formas como *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Excelência*, *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, usadas, inicialmente, com referência exclusiva ao rei, foram, principalmente a partir do século XV, introduzidas na língua, graças a essas transformações nas estruturas sociais, econômicas e políticas ocorridas na época. Com o passar do tempo, expande-se o uso de *Vossa Mercê* e *Vossa Senhoria*, que se tornam formas de tratamento não íntimo para iguais na aristocracia, exigidas também das pessoas de *status* social inferior. *Vossa Mercê* foi tão amplamente difundido e popularizado, no tratamento não íntimo, que perdeu seu valor honorífico para a aristocracia. Com o tempo, a forma *Vossa Mercê* se arcaíza, ainda mantendo seu valor como uma forma de tratamento respeitosa, e dá lugar a *você*, forma originária, possivelmente, na pequena burguesia.

Segundo Faraco (1996), a explicação para o uso generalizado de *você* no português brasileiro reside no fato de que os primeiros imigrantes vindos para o Brasil na época colonial faziam parte dessa pequena burguesia. Essa população não aristocrática fazia uso generalizado da forma *Vossa Mercê* e de suas variantes. Nesse tempo, à medida que *vós* se arcaizava, simultaneamente, ocorria a simplificação fonética de *Vossa Mercê*.

No português europeu, atualmente, o pronome *tu*, via morfologia verbal explícita, é usado no tratamento íntimo, e *você*, via morfologia verbal não explícita, é usado no tratamento não solidário, nos termos de Faraco. No português brasileiro, o pronome *você* é de uso generalizado; em algumas localidades, é usado para tratamento íntimo; em outras, para tratamento mais formal; o pronome *tu* também é de uso comum em muitas regiões do Brasil, embora, em várias localidades, seja utilizado em falas informais com forma verbal na 3ª. pessoa. Lucca (2005: 117), em pesquisa sobre a variação *tu/você* na fala brasiliense, constatou que o pronome *tu* é recorrente na linguagem dos adolescentes quando estes utilizam a gíria e

que a sua utilização se faz em contextos solidários e com verbo na 3ª. pessoa. A autora acrescenta que, devido ao fato de a forma verbal com esse pronome ocorrer sem concordância e entre íntimos, tem-se a impressão de que o *você* é a forma recorrente em qualquer contexto conversacional. Paredes Silva (2003: 160-169), em pesquisa sobre a fala do Rio de Janeiro, verificou que os cariocas estão voltando a utilizar o pronome *tu*, “categoricamente acompanhado da forma verbal de terceira pessoa” (pág. 162), de forma cada vez mais crescente, não se restringindo apenas aos jovens ou a camadas sociais mais baixas. A autora lembra que também a mídia tem explorado o uso do *tu* e que, nas novelas, esse pronome é utilizado por personagens mais pobres. Entretanto, Paredes Silva (2003: 163) constata que o uso do *tu* “se alastra na área do Rio de Janeiro, ultrapassando as barreiras de idade e grupo social”.

De acordo com Scherre (2004: 232):

embora haja maior probabilidade de ocorrência da forma imperativa associada ao subjuntivo em enunciados de polaridade negativa no português brasileiro, pares como *fala/não fala*, *abre/não abre*, *faz/não faz*, todos associados ao indicativo, encontram-se facilmente em contexto explícito do pronome *você*, em estados brasileiros (1) que não têm pronome *tu* em seus falares, como em Minas Gerais, na região Sudeste, e Goiás, na região Centro-Oeste; (2) que alternam o uso do *você/tu*, como Rio de Janeiro, na região Sudeste; ou (3) que alternam o uso do *tu/você*, *você/tu*, como Rio Grande do Sul e Santa Catarina, na região Sul.

Reafirma-se, portanto, uma constatação importante: a de que as formas verbais do imperativo não têm mais associação evidente com o tipo de pronome. Em pesquisa sobre o uso do imperativo na fala de Salvador, Sampaio (2001) constata que, lá, predomina o uso de *você* e o uso do imperativo está mais associado ao subjuntivo. Entretanto, de acordo com Scherre (2004: 232-233), em Minas Gerais, onde o *você* é de uso exclusivo, predomina o uso do

imperativo associado à forma indicativa. Dessa forma, o par *canta/ não canta*, citado como exemplo por Faraco, tanto pode ser usado em contexto de *tu* quanto de *você*.

Scherre (2005b) prefere os termos “mais ou menos distanciamento” ao tratar das formas imperativas associadas aos modos indicativo ou subjuntivo. A lingüista lembra que o português europeu evidencia distribuição complementar na alternância indicativo/subjuntivo quando do uso do modo imperativo: em contexto mais íntimo, menos formal, usa-se o imperativo associado ao indicativo; em contexto menos íntimo, mais formal, usa-se o imperativo associado ao subjuntivo. Como foi dito antes, os traços mais ou menos distanciamento é que estão em jogo, e não exatamente os pronomes *tu* ou *você*.

Em pesquisa com falantes de Recife sobre as formas de tratamento no português coloquial, Sette (1980) verificou que os pronomes obedecem a uma escala hierárquica que vai de mais distanciamento para menos distanciamento na seguinte ordem: *o/a senhor/a*, *você*, *tu*. *O/a senhor/a* é usado para tratamento com pessoas mais velhas, pessoas que ocupem uma posição superior no emprego e demais tratamentos cerimoniosos; *você* é de uso generalizado sendo usado tanto para tratamentos mais íntimos quanto mais formais; o pronome *tu* é usado para tratamento em que se tenha maior intimidade e familiaridade. Segundo a pesquisa, tanto o pronome *tu* quanto *você* fazem parte da linguagem coloquial do recifense. O pronome *você* é a forma mais usada, embora o *tu* seja também muito usual. Alguns falantes declararam usar ambos os pronomes indistintamente.⁹

⁹ A pesquisa de Sette (1980: 87-97) revela aspectos mais complexos com relação ao uso dos pronomes, como o grau de intimidade, a categoria sócio-profissional, o ambiente, o grau de instrução, a idade, que podem prevalecer uns sobre os outros.

5.2. Pesquisas sobre o uso do imperativo no português do Brasil

As pesquisas sobre o uso variável do modo imperativo se iniciaram com alunos de graduação da Universidade de Brasília, sob a orientação da lingüista Maria Marta Pereira Scherre, a partir de 1993. Desde então, vários pesquisadores têm se debruçado sobre este fenômeno, analisando dados tanto de língua falada quanto de língua escrita. Pesquisas realizadas em vários estados têm sido decisivas para ampliar a análise do imperativo gramatical e se chegar a um entendimento global desse fenômeno.

Scherre (2005b) assim sintetiza as pesquisas realizadas sobre os percentuais de imperativo associado à forma indicativa em várias regiões do Brasil:

- 95% a 98% de imperativo associado ao indicativo na fala espontânea de Brasília – região Centro-Oeste – década de 90, em contexto de predominância do pronome *você* (Scherre alii, 1998; Rodrigues, 1993);
- 100% de imperativo associado ao indicativo na fala espontânea de Goianésia – região Centro-Oeste – final da década de 90, em contexto exclusivo do pronome *você* (Ferreira & Alves, 2001);
- 92% de imperativo associado ao indicativo na fala formal e informal de Brasília – região Centro-Oeste – década de 90, em contexto de predominância do pronome *você* (Silva, 2003);
- 95% de imperativo associado ao indicativo na fala espontânea de Campo Grande – região Centro-Oeste – final da década de 90, em contexto exclusivo do pronome *você* (Lima, 2004);

- 98% de imperativo associado ao indicativo na fala do Rio de Janeiro – região Sudeste – década de 80, em contexto de alternância dos pronomes *você/tu* (Morais, 1994: 12);
- 94% de imperativo associado ao indicativo na fala do Rio de Janeiro – região Sudeste – década de 90, em contexto de alternância dos pronomes *tu/você* (Sampaio, 2001: 109);
- 100% de imperativo associado ao indicativo na fala espontânea de Florianópolis – região Sul – década de 90, em contexto de alternância do pronome *você/tu* (Bonfá, Pinto & Luiz, 1997: 10-11);
- apenas 28% de imperativo associado ao indicativo na fala de Salvador – região Nordeste – década de 90, em contexto de predominância do pronome *você* (Sampaio, 2001: 79-80);
- apenas 34% de imperativo associado ao indicativo na fala de João Pessoa – região Nordeste – década de 90, em contexto de predominância do pronome *você* (Alves, 2004: 54)¹⁰.

Observando a síntese das pesquisas, podemos verificar que localidades das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul constroem o imperativo associado à forma indicativa; localidades da região Nordeste usam a forma associada ao subjuntivo na realização do imperativo. Tais pesquisas comprovam o que dissemos antes: a alternância indicativo/subjuntivo quando do uso do imperativo não está mais diretamente associada com o uso de *tu* ou *você*, haja vista o fato de nas capitais Brasília e Salvador, por exemplo, predominar o uso do *você* e, no entanto, a fala desta favorecer o uso do imperativo no subjuntivo e a daquela favorecer o imperativo no indicativo. O estudo de amostras de Recife, além de nos permitir um estudo comparativo

¹⁰ Segundo Scherre (2005), a pesquisa de Bonfá, Pinto e Luiz, realizada em 1997, evidencia que “em Lages – região Sul – as pesquisas, com a fala espontânea, explicitaram 100% de forma indicativa em contexto exclusivo do pronome *você*, na década de 90, paradoxalmente, em situações de menor intimidade; 0% de forma indicativa em contexto exclusivo do pronome *você*, na década de 90, paradoxalmente, em situações de maior intimidade”.

com dados da novela, vai também nos dizer se mais uma cidade da região Nordeste segue a mesma tendência – uso do imperativo na forma predominantemente associada ao subjuntivo.

6- UM POUCO DA HISTÓRIA DE PERNAMBUCO E RECIFE¹¹

“O mar que quebra nas praias”; “Buraco de mar”; “Mar furado”. *Paranápuka*. Pernambuco. A origem do nome é controversa. E Pernambuco, a capitania hereditária entregue a Duarte Coelho, terra das vilas de Olinda, prosperou e foi terra do açúcar, do algodão, alvo da cobiça dos holandeses. E eles vieram, e foram expulsos; vieram os conflitos e a história oficial conta que Pernambuco empobreceu. Palco de revoltas, de lutas, de ideais, a “terra dos altos coqueiros”, localizada no centro-leste da região Nordeste, entra no século XXI com uma população de 7.910.992 habitantes, segundo censo de 2001; quase dois milhões deles moradores da zona rural. É o segundo estado mais populoso do Nordeste. Seus 184 municípios se espalham pelo litoral/mata, pelo agreste e pelo sertão. Lá, no sertão, chove pouco. Secas periódicas. 88,84% de Pernambuco encontra-se no chamado Polígono das Secas. Lá onde está o sertão. E aqui começam nossas informações estereotipadas: sertão e seca mantêm uma relação metonímica. Quem de nós, “sulistas”, nunca se lembrou ou imaginou uma paisagem de desolação ao ouvir a expressão *sertão nordestino*? Esse sertão tem muitas faces; se não o conhecemos, ouvimos dizer, e o que ouvimos dizer depende das posições políticas e sociais de quem o visitou. Luís da Câmara Cascudo, conhecido historiador e folclorista, se ressentiu de o sertão – sua gente, sua culinária, seus costumes, enfim, seus aspectos culturais – não receber o devido reconhecimento nacional, e insiste numa questão lingüística interessante: diz ele que a fala do sertanejo e muitas das expressões que este usa

¹¹ As informações sobre Pernambuco e Recife foram extraídas dos seguintes sites: <http://www.pe-az.com.br>; <http://www.recife/recife.htm>; <http://pt.wikipedia.org/wiki/pernambuco>; <http://pt.tropicologia.org.br/conferencia1999sertao.html>

não é corrupção do português correto, ao contrário, conserva o português arcaico, isento da influência e contaminação de fora.

O sertão de Pernambuco guarda histórias: de conflitos entre colonizadores e populações indígenas, de tentativa de ampliação dos domínios da capitania, de sertanistas que adentravam as terras e iam se estabelecendo às margens dos rios. Aliás, situado às margens do Rio São Francisco, está o município de Belém do São Francisco, cidade onde nasceu a nossa personagem, senhora do seu destino, a fictícia Maria do Carmo. Belém do São Francisco orgulha-se das suas 88 ilhas fluviais, formadas pelas águas do “Velho Chico”, de ser a primeira cidade a introduzir no carnaval os bonecos gigantes, hoje, símbolos do carnaval de Olinda e de seu artesanato, louças, crochês e móveis rústicos. Lá, produzem-se vinhos, cultivam-se cebolas para exportação, realizam-se competições náuticas. É uma das muitas faces do sertão. Hoje, o sertão de Pernambuco conta as histórias de sua gente, com sua cultura diversa e plural e com suas tradições. É uma cultura rica e multifacetada, refletida na culinária, na música, na dança, nas manifestações religiosas e lingüísticas. De fato, vale lembrar que, no sertão, existe um povo, tantas vezes vítima, não necessariamente da natureza, mas dos poderes econômicos e políticos que se valem das vicissitudes trazidas pela seca para perpetuar situações de pobreza e miséria.

Chegamos ao Recife, capital de Pernambuco. A “Veneza brasileira”, situada no litoral, nasceu de uma pequena vila de pescadores e é cortada pelos rios Capibaribe e Beberibe. A “povoação dos arrecifes” cresceu e hoje atinge 1.421.495 habitantes, segundo censo de 2001. Cidade bonita. Quarta maior aglomeração urbana do Brasil. Disputou com Olinda e conquistou o título de capital de Pernambuco. Foram guerras históricas. “A República é filha de Olinda”,

mas, certamente se orgulha do Recife com suas belas praias, seu frevo, maracatu e o Galo da Madrugada, o maior bloco carnavalesco do mundo.

7- ESTEREÓTIPO OU MARCA DE IDENTIDADE?

Ao trabalharmos, nesta pesquisa, a questão da existência, ou não, de estereótipos lingüísticos na fala dos personagens da novela *Senhora do Destino*, deparamo-nos, também, com a importante questão da identidade: os traços lingüísticos na fala da personagem Maria do Carmo refletem a identidade lingüística nordestina, como propõe a novela?

É sabido que, com o advento do sujeito pós-moderno, não é mais possível se reportar a “identidade” sem incorrer nas várias reflexões e polêmicas que o termo suscita. E a palavra agora é mais aceitável no plural. Identidades. Porque o indivíduo moderno está fragmentado. Na concepção de Hall (2005), conhecido autor na área dos Estudos Culturais, é possível falar numa “descentração” ou “deslocamento” do sujeito. Abalaram-se aqueles aspectos que criavam em nós a idéia de pertencimento a culturas étnicas, lingüísticas, religiosas, nacionais – aquilo que constituía a nossa identidade – na visão do autor. Temos identidades. E algumas vezes contraditórias. De acordo com Hall (2005: 13):

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”.

A identidade, não sendo unificada, produz instabilidade; e, para garanti-la, precisamos de uma não identidade, precisamos de um conjunto de coisas que nos coloquem em oposição ao

outro. Os traços lingüísticos na fala de Maria do Carmo explicitam que ela *não é* carioca. Como afirma Silva (2000: 79), “A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)”.

Nesse sentido, é interessante observar como aspectos lingüísticos têm correlação direta com aspectos sociais, de modo que aqueles são definidores da identidade de determinado grupo. Um bom exemplo foi o estudo de Labov na comunidade de Martha’s Vineyard, já citado aqui. Maior ou menor centralização do ditongo engendrava o jogo da identidade. Também Pagotto (2004: 31), ao estudar a realização das oclusivas dentais diante de /i/ em Florianópolis, Santa Catarina, toca na questão central: “a grande questão para Florianópolis hoje é a identidade [...]. Se o processo de palatalização, que é o mais inovador e está intimamente associado ao estrangeiro, se inicia no centro urbanizado, isto é um sintoma da crise de identidade que assola este habitante das zonas mais urbanizadas e aquele que é sujeito do processo de identidade”.

A identidade é formada, inevitavelmente, por relações de poder . De acordo com Silva (2000):

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. [...]. Dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. [...]. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder.

Essa afirmação nos leva, nesta pesquisa, a refletir sobre a seguinte questão: quando a mídia retrata a fala de uma determinada comunidade, tem a intenção de mostrar a diversidade na qual se inscrevem os membros dessa comunidade e aquilo que constitui a sua identidade ou pretende reafirmar a “superioridade” de uma comunidade sobre outra, no nosso caso, a

superioridade do Sul sobre o Nordeste? Neste último aspecto se inscrevem também os estereótipos que, como dissemos antes, também estabelecem relações de poder. Chegamos, portanto, à questão central da nossa pesquisa: os dados de fala da personagem Maria do Carmo explicitam estereótipo lingüístico com relação à fala de Pernambuco ou, ao contrário, revelam uma marca da identidade lingüística daquela comunidade?

Confrontando os dados de fala dos recifenses com os dados de fala dos personagens pernambucanos, principalmente Maria do Carmo, temos a pretensão de verificar, entre outros aspectos, se a alternância de uso do imperativo no indicativo ou no subjuntivo por esses personagens revela, de fato, um traço da identidade lingüística de Pernambuco.

8- ANÁLISE DA VARIAÇÃO DO IMPERATIVO GRAMATICAL

Esta pesquisa compara os dados extraídos da novela *Senhora do Destino* com os dados da fala do Recife em situações reais de uso. A análise comparativa nos permite, contrastando as duas amostras, verificar se há exacerbação de traços lingüísticos na fala dos personagens da novela, evidenciando a ocorrência de estereótipos, ou se há reflexo do que ocorre em situações reais de uso, sem estereotipia. É interessante observar que, sendo a novela um texto escrito, previamente preparado, é previsível um alto grau de monitoração da fala dos atores/atrizes, ainda que estes improvisem e fujam do *script*. Poderíamos dizer que há uma tendência à homogeneização das falas de cada núcleo (o núcleo pobre, o rico, etc), de modo que é possível observar uma certa rigidez nas interações lingüísticas, tendendo para a utilização da variedade menos marcada em todos os contextos.

Nesse sentido, é importante lembrar Bortoni-Ricardo (1998), que concebe o português brasileiro como um *continuum* de urbanização que vai, desde as variedades rurais mais isoladas, até a variedade urbana culta estritamente padronizada. O falante se situa em algum ponto ao longo do *continuum* e, neste, existem traços “descontínuos”, que são as características regionais e sociais, alvo de estigmas pela sociedade urbana, e traços graduais, que são as características contínuas e fazem parte do repertório lingüístico de todos os brasileiros, variando em função do grau de formalidade da fala. A lingüista propõe, para o português brasileiro, um modelo de três *continua*: o rural-urbano; o de oralidade-letramento (cujos traços vão das atividades de oralidade até as de letramento); e o de monitoração estilística (que demanda um grau de atenção e de planejamento conferido à fala em função da interação entre os interlocutores). A posição de cada falante ao longo do *continuum* vai depender, em grande parte, das suas redes de relações sociais, da familiaridade com o interlocutor e com a atividade comunicativa. Podemos verificar, na fala dos personagens de novelas, que não há traços caracterizados como descontínuos e, mesmo os graduais, não passam necessariamente pela dinâmica interacional comum nos atos de fala, principalmente se considerarmos o grau de intimidade entre os interlocutores.

Submetemos os dados da novela ao pacote de programas Varbrul e, na primeira etapa de análise, com os 803 dados, verificamos que há um favorecimento do imperativo no indicativo com uma média percentual de 69%. Considerando a necessidade de isolarmos a fala de cariocas, pernambucanos e, especificamente, a fala de Maria do Carmo, passamos a uma segunda etapa de análise adotando este procedimento. Considerando-se todos os dados levantados, que exibem alguns contextos de efeito categórico, verificamos que a fala dos cariocas favorece o imperativo associado ao indicativo com uma média percentual de 87%; a fala da personagem Maria do Carmo desfavorece-o com uma média percentual de 18%.

Em relação aos dados de fala do Recife, há uma média percentual de 51% de imperativo na forma indicativa. Esse resultado distancia-se em 36 pontos percentuais da fala dos personagens cariocas e 33 pontos percentuais da fala de Maria do Carmo o que, em princípio, revela sensível discrepância. O ideal seria que tivéssemos dados exclusivamente do município de Belém do São Francisco, cidade onde nasceu a protagonista. Como não foi possível, buscamos extrair as melhores conclusões a partir dos dados do Recife e das análises de dados de Salvador, João Pessoa e Rio de Janeiro. Já adiantamos, todavia, que, dado o fato de a maioria dos dados coletados serem de falantes de nível superior, essa média vem a ser problemática, aspecto que estaremos discutindo no decorrer do nosso trabalho e nas considerações finais. A tabela 1 nos dá uma visão geral do uso do imperativo e sua alternância indicativo/subjuntivo na fala dos personagens e na fala dos recifenses. Para compô-la, consideramos o contexto previsto pela tradição gramatical, para uso do imperativo no indicativo ou no subjuntivo, em caso de estruturas afirmativas ou negativas, e o tipo de pronome, se *tu* ou *você*.

Tabela 1- Visão geral do uso do imperativo no indicativo e no subjuntivo na fala dos personagens da novela e na fala do Recife, considerando-se o que prevê a tradição gramatical

Fatores	Fala dos personagens da novela	Fala do Recife
Contexto de imperativo associado ao indicativo pela tradição gramatical: <i>tu/teu/você</i> em afirmação	28/36 78%	9/11 82%
Contexto de imperativo associado ao subjuntivo pela tradição gramatical: negação ou <i>você</i> explícito	173/302 57%	34/104 33%
Contexto de imperativo associado ao indicativo ou ao subjuntivo pela tradição gramatical: afirmação sem pronome explícito	259/327 79%	158/281 56%
Total	460/665 69%	201/396 51%

Cinco grupos de fatores tiveram relevância estatística na novela *Senhora do Destino*, a saber, *Personagens*, *Polaridade de estrutura (afirmação/negação)* e *tipo de pronome no contexto discursivo*, *Paralelismo discursivo*, *Tipo de verbo*, *Ausência/presença*, *localização e pessoa do pronome*. Com relação aos dados do Recife, dois grupos de fatores tiveram significância estatística: *Tipo de verbo* e *Paralelismo discursivo*. O grupo de fatores *Escolaridade* teve nível de significância .077, estando, portanto, no limiar da seleção (relembramos que o nível de significância arbitrado para a seleção é de .05). Com uma melhor distribuição dos dados, este grupo certamente seria selecionado. Vale lembrar que, para o *corpus* da novela, não controlamos os grupos de fatores *Escolaridade*, *Nível de formalidade da fala* e *Fala reportada*.

É importante ressaltar, como lembram Naro e Scherre (2003:153), que a estatística é apenas uma ferramenta para auxiliar o lingüista; a interpretação dos dados depende do pesquisador e da percepção que este tem do fenômeno em análise, e da leitura adequada que fizer das frequências e pesos relativos. Nesse sentido, é conveniente que também sejam analisados os grupos de fatores que não têm significância estatística, pois eles podem nos levar à compreensão de outros fenômenos envolvidos na variação lingüística. Ademais, vale dizer que *lingüisticamente significativo* e *estatisticamente significativo* são propriedades diferentes.

Passaremos agora a analisar os dados e os grupos de fatores envolvidos nesta pesquisa, a fim de compreendermos e buscarmos identificar os condicionamentos que influenciam a escolha da forma associada ao indicativo ou da forma associada ao subjuntivo no uso do imperativo, na fala dos personagens da novela *Senhora do Destino* e dos recifenses. Pretendemos verificar se os efeitos encontrados em outras pesquisas, para a língua falada e também para a escrita, nas regiões Sudeste e Nordeste, se verificam nos resultados da análise do *corpus* da novela

Senhora do Destino e também em dados do Recife. Relembramos que, para o cálculo das frequências e pesos relativos dos fatores, consideramos a variante indicativa.

8.1. Personagens

Como nos mostram as pesquisas realizadas sobre o uso do imperativo gramatical e como atesta Scherre (2004: 235), indubitavelmente, o fator geográfico tem-se mostrado preponderante quando da realização de estudos sobre o imperativo. Como foi dito anteriormente, as pesquisas indicam que falas de estados da região Nordeste favorecem a forma associada ao subjuntivo quando do uso do imperativo; já em estados das regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste, as pesquisas revelam que os falantes favorecem o uso do imperativo associado ao indicativo. Controlamos a variável *Personagens* justamente porque ela nos permite estudar, por um lado, a fala da protagonista Maria do Carmo, de origem pernambucana, assim como os personagens Sebastião e Josivaldo e, por outro lado, a fala dos personagens cariocas, falantes naturais do Rio de Janeiro, região Sudeste. De fato, este grupo de fatores mostrou efeito vigoroso na escolha das formas indicativa ou subjuntiva quando do uso do imperativo, confirmando a forma contundente com que o fator geográfico é percebido e explorado.

Um dos nossos objetivos é verificar se o autor da novela reproduz, na fala da protagonista, características da fala do pernambucano em situações reais de uso, assim como características da fala dos cariocas. Antes, porém, é interessante ressaltar como foi construída a trama e como se deu a construção de alguns personagens.

A novela *Senhora do Destino* tematiza a saga de Maria do Carmo, que sai da pequena cidade de Belém do São Francisco, no interior de Pernambuco, em busca de melhores condições de vida para si e para seus cinco filhos no Rio de Janeiro, depois de ser abandonada pelo marido Josivaldo, também pernambucano, que foi para o Rio, prometendo buscar a família, assim que estivesse bem economicamente. A novela é dividida em duas fases: a primeira, com a duração de quatro capítulos e meio, narra as dificuldades da protagonista face a uma situação de pobreza, seca, miséria__a paisagem agreste do sertão de Pernambuco às margens do rio São Francisco é a primeira cena da novela__, a saída de sua terra natal, no ano de 1968, as vicissitudes por que passou e a chegada turbulenta ao Rio de Janeiro em plena decretação do Ato Institucional no. 5 pelo governo do general Artur da Costa e Silva. A cena focaliza Maria do Carmo e seus cinco filhos ainda crianças, incluindo um bebê recém-nascido, em meio a protestos, passeatas, tanques e soldados nas ruas. Tendo como referência apenas o endereço do irmão, Sebastião, pernambucano, que já morava no Rio há alguns anos, Maria do Carmo sente-se perdida e confusa. Ajudada por uma mulher que, ao final, lhe rouba a filha recém-nascida, a protagonista se desespera e acaba presa acusada de subversão. Na prisão, conhece Dirceu de Castro, jornalista carioca, preso pelo regime, que coincidentemente conhece o irmão dela, já que este é motorista da dona do jornal onde Dirceu trabalhava. A protagonista finalmente é posta em liberdade e se reencontra com o irmão e com os outros filhos, já prestes a serem mandados para um orfanato, além de começar uma história de amor com o jornalista que dura até os últimos capítulos da novela. A partir daí, tem início a segunda fase da novela que dá um longo salto no tempo. Nesse ponto há uma incoerência: embora, segundo a trama, tenham se passado apenas vinte anos, os personagens já se situam no ano de 2004. Maria do Carmo torna-se uma mulher realizada, próspera, com uma loja no ramo da construção civil. É a grande matriarca de uma família de filhos, genros, noras e netos, além de toda a comunidade da fictícia Vila de São Miguel na baixada fluminense que a admira e

respeita. Tem destaque, nessa segunda fase da trama, a procura incansável da protagonista por sua filha Lindalva, seqüestrada há vinte anos, e o conflito com o filho Reginaldo, político ganancioso e corrupto.

A caracterização de alguns personagens ajuda-nos a entender a tônica dessa novela que manteve bons índices de audiência durante a sua exibição:

Maria do Carmo: mulher forte, corajosa. Saiu de um pequeno vilarejo_ Belém do São Francisco_ no sertão de Pernambuco, em busca de uma vida melhor para si e seus cinco filhos. Sofreu com a fome e a miséria. Chegou ao Rio de Janeiro nos anos de 68, época de forte repressão militar. Com a ajuda do irmão, começou um negócio de materiais de construção e prosperou. Tornou-se uma mulher segura de si, solidária e muito respeitada. Mora em Vila de São Miguel, na baixada fluminense. Orgulha-se de ter criado os filhos sozinha. Também tem orgulho de suas raízes nordestinas e se auto-define como uma ex-retirante que venceu na vida.

Sebastião: irmão mais velho de Maria do Carmo e seu sócio na loja. Também nasceu em Pernambuco. Veio para o Rio alguns anos antes da irmã. Homem sério, compenetrado, cumpridor de seus deveres. Possui um código de conduta muito rígido herdado do pai e, de acordo com esse código, tenta criar os filhos. Embora seja também dono da loja de materiais de construção, prefere continuar trabalhando como motorista, como sempre fez.

Josivaldo: ex-marido de Maria do Carmo. Também pernambucano. Veio para o Sul prometendo buscar novas perspectivas para a família, mas nunca mais apareceu. Abandonou esposa e filhos. Mostra-se perfeitamente integrado à vida carioca, absorvendo seu ritmo de vida. Dado a confusões, é homem ambicioso e de mau caráter. É um dos vilões da trama.

Reginaldo, Leandro, Viriato e Plínio: filhos de Maria do Carmo; vieram ainda crianças para o Rio. Reginaldo é o primogênito, chegou ao Rio com, aproximadamente, 15 anos; usa o

prestígio do mãe para se eleger como prefeito. Leandro, foi o único dos quatro filhos que conseguiu se formar; é contador. Viriato é maitre em um sofisticado restaurante francês. Rapaz elegante e “culto” é, na verdade, auto-didata. Plínio, o mais novo dos irmãos, é preguiçoso e “boa vida”, durante o dia fica em casa e à noite sai para namorar.

Dirceu de Castro: jornalista; colunista político de um jornal carioca. Tem prestígio e é muito respeitado. Tímido, ético, reservado, é namorado de Maria do Carmo.

Viviane: esposa de Reginaldo, é ambiciosa e mau-caráter; detesta Maria do Carmo e usa meios escusos para atrapalhar os planos da sogra. Embora tenha sido criada pelo autor para ser uma personagem elegante, ao longo da trama, mostrou-se uma pessoa vulgar.

Nazaré Tedesco: a maior vilã da novela. Ex-prostituta que roubou uma criança para garantir o casamento com um homem, já que era estéril, a fim de que este lhe desse condições financeiras para abandonar a vida que tinha. Não nega o seu preconceito contra nordestinos e pessoas pobres. Sempre se refere a Maria do Carmo como “Anta nordestina” e aos filhos da protagonista como “flageladinhos”. É muito carinhosa com a suposta filha.

Isabel Tedesco: filha de Nazaré, é, na verdade, a filha roubada de Maria do Carmo. Esforçada, é ela quem sustenta a família; trabalha durante o dia no restaurante do namorado e estuda à noite. É muito dedicada à suposta mãe.

Cláudia Tedesco: jornalista recém-formada. Suposta irmã de Isabel, filha do ex-marido de Nazaré. Sua missão na trama é desmascarar a madrasta que matou seu pai e, indiretamente, foi responsável pela morte da sua mãe.

Leonardo, Gisela e Maria Eduarda: família de classe alta. Maria Eduarda namora Viriato contra a vontade dos pais, Leonardo e Gisela, pois estes acham que o namorado não tem nível social e, portanto, não está à altura da filha.

Leide Daiane, Shao Lee: moradores da baixada, amigos de Maria do Carmo. Formam, juntamente com outros personagens, a turma jovem da novela. Leide Daiane engravida aos 15

anos de Shao Lee e vê a gravidez como algo romântico. Shao Lee, por sua vez, é considerado “marginal” pelos moradores. Exige que os moradores lhe paguem para não ter suas casas arrombadas por seu próprio grupo. É temido na comunidade Pedra Lascada onde mora, embora sua suposta coragem seja uma farsa. Escolhe suas namoradas e as ameaça caso não o aceitem; também ameaça quem lhe chama por ser verdadeiro nome: Políbio.

Rita e Constantino: amiga de Maria do Carmo, é mãe de Leide Daiane e Maikel Jackson. Luta contra o alcoolismo e é vítima das agressões do marido Cigano que exige dela qualquer sacrifício para tirá-lo da prisão. Constantino é português. Veio para o Brasil por causa de uma herança deixada pelo tio. Devido à burocracia da justiça brasileira, foi enganado e perdeu tudo. É taxista. Está apaixonado por Rita. Considera-a uma mulata muito bonita e batalhadora.

Danielle: namorada de Giovanni. É caracterizada como uma jovem fútil, sem inteligência. Incapaz de “ler nas entrelinhas”. Quer ser celebridade e, por isso, já fez inúmeras plásticas.

João Manoel: filho de Giovanni. Admira o pai e vive à sua sombra. Não aceita o fato de sua irmã ser homossexual.

Jacques e Shirley: “Seu Jacques”, como é conhecido, teve a sua aposentadoria calculada erradamente pelo INSS e passa toda a trama esperando a resposta do pedido de revisão. Gosta de ler jornais e comentar tudo o que percebeu nas entrelinhas para o pessoal da praça. É alguém que diz o que pensa. Shirley é amiga de seu Jacques e de Nazaré. Muito inteligente e sensível, afastou-se da amiga por suspeitar de suas atitudes.

Bianca: filha de Reginaldo. Adolescente precoce, tem gosto pela política e é muito preocupada com o bem estar dos moradores de Vila de São Miguel. É um liderança nata.

Edgard: é namorado de Isabel, dono do sofisticado restaurante francês onde Viriato trabalha. Embora tenha sotaque francês, é brasileiro, neto da falecida Madame Legrand, dona do prostíbulo onde, no passado, trabalhou Nazaré. Utiliza sotaque francês para impressionar os clientes.

Geovanni Improtta: ex-bicheiro que se tornou empresário próspero no ramo da construção civil. Busca ser um homem honesto a fim de se livrar do seu passado condenável e ser bem visto aos olhos da sociedade. Quer ser um “outro homem”.

Os demais personagens são todos cariocas e, em sua maioria, moradores da baixada fluminense.

Os exemplos a seguir ilustram a alternância entre o uso do imperativo associado ao indicativo ou ao subjuntivo na fala dos personagens, os quais foram devidamente descritos nas páginas antecedentes:

- a) Maria do Carmo: LARGUE. Tô vendo que o senhor sem isso aqui não é nada. É. Pois muito bem, agora se AQUIETE e OUÇA o que eu tenho a lhe dizer sobre a gravidez de sua filha.
- b) Maria do Carmo: VEJA bem, ENTENDA bem, homem. O Dirceu é jornalista, pode fazê oposição a Reginaldo, ele pode botá a boca no trombone, entendeu?
- c) Maria do Carmo: Claro que me lembrei, só que ainda não fiz isso [risos]. FAÇA isso por mim, meu filho. CONVIDE seu irmão mais aquela tênia que teve a ousadia de entrar na nossa família.
- d) Maria do Carmo: Aqui não, mais na loja, sim. FAZ um favorzinho, DESCE e DÁ uma mãozinha pra Crecilda e pra Ariela.
- e) Maria do Carmo: Agora o senhor vai me dar licença que eu vou sair pra atender seu Constantino. Se precisar de algum produto, de tirá alguma dúvida, é só falá comigo. DÁ licença. Boa tarde!

f) Nazaré: Minha filha, cê me faz um favor? FALA pra tua irmã, DIZ pra tua irmã que esse amigo do teu pai é um homem muito rico, uma alma caridosa e que teu pai... e que teu pai gostava muito dele.

g) Isabel: Chega de história, ABRE logo o jogo.

h) Cláudia: Ah, não, me DESCULPA, mas ninguém empresta dinheiro a uma viúva nessas condições.

i) Feliciano: APROVEITA, BOTA pra quebrar. APROVEITA que a Leo não tá aqui pra te vigiar

j) Dirceu: Então, por favor, SEJA objetiva, VÁ direto ao ponto.

A análise do grupo de fatores *Personagens* evidencia que Maria do Carmo e Sebastião, falantes pernambucanos, usam o imperativo predominantemente associado ao subjuntivo; já os falantes cariocas explicitam uso do imperativo predominantemente associado à forma indicativa, conforme tabela a seguir.

Tabela 2a. Efeito da variável *Personagens* no uso do imperativo associado à forma indicativa

Fatores	Frequência da forma indicativa		Peso relativo dos fatores
Personagens pernambucanos			
Maria do Carmo	31/168	18%	0,08
Sebastião	4/10	40%	0,32
Josivaldo	15/17	88%	0,74
Personagens cariocas exceto Geovanni	410/470	87%	0,73
Geovanni	22/58	38%	0,25
Total	482/723	67%	

O grupo de fatores *Personagens* foi considerado pelo Varbrul o mais importante estatisticamente. Maria do Carmo evidencia peso relativo que desfavorece significativamente o indicativo (0,08), enquanto para os personagens cariocas naturais, o peso relativo é altamente favorecedor (0,73). Esses resultados seguem a tendência de uso do imperativo evidenciado em pesquisas anteriores. A protagonista Maria do Carmo, nordestina, explicita uso do imperativo associado à forma subjuntiva e os demais personagens, todos falantes nativos do Rio de Janeiro, região Sudeste, apresentam imperativo associado à forma indicativa em seus atos de fala.

A personagem *Maria do Carmo*, pernambucana e, portanto, da região Nordeste, apresenta um percentual de 18% de uso do imperativo desfavorecendo a forma indicativa. De fato, a região Nordeste, representada, nas pesquisas, pelas cidades de Salvador e João Pessoa, apresenta um percentual de 30% no uso do imperativo associado ao indicativo, ou seja, há um favorecimento do subjuntivo nessa região. Entretanto, a análise dos dados do Recife mostra que, em Pernambuco, há um equilíbrio de uso do imperativo com percentual médio de 51% favorecendo, relativamente, a forma associada ao indicativo, o que nos leva a supor uma possível exacerbação na fala da personagem quando do uso do imperativo associado ao subjuntivo.

É interessante observar que essa personagem contrasta com os demais devido, principalmente, ao seu sotaque peculiar e ao vigoroso uso do imperativo na forma subjuntiva. Considerando que, em contexto de novela, estamos numa situação de fala planejada, altamente monitorada, é previsível certa rigidez na fala dos personagens, principalmente em relação àquilo que os marca; é o caso do uso do imperativo na forma subjuntiva pela protagonista. Poderíamos considerar, nesse caso, que, tendo em vista a situação de fala

monitorada, o intenso uso do imperativo associado ao subjuntivo por Maria do Carmo se explicaria pelo viés da formalidade da fala, afinal, fala planejada tende a ser mais formal. Scherre et alii (1998) constataram que, quanto mais formal o evento de fala, mais o uso do imperativo favorece o subjuntivo. Entretanto, cremos, esta não é uma justificativa válida para o uso do imperativo no subjuntivo pela protagonista. Se a questão da formalidade se aplicasse a Maria do Carmo, deveria ser válida também para os demais personagens, inclusive para o personagem Sebastião, irmão da protagonista e oriundo da mesma região que ela. No entanto, os pesos relativos, em ambos os personagens, possuem discrepância significativa.

Sebastião evidencia uso do imperativo também desfavorecendo o imperativo na forma indicativa com peso relativo 0,32. É importante lembrar que Sebastião é pernambucano, fiel aos princípios herdados do pai e, portanto, fiel a suas tradições nordestinas. O passado, que o personagem procura preservar, manifesta-se também na fala favorecedora do imperativo na forma subjuntiva. Entretanto, os resultados referentes a esse personagem são menos robustos do que os dados da protagonista: há uma diferença nos pesos relativos de 0,24, se compararmos resultados de um e de outro. Essa diferença, considerando que ambos os personagens são pernambucanos, da mesma região, mostra que poderia haver um exagero no uso do imperativo associado ao subjuntivo na fala da personagem Maria do Carmo. Certamente, há uma tendência do autor da novela em acentuar traços na fala da protagonista a fim de diferenciá-la dos demais, sobrepondo-a também aos personagens que são seus conterrâneos: afinal este é o enfoque da novela, uma mulher que supera uma situação de miséria e vence na vida. Quem, segundo a própria elaboração da trama, representa os nordestinos, não são os personagens nordestinos, mas, exclusivamente, Maria do Carmo. A nossa hipótese de que pode haver uma exacerbação quando do uso do imperativo pela protagonista se verifica principalmente quando comparamos os dados de fala de Maria do

Carmo com dados de fala de pernambucanos em situações reais de uso. Nesse sentido, a fala de Sebastião parece refletir mais realisticamente a fala do pernambucano do que propriamente a fala de Maria do Carmo. Voltaremos ainda a este ponto ao analisarmos mais detidamente os dados de fala de pessoas do Recife, a capital de Pernambuco, no item 8.2.

Em relação a *Josivaldo*, embora o personagem também seja de Pernambuco, evidencia-se, na sua fala, favorecimento do imperativo associado ao indicativo com peso relativo 0,74, efeito quase igual ao dos personagens cariocas, peso relativo de 0,73. Construído como vilão da história, tal personagem renega seus valores, sua cultura, assimilando os valores do Sul, como uma forma de “se dar bem na vida” e de se projetar socialmente. Isso explica o percentual de 88% de imperativo na forma indicativa verificado na sua fala e o peso relativo projetado de 0,74. Em termos de elaboração do enredo da novela, podemos supor que não era intenção do autor construir o personagem Josivaldo como representante genuíno do povo pernambucano, assim como fez com Maria do Carmo.

Os demais personagens, todos cariocas, evidenciaram uso do imperativo na forma indicativa com peso relativo 0,73, efeito considerável no uso de uma variante. Analisamos também, em detalhes, os dados dos personagens cariocas, e pudemos verificar que há, até mesmo, efeito categórico, no sentido positivo, no uso desta variante, ou seja, 100% de imperativo associado à forma indicativa. Vejamos esse detalhamento na tabela 2b, a seguir.

Tabela 2b. Efeito da variável *Personagens* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala dos personagens cariocas.

Fatores	Frequência da forma indicativa	
Reginaldo	35/38	92%
Leandro	5/8	63%
Viriato	13/13	100%
Plínio	15/16	94%
Dirceu	31/44	70%
Viviane	23/26	88%
Nazaré Tedesco	66/68	97%
Isabel Tedesco	30/30	100%
Cláudia Tedesco	23/24	96%
Leonardo	2/3	67%
Gisela	19/24	79%
Maria Eduarda	5/5	100%
Leide Daiane	5/5	100%
Shao Lee	6/7	86%
Rita	10/10	100%
Daniele	16/16	100%
João Manoel	4/4	100%
Jacques	6/7	86%
Shirley	21/21	100%
Bianca	13/14	93%
Edgard	6/6	100%
Demais personagens	115/144	80%
Total	469/533	88%

Como podemos observar na tabela 2b, todos os personagens cariocas realizam o imperativo favorecendo a forma associada ao indicativo. Alguns, aliás, utilizam apenas o imperativo no indicativo como verificamos nos dados de efeito categórico, cujo percentual é da ordem de 100%.¹²

No Sudeste, região de origem dos personagens cariocas, o percentual de uso do imperativo no indicativo é da ordem de 90%.(ALVES, 2004; JESUS&OLIVEIRA, 1995; SCHERRE et al.,

¹² O personagem Constantino não está incluído na tabela por ser português; aliás, o ator que interpreta o personagem também é português. Há apenas um dado dele na amostra, este favorecendo o imperativo no indicativo.

1998). Analisando dados do Rio, Sampaio (2001) verificou, em entrevistas da década de 90, favorecimento da forma associada ao indicativo quando do uso do imperativo, o que mostra que o autor da novela se aproxima bem da realidade carioca. A tabela 3, com os resultados extraídos de Sampaio (2001), mostra a diferença percentual entre os dados de Salvador, região Nordeste, e os dados do Rio de Janeiro, região Sudeste.

Tabela 3. Freqüência de uso do imperativo associado ao indicativo nos dados de Salvador e do Rio de Janeiro, conforme resultados apresentados por Sampaio (2001).

	Falantes de Salvador		Falantes do Rio de Janeiro	
Emprego do imperativo no indicativo	136/479	28%	243/258	94%

É interessante lembrar que o uso das formas do imperativo parece mesmo não estar relacionado com a distribuição de uso dos pronomes *tu* e *você* nas várias regiões do Brasil, o que corrobora a tese de Faraco (1982) sobre a perda de associação entre a forma verbal associada ao imperativo e o uso do pronome.

De acordo com Sampaio (2001: 102), “os resultados apresentados [por estas variáveis] podem levar a crer que a forma inovadora do imperativo [a forma associada ao indicativo] estaria se fixando no Sudeste de maneira generalizada, e estaria se propagando para o Nordeste, pela influência dos meios de comunicação”.

Em entrevista, concedida à Rede Globo, Aguinaldo Silva, autor da novela, define *Senhora do Destino* como uma novela autobiográfica. Segundo ele, Maria do Carmo é uma homenagem à sua mãe, também pernambucana. Lembra o autor que o linguajar da protagonista é como o da sua mãe: “um linguajar muito rico, aquele linguajar nordestino que, na verdade, vem de Portugal”. Também Wolf Maia, diretor da novela, em entrevista, afirma que queria retratar, na

novela, o nordestino que veio ao Sudeste e acabou vencendo na vida por esforço próprio. Wolf Maia, em entrevista, diz: “Eu acabei colorindo muito o universo do Nordeste. Aguinaldo [...] não queria mostrar aquele Nordeste como é em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos [...]. Eu queria mostrar a pobreza, sim, mas de forma poética, bonita...”.¹³ Mais uma vez, a idéia que se tem do Nordeste está diretamente ligada à pobreza, à seca. Wolf Maia deixa claro que não vai retratar o Nordeste como ele é, vai, sim, *tratar a pobreza de forma mais bonita* (grifos meus).

Os autores, portanto, parecem supor que a fala de Maria do Carmo reflete a fala do pernambucano genuíno, sem a influência do Sul, região, aliás, para onde a protagonista migrou. Nesse ponto da discussão, é interessante lembrar Bortoni-Ricardo (1985) que trata dos processos de focalização e difusão dialetal, em sua pesquisa sobre a urbanização dos dialetos rurais no Brasil. Segundo a autora, numa interação entre falante e redes sociais ligadas a zonas urbanas, há uma tendência a maior grau de difusão dialetal, de forma que certos traços da fala se perdem em contato com a variedade de formas lingüísticas com as quais o falante terá contato. O contato com a modalidade escrita ou oral da variedade considerada padrão também propicia um dialeto mais difuso. Passando Maria do Carmo pela experiência da migração e entrando em contato com falantes cariocas, seria de se supor que se adequasse ao modo de vida da cidade para onde foi morar. Bortoni-Ricardo (1985: 105) afirma que a mobilidade geográfica do migrante que sai da zona rural para um novo habitat é o primeiro fator para a difusão do seu dialeto. De fato, Maria do Carmo se diferencia do povo com quem ela convive apenas no que se refere à fala. Entretanto, a questão da difusão dialetal parece não ter atingido a protagonista, o que nos levaria a supor uma tendência do autor em exagerar traços da fala de Maria do Carmo, como, por exemplo, o uso acentuado de formas

¹³ As entrevistas estão disponíveis no site www.globo.com.br/senhoradodestino

imperativas associadas ao subjuntivo, a fim de garantir a sua identificação com os pernambucanos. Por outro lado, justamente a identidade, ou antes o desejo de não perder a identidade com a terra natal, pode tornar o falante resistente à difusão dialetal, de modo que ele não assimila os traços lingüísticos da localidade para onde emigrou. Podemos tomar como exemplo falantes que vão para o Rio de Janeiro e, mesmo assim, não assimilam o “s chiado”.

O personagem Geovanni, embora pareça ser também do Rio, foi controlado à parte, pois a sua fala revela idiossincrasias típicas de personagens caricaturadas:

⇒ Mas não **se** preocupe-**se**...

⇒ **Se** cuide-**se**, Do Carmo, **se** cuide-**se**.

⇒ ... e a buchada de bode, pela fragrância que eu estou sentindo deve estar **felomenal**.

E aí, minha sogra, qual é o seu **diaglóstico**?

O uso duplo do pronome oblíquo e outras peculiaridades lexicais evidenciam, nessa fala, o fenômeno da hipercorreção, muito apropriado ao personagem, em ascensão cultural e que quer esquecer a vida “ilegal” de antes. Explica-se, assim, a preocupação com o uso previsto pela tradição, que é a forma típica de fala mais monitorada. Segundo Calvet (2002: 78), a prática da hipercorreção pode ou fazer crer que se domina a língua prestigiada ou fazer esquecer a própria origem. É interessante observar que a hipercorreção é a tentativa de imitar, de modo exagerado, as formas prestigiadas. Em relação ao imperativo, a forma associada ao subjuntivo é a que parece se aproximar mais da formalidade, portanto, da norma gramatical (Jesus & Oliveira, 1995; Scherre et alli, 1998). Isso explica, para esse personagem, o peso relativo 0,25 desfavorecendo o imperativo na forma associada ao indicativo e favorecendo, portanto, o imperativo associado ao subjuntivo com peso relativo 0,75.

8.2. Escolaridade

É sabido que o grau de escolaridade tanto pode trazer mudanças na fala e na escrita das pessoas como pode engendrar meios de preservar as formas prestigiadas face às tendências de mudança que ocorrem na língua (Votre, 2003: 51).

Controlamos a variável *Escolaridade* para os dados de fala do Recife com o intuito de verificar se os diferentes níveis de escolarização condicionavam a escolha da forma associada ao indicativo ou ao subjuntivo no uso do modo imperativo. Assim, essa variável poderia nos auxiliar na análise da presença, ou não, de estereótipos lingüísticos na fala dos personagens da novela, a partir de estudo comparativo entre os dois *corpora*. Consideramos que, quanto maior o nível de escolarização, mais o falante tende a utilizar a língua de acordo com a norma considerada padrão. Nesse sentido, em contexto de *você*, pessoas mais escolarizadas utilizariam a forma imperativa associada ao subjuntivo; em contexto de *tu*, o imperativo associado ao indicativo, como prescreve a norma. Todavia, verificamos que, na amostra do Recife, dada a distribuição dos dados, é inviável afirmar se esses falantes constroem o imperativo da forma como prevê a tradição gramatical, conforme podemos observar na tabela 4.

Tabela 4a: Distribuição dos dados da novela *Senhora do Destino* e dos dados do Recife, considerando-se o contexto em que a tradição gramatical prevê uso do imperativo no indicativo ou no subjuntivo.

	Dados da novela com todos os personagens	Dados do Recife
Contexto de imperativo associado ao indicativo pela tradição: <i>tu/teu/você</i> em afirmação	36/665 5%	11/396 3%
Contexto de imperativo associado ao subjuntivo pela tradição: negação ou afirmação com <i>você/seu/te</i>	302/665 45%	104/396 26%
Contexto de imperativo associado ao indicativo ou ao subjuntivo pela tradição: ausência de pronome	327/665 49%	281/396 71%

A tabela 4a mostra que em apenas 3% dos casos (11/396) haveria expectativa do imperativo associado ao indicativo; em 26% (104/396) haveria expectativa de imperativo na forma subjuntiva; em 71% dos casos (281/396), não há contexto explícito de imperativo na forma indicativa ou subjuntiva. Considerando que predomina o contexto não marcado, ou seja, ausência de pronome no discurso explícito (71% dos casos), pode ocorrer tanto o imperativo na forma indicativa quanto na forma subjuntiva, de modo que, como foi dito, não é possível afirmar se o falante que usa mais formas imperativas associadas ao indicativo estaria seguindo a direcionalidade da norma. É interessante observar que, nas gravações envolvendo conversas espontâneas, havia casos em que os informantes não sabiam que estavam sendo gravados. Nesses casos, alternavam o uso do pronome, ora se tratando por *tu*, ora por *você*. Nas gravações face a face com o documentador, o falante fazia uso de *você*. Sendo o *tu* o pronome que indica marca de solidariedade, as entrevistas labovianas inibem esse contexto. Nesse caso, o fato de termos apenas 3% de contexto do pronome *tu* na distribuição pode ser explicado pela presença do gravador.

Embora tenhamos pouco contexto discursivo em termos da norma gramatical, ainda assim, essa variável nos ajudará a estabelecer uma análise comparativa entre os *corpora* a fim de verificarmos uma possível estereotipação da fala de Pernambuco na caracterização da fala da protagonista.

Reafirmamos que, infelizmente, a variável *Escolaridade* não apresenta uma boa distribuição dos dados; além disso, não foi possível obter informação a respeito do nível de escolarização das pessoas em 66 dados. Quanto aos entrevistadores/documentadores, sabemos que possuem nível superior, entretanto, optamos por analisá-los como mais um fator, pois, em princípio, trata-se de pessoa cuja fala não está sendo analisada. É interessante, observar, porém, que há uma discrepância significativa em relação aos outros falantes de 3º.grau: os/as documentadores/as tendem a utilizar o imperativo na forma subjuntiva, diferentemente dos demais.

Considerando a construção da trama, a fala da personagem Maria do Carmo reflete a fala do pernambucano que não sofreu a influência do Sul; não há, necessariamente, relação com a influência ou não da escola. Na verdade, o que a trama quer mostrar é a fidelidade da protagonista às suas raízes nordestinas; embora Maria do Carmo viva no Sul, no Rio de Janeiro, realizada profissionalmente, pois é empresária, não permitiu que o *modus vivendi* sulista absorvesse sua relação filial com a terra que deixou para trás. Está, de certa forma, imune à influência do meio que, no momento, a cerca. Essa fidelidade, na visão do autor de *Senhora do Destino*, se reflete na fala da protagonista que, entre outros aspectos, faz uso do imperativo no subjuntivo de forma percentualmente significativa.

O grupo de fatores *Escolaridade*, no limiar da relevância estatística, segundo os resultados apresentados pelo Varbrul (significância de 0,077), apontou-nos algumas regularidades importantes como podemos verificar na tabela 4b, após amalgamações e retiradas de fatores de efeito categórico.

Tabela 4b: Efeito da variável *Escolaridade* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala do Recife, após amalgamações e retiradas.¹⁴

Fatores	Frequência da forma associada ao indicativo	Pesos relativos não selecionados
analfabeto e 1º. Grau	4/22	18% (0,20)
segundo grau	12/21	57% (0,62)
Superior	156/302	52% (0,51)
Entrevistador	4/12	33% (0,33)
Sem informação	25/39	64% (0,57)
Total	201/396	51%

Como mostram os resultados da tabela 4b, os falantes sem escolarização e os do 1º.grau desfavorecem o imperativo na forma indicativa (peso relativo de 0,20 e percentual de 18%). Os falantes com curso superior revelam efeito intermediário (peso relativo de 0,51 e percentual de 52%). Os falantes de 2º.grau evidenciam uma tendência mais favorecedora de imperativo na forma indicativa (peso relativo 0,62 e percentual de 57%). O peso relativo de 0,33 para o entrevistador (e percentual de 33%), paradoxalmente, diverge dos resultados dos outros falantes de nível superior, cujo peso relativo é 0,51.

¹⁴ Os dados na sua totalidade, considerando a variante imperativo no indicativo, assim se configuraram: analfabeto: 27%; primário: 33%; 1º.grau: 11%; 2º.grau: 59%; superior: 55%; entrevistador: 31%; sem informação de escolaridade: 79%. A média percentual foi 56% num total de 465 dados.

Como foi dito, o nível de escolarização é uma restrição importante nos mecanismos de variação lingüística, de mudança lingüística ou mesmo de resistência a esta (Votre, 2003: 51). Nesse sentido, é necessário considerar aspectos importantes numa comunidade de fala, como, por exemplo, formas prestigiadas, que a escola elege como padrão, e formas estigmatizadas, que a escola procura excluir, pois as instituições escolares, como reguladoras dos usos da língua, elegem como a forma correta, aquela usada por quem desfruta de prestígio social e econômico. Por outro lado, estigmatizam a fala de quem não teve acesso à educação sistemática. Aliada à escola, a mídia entra em cena para também defender a “pureza do idioma” como bem demonstra Bagno (2002), citado no item 3.2. Assim, de acordo com Votre (2003: 54), na tentativa de ter acesso ao que Bourdieu (1996) denomina de capital simbólico “o aluno busca identificar-se com grupos detentores de formas de prestígio, procurando apropriar-se dessas formas”. Todavia, o uso do imperativo e sua alternância indicativo/subjuntivo não apresenta marca de estigma social; nesse caso, considerando que a pesquisa de Sampaio (2001), para Salvador, e a de Alves (2004), para João Pessoa, duas cidades da região Nordeste, evidenciam predominância de imperativo na forma subjuntiva, e considerando o percentual de 52% de ocorrências de imperativo no indicativo para falantes de curso superior, nos dados de Recife, parece razoável levantar a hipótese de que os falantes mais escolarizados estejam se inclinando para uma forma mais geral, menos marcada, que é o imperativo na forma associada ao indicativo.

Como já vimos à página 63, o contexto discursivo predominante é o da ausência explícita de pronome *tu* ou *você* em construções afirmativas. Sendo assim, pela tradição gramatical, seria padrão o imperativo associado ao indicativo ou ao subjuntivo. À exceção do entrevistador, os falantes com maior escolarização, relativamente, favorecem mais o imperativo na forma

indicativa que, como revelam as pesquisas já citadas, é a forma que predomina nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Não consta, em *Senhora do Destino*, que a personagem Maria do Carmo tenha escolarização acima do 1º.grau. Nesse sentido, uma comparação com os dados de fala do Recife nos permite supor que a fala da protagonista reflète a fala do pernambucano menos escolarizado e que, portanto, no que diz respeito a ser reflexo desta parcela da comunidade pernambucana, não se trata de estereótipo lingüístico. Entretanto, considerando os percentuais de uso do imperativo associado ao indicativo na fala das pessoas com 2º.grau (57%) e na fala das pessoas com nível superior (52%), fica claro que a fala da protagonista não reflète a complexidade existente na fala dos pernambucanos e menos ainda na fala dos nordestinos. Nesse caso, o estereótipo é visível. Por outro lado, se a personagem Maria do Carmo foi criada para ser o retrato do nordestino que saiu de sua terra natal, veio para o Sudeste e venceu na vida, podemos atribuir a autor e diretor da novela o mérito de mostrarem uma personagem que venceu na vida sem abdicar da identidade lingüística.

Os falantes de 1º. grau, assim como os falantes sem escolarização, fazem uso do imperativo desfavorecendo o indicativo (18%), em outras palavras, favorecendo o imperativo no subjuntivo (82%). De certa forma, não estão totalmente presos aos efeitos da influência externa trazida, em parte, pela escola e, por isso, usam o vernáculo na sua forma mais espontânea. Paradoxalmente, a forma mais espontânea, nesse caso, é o uso do imperativo no subjuntivo e, em alguns casos, em contexto de pronome *você*, como prediz a gramática. Como foi dito anteriormente, o uso do imperativo associado a uma ou outra forma não sofre estigma de classe social, portanto não passa pelo crivo restritivo da escola. Os dados do Recife e sua distribuição nos vários níveis de escolaridade nos levam a refletir que o imperativo não é

estigmatizado como fenômeno morfossintático; entretanto, a julgar pelas pesquisas, o uso do imperativo predominantemente associado ao subjuntivo na maior parte dos estados pesquisados na região Nordeste e associado ao indicativo, de forma vigorosa, em todos os estados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, pode funcionar também como marca dialetal. De fato, vimos que a questão geográfica, quando do uso do imperativo, é perceptível para os falantes. Nesse caso, ainda que a escola não restrinja o seu uso de acordo com uma outra ou outra variante, exerce influência no que se refere aos aspectos menos marcados de determinada região. De acordo com Bourdieu (1996), o sistema de ensino contribui tanto para a desvalorização dos modos de expressão populares como para a imposição do reconhecimento da língua legítima que, no nosso caso, tem sido as variedades das regiões mais ao sul. Dessa forma, a escola funciona como intermediadora da fala menos marcada, ainda que esta seja diferente da norma codificada.

O que se evidencia na novela *Senhora do Destino* é que a caracterização da fala de Pernambuco não tem o propósito de fazer rir, não há, portanto, a intenção, por parte do autor, de fazer uma caricatura. Ademais, os percentuais de uso do imperativo por falantes com escolarização até o 1º.grau mostram que, efetivamente, a fala desta parcela da comunidade pernambucana, assim como a fala das outras localidades do Nordeste, a saber, Salvador e João Pessoa, tende ao favorecimento do imperativo associado ao subjuntivo. Mesmo os falantes de nível superior, considerando-se o percentual de 52%, mostram certo equilíbrio no uso de uma ou de outra forma, além do fato de os/as entrevistadores desfavorecerem o imperativo no indicativo com percentual de 33%. Ao que parece, o autor da novela, ao construir um personagem pernambucano cuja fala favorece significativamente o imperativo no subjuntivo, pretende mostrar ao telespectador que Maria do Carmo, ainda que tenha “vencido na vida”

em um lugar longe do Nordeste, não esquece suas raízes, fazendo questão de preservar a sua identidade com a terra natal.

Dessa forma, podemos reafirmar que, na perspectiva de retratar a identidade pernambucana do falante com menos escolarização, não há estereótipo; na perspectiva de retratar a identidade do nordestino, em especial do pernambucano, há estereótipo – a análise do conjunto de dados da fala de Recife e também de Salvador revela que falantes com mais escolarização tendem a se afastar da norma supostamente local, assim como os falantes mais jovens.

Essa tendência é verificada por Sampaio (2001) na pesquisa com falantes de Salvador e do Rio de Janeiro. A autora observou que a faixa etária e a escolaridade dos falantes foram variáveis significativas no condicionamento do uso do imperativo associado ao indicativo. A pesquisa aponta que a faixa etária mais jovem utiliza o imperativo com tendência ao favorecimento do indicativo, da mesma forma que o fator escolaridade, conforme podemos observar na tabela 4c. É interessante lembrar que todos os dados levantados por Sampaio (2001) são do contexto do pronome *você*.

Tabela 4c. Efeito das variáveis *faixa etária* e *escolaridade* na fala de Salvador e do Rio de Janeiro, conforme resultados apresentados por Sampaio (2001), adaptado das tabelas 7 (pág. 102), 8 (pág. 104), 16 (pág. 119) e pág. 121.

	Fala de Salvador		Fala do Rio de Janeiro
Fatores	Frequência da forma indicativa		Frequência da forma indicativa
Faixa etária			
20-35 anos	42%		100%
36-55 anos	24%		90%
Mais de 55 anos	22%		94%
Nível de escolaridade			
Primário	22%		100%
Médio	35%		94%
Superior	33%		82%

É interessante observar, na tabela 4c, que a faixa etária mais jovem (20-35anos), tanto em Salvador quanto no Rio de Janeiro, revela mais uso do imperativo associado ao indicativo (42% e 100%, respectivamente), apresentando tendência na mesma direção. Com relação à escolaridade, nos dados de Salvador, aumento de escolaridade revela aumento do imperativo associado ao indicativo; movimento inverso se observa nos dados da fala do Rio de Janeiro: aumento de escolaridade diminui uso do imperativo no indicativo. Esse percentual confirma a hipótese de Sampaio (2001: 135) de que parece estar havendo, no Rio, uma mudança em progresso com relação a esse fenômeno.

A análise do grupo de fatores *Escolaridade* mostrou que, de fato, a escola pode provocar mudanças na fala das pessoas. Nesta pesquisa, ficou explicitado que um maior nível de escolarização engendra mudanças na direção de um padrão mais geral, considerando que os falantes recifenses utilizaram um contexto discursivo sem explicitação dos pronomes *tu/você*. É interessante lembrar que essa mudança não é característica exclusiva da fala de Recife, já

que Sampaio (2001) também verificou essa mesma tendência na fala de Salvador e Rio de Janeiro. Outro aspecto interessante é que a fala dos entrevistadores, os quais possuem curso superior, é desfavorecedora do imperativo no indicativo, diferentemente dos demais falantes com o 3º.grau. Poderíamos, nesse caso, inferir que, numa situação de entrevista, a preocupação em monitorar a fala é muito maior no entrevistado do que no entrevistador; dessa forma, o entrevistado tende a utilizar a forma menos marcada, ainda que inconscientemente, pois, como dissemos, o uso do imperativo nos parece um fenômeno abaixo do nível da consciência social. Assim, a escola ajuda a legitimar a forma mais geral, ainda que isso signifique afastar a fala do indivíduo da sua “genuinidade”. Nesse sentido, é interessante lembrar a tendência homogeneizante da escola que busca uniformizar os usos da língua para todos os falantes.

8.3. Nível de formalidade da fala

Consideramos importante controlar a variável *formalidade* nos dados de Recife porque, em princípio, ela poderia nos ajudar no entendimento do uso variável do imperativo. Segundo Labov (1975), não existe falante de estilo único e alguns variam mais do que outros quando usam a língua. O vernáculo, segundo o lingüista, é o estilo em que menos atenção é dada à fala e, portanto, é o que nos fornece dados mais sistemáticos para a análise lingüística. Labov chama a atenção para o *paradoxo do observador*: o pesquisador deve observar como as pessoas falam quando não estão sendo observadas, mas só pode fazer isso através da observação sistemática. Está claro que a presença de um gravador, durante uma entrevista, leva o falante a um grau de automonitoração maior de sua fala, inibindo a fala mais espontânea, o vernáculo. Todavia, é possível, segundo Labov, solucionar esse problema, seja

mudando a estrutura da entrevista, desviando a atenção do falante de sua fala, seja complementando as entrevistas formais com outros dados.

Embora o uso variável do imperativo não seja estigmatizado, Scherre et alii (1998) observam que, quanto mais formal o evento de fala, mais a forma imperativa associada ao subjuntivo é favorecida.

Nesta pesquisa, controlamos os dados do Recife, considerando a variável fala formal/informal. Em algumas entrevistas, constatamos que havia momentos de maior ou menor formalidade do informante devido ao nível de intimidade entre os falantes e do nível de descontração da conversa, utilizando-se o pronome *tu* em alguns casos; em outras situações, o falante desconhecia a gravação da conversa, falando até mesmo de assuntos mais íntimos.

Tabela 5: Efeito da variável *Formalidade/informalidade da fala* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de Recife

Fatores	Frequência da forma indicativa	
Fala formal	107/205	52%
Fala informal	94/191	49%
Total	201/396	51%

Os percentuais apresentados na tabela mostram que não há diferença entre fala mais formal e menos formal, nos dados desta pesquisa, em se tratando do uso do imperativo. Neste caso, como foi dito anteriormente, a relação formalidade/informalidade está mais ligada à questão do uso do pronome *tu* ou *você*. Verificamos que, nos dados do Recife, quanto mais formal a situação, mais os falantes usavam o pronome *você*; em situações menos formais, empregavam

de forma recorrente o pronome *tu*. Conforme salienta Scherre (2004), o que está em jogo, nesse caso, é a questão mais ou menos distanciamento em relação ao falante. Assim, em Recife, pares mais solidários, tendem a se tratar por *tu*; pares menos solidários tendem a se tratar por *você*.

8.4. Fala reportada

A imagem que o falante tem no imaginário a respeito das formas lingüísticas que ele utiliza pode não corresponder, de fato, às formas que ele realmente utiliza. Dessa forma, Controlamos essa variável nos dados do Recife, a fim de verificar se, retomando o discurso de outrem ou mesmo de si próprio, o falante tende a reproduzir formas imperativas que ele comumente usa ou se ele tende a fazer um projeção daquele a quem se reporta, utilizando formas que, na verdade, não fazem parte do seu estilo.

Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência dessa variável:

- a) ... e o rapaz é... dirigia... o chofer... disse: “Bom, DIGA lá pra ele”...através do...cobrador... “DIGA lá pra ele que daqui mais ou menos uns quinze minutos chega noutra cidade... e eu paro o ônibus”.
- b) Então todo mundo faz seu juramentos profissionais: “OLHE, eu vou ser isso, eu vou ser aquilo outro”
- c) __ Quais são as palavras que você aprende... com seus patrões?
__ Bom, é...ele fala, é... digamos... em... é... “não FAÇA isso que é muito feio, é ridículo”.

Tabela 6. Efeito da variável *Fala reportada* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala do Recife

Fatores	Frequência da forma indicativa		Pesos relativos não selecionados
Fala reportada	18/49	37%	(0,49)
Fala reportada mas do próprio falante	6/23	26%	(0,36)
Fala do próprio falante	177/324	55%	(0,51)
Total	201/396	51%	

Embora esta variável não tenha sido selecionada, é possível apontar que, em contextos de fala reportada, há relativo desfavorecimento do imperativo na forma indicativa (37% e 26%; pesos relativos 0,49 e 0,36), o que implica usar a forma que, em princípio, é mais característica do Nordeste: imperativo associado à forma subjuntiva. Em contextos do discurso do próprio falante, há um leve favorecimento do indicativo associado ao indicativo (peso relativo 0,51; percentual de 55%). Esta variável nos fornece uma reflexão de como o recifense se vê e como vê o outro. Se ele também estereotipa sua fala ou se, ao contrário, procura reafirmá-la valorizando as suas raízes. Os números nos levam a supor que o falante ou possui uma identificação com o imperativo associado ao subjuntivo ou crê que o recifense usa o imperativo no subjuntivo de forma mais recorrente. Talvez o falante não se dê conta de que faz uso do imperativo no indicativo, já que este é um fenômeno abaixo do nível da consciência.

Lucca (2005) analisou essa variável em pesquisa sobre a variação *tu/você* na fala brasiliense e constatou que rapazes tendem a achar que meninas não usam o *tu*, apenas *você*, e crêem também que usam o *tu* menos do que realmente usam. Em falas reais masculinas, os pesos relativos mostraram um favorecimento do *tu* em 0,55; em falas masculinas retomadas por

rapazes, houve desfavorecimento (0,40); em falas femininas retomadas por rapazes, o peso relativo foi de 0,18 e em falas reais femininas o peso relativo realmente mostrou que meninas tendem a usar menos o *tu*: 0,09.

8.5. Polaridade de estrutura (afirmação/negação) e tipo de pronome no contexto discursivo.

Segundo predição da gramática tradicional, as formas negativas do imperativo são derivadas do modo subjuntivo; nas construções afirmativas, utiliza-se o imperativo associado ao indicativo em contexto discursivo do pronome *tu* e o imperativo no subjuntivo para o contexto discursivo de *você*. Controlamos essa variável, tendo em vista formas imperativas negativas e afirmativas, a fim de verificar se se confirma estatisticamente o que prevê a norma gramatical, se esta condiz com o uso e se esta restrição também se verifica nos dados da novela.

Em pesquisa com os dados do Rio de Janeiro, Sampaio (2001: 111-112) verificou que, em construções afirmativas, o peso relativo 0,54 indica leve favorecimento do imperativo no indicativo; a polaridade negativa indica forte desfavorecimento com peso relativo 0,12. É interessante observar como a estrutura negativa é uma restrição importante no desfavorecimento do imperativo no indicativo; mesmo no Rio de Janeiro, onde há um uso robusto de imperativo associado à forma indicativa, tanto em contexto de *tu* quanto de *você*, a polaridade negativa diminui o uso de imperativo no indicativo. Segundo Sampaio, o peso relativo 0,12 confirma a hipótese de Scherre et alii (1998) de que, em determinados contextos, o uso do imperativo na forma indicativa poderia levar ao preenchimento da posição de sujeito, perdendo seu *status* de estrutura imperativa.

Scherre (2003: 180), nos dados da revista *Turma da Mônica*, verificou a mesma tendência: a polaridade negativa desfavorecia o imperativo na forma indicativa com peso relativo 0,23; a polaridade afirmativa revelou leve favorecimento (0,54). A diferença de 0,31 entre os dois fatores mostra, segundo a autora, um resultado consistente com a tradição gramatical: estrutura negativa tende a desfavorecer o imperativo no indicativo. De acordo com Scherre (2003: 180), esses resultados evidenciam paralelismo semântico: a variante subjuntiva está mais associada ao *irrealis*, combinando-se, portanto, com a estrutura negativa.

Para uma análise mais aprofundada deste grupo de fatores, fizemos uma codificação bastante detalhada, especificando o tipo de pronome no discurso próximo em estruturas com polaridade negativa, e também o tipo de negação, se pré ou pós ou se dupla negação para, entre outros aspectos, testar conclusões de outros autores como, por exemplo, o efeito diferenciado da negação. Consideramos *discurso próximo*, para os dados da novela, o discurso apreendido em cada momento de enquadre da cena, o que, em termos gráficos, perfaz mais ou menos seis linhas. Para os dados do Recife, consideramos o mesmo número de linhas.

Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência desses fatores no discurso:

- a) **Oração afirmativa com *tu* no discurso próximo:** Rita: Jandira, **tu** faz um favor pra mim? Dá uma assuntada e vê se num tá precisando de manicure e de cabeleleiro. Quem sabe eu não dô sorte?
- b) **oração afirmativa com *você* no discurso próximo:** Cláudia: Tá vendo, só **você** não enxerga, Isabel, pelo amor de Deus, olha isso!
- c) **oração afirmativa com *seu* no discurso próximo:** Reginaldo: segura a **sua** onda, meu irmão, que **sua** mulher tem razão. Hoje, dia só de propaganda de boca de urna.

d) **oração com negação pré-verbal e com *você* no discurso próximo:** Maria do Carmo: Mais uma vez obrigada, mas não se preocupe comigo. Agora **cê** se incomoda de sair que eu preciso me deitar, mesmo?

e) **oração com negação pré-verbal sem pronome no discurso próximo:** Bianca: Ô gente, se espalhem, feche as ruas e **não** deixa nenhum carro passar, tá bom? E trata também de convidar os motoristas a estacionarem e aderir ao protesto.

f) **oração com negação pré-verbal e mistura de *tu/você/te/teu/seu*:** Barão de Bonsucesso: Não, não, por favor, minha querida, não fale isso. Leonardo pode ser uma pessoa irascível, mas ama **você** [...]. Mas não se iluda, nenhum de vocês conseguirá ser indiferente um ao outro. Por isso, eu **te** peço como o mais velho dessa pequena família, como o avô que **te** ama imensamente. fale com teu pai. Se entenda com ele.

g) **oração com negação pós-verbal:** Viviane: Se preocupa, **não**, cunhadinho; esse assunto a gente resolve com a sua mãe.

h) **oração com dupla negação:** Nazaré: É, é linda. Não, não, não! **Não** abre, **não**, filha. Dixa essa bolsa pra lá, dexa pra lá.

i) **oração afirmativa com mistura de *tu/teu/você* no discurso próximo:** Cláudia: olha, **cê** não vai gostar do que eu vou dizer: Bel, tá na cara que a **tua** mãe tem um bando de segredos e se ela esconde de **você** que é filha é porque boa coisa não é, bicho. [pausa]. Eu disse que **tu** não ia gostar do que eu ia falar.

Apresentando relevância estatística para os dados da novela, esta variável apresentou os seguintes resultados:

Tabela 7a. Efeito da variável *Polaridade de estrutura e pronome no contexto discursivo* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de todos os personagens da novela *Senhora do Destino*.

Fatores	Frequência da forma indicativa		Peso relativo dos fatores
contexto de imperativo associado ao indicativo pela tradição gramatical			
Orações afirmativas com <i>tu/teu/você</i> no discurso próximo	28/36	78%	0,47
Contexto de imperativo associado ao subjuntivo pela tradição gramatical:			
Estruturas afirmativas com a presença de <i>você/seu</i> no discurso próximo	123/220	56%	0,43
estruturas afirmativas com mistura de <i>te/ você</i> no discurso próximo	22/23	96%	0,85
estruturas com negação pré-verbal e com pronome <i>você</i> no discurso próximo	8/36	22%	0,10
estruturas com negação pré-verbal sem pronome no discurso próximo	14/45	31%	0,22
estruturas com negação pré-verbal e mistura de <i>tu/você/teu</i>	7/8	88%	0,72
estruturas com negação pós-verbal e dupla negação	6/7	86%	0,90
Contexto de imperativo associado ao indicativo ou subjuntivo pela tradição gramatical:			
estruturas afirmativas sem pronome no discurso próximo	274/348	79%	0,60
Total	482/723	67%	

Nos resultados da tabela 7a, algumas estruturas negativas tendem a desfavorecer o imperativo no indicativo em contextos em que não há pronome (0,22) e contextos em que há a presença do pronome *você* (0,10). Também em construções afirmativas, a presença do pronome *você* tende, relativamente, a desfavorecer o imperativo no indicativo, como mostra o peso relativo 0,43. De acordo com a tabela, as estruturas com negação pós-verbal ou dupla negação favorecem o imperativo no indicativo (0,90). Cardoso (2004) também verificou a mesma tendência em sua pesquisa: sentenças imperativas com negação pós-verbal e dupla negação

favoreciam a forma imperativa associada ao indicativo com pesos relativos 0,81 e 0,86, respectivamente. Segundo a autora, tais construções associadas à forma indicativa refletem traço de menos formalidade no discurso. Nesse sentido, a autora considera que esta é uma estratégia de mitigação dos atos de fala, com o objetivo de minimizar uma ordem rude, minimizando, também, a própria negação. Em estruturas com negação pré-verbal e mistura de pronomes (*tu/teu/você*), há favorecimento do imperativo no indicativo com peso relativo 0,72; o pronome *tu*, certamente, é um fator que condiciona a escolha de formas imperativas no indicativo. Em construções afirmativas sem pronomes, há o favorecimento do imperativo associado ao indicativo (peso relativo 0,60). O contexto de *te/você*, sempre com um *te* no contexto, favorece fortemente imperativo na forma indicativa (peso relativo 0,85), o que parece paradoxal, tendo em vista que a presença de *tu/teu* (mesmo com *você*), relativamente, desfavorece o imperativo na forma associada ao indicativo (peso relativo 0,47).

Com o intuito de aprofundar ainda mais a questão, separamos os dados dos personagens cariocas e pernambucanos e os comparamos com os dados do Recife. A tabela 7b apresenta o efeito desses fatores na fala dos personagens cariocas e pernambucanos e também na fala dos recifenses, apontando semelhanças ou diferenças nos três *corpora*.

Tabela 7b. Efeito da variável *Polaridade de Estrutura, pronome e contexto discursivo* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala dos personagens cariocas, na fala dos personagens pernambucanos e na fala do Recife

	Fala dos personagens cariocas		Fala dos pers. pernambucanos		Fala do Recife	
Fatores	Frequência da forma indicativa		Frequência da forma indicativa		Frequência da forma indicativa	
contexto de imperativo associado ao indicativo pela tradição gramatical						
Orações afirmativas com <i>tu/teu/você</i> no discurso próximo	26/32	81%	2/4	50%	9/11	82%
Contexto de imperativo associado ao subjuntivo pela tradição gramatical						
Orações afirmativas com <i>você/seu</i> no discurso próximo	95/112	85%	21/84	25%	32/87	37%
Orações afirmativas com mistura de <i>te/você</i> no discurso próximo	20/21	95%	2/2	100%	sem ocorrência	
estruturas com negação pré-verbal e com pronome <i>você</i> no discurso próximo	6/12	50%	2/17	12%	0/2	0%
Orações com negação pré-verbal sem pronome no discurso próximo	14/24	58%	0/15	0%	1/7	14%
Orações com negação pré-verbal e mistura de <i>tu/você</i>	7/8	88%	Sem ocorrência		sem ocorrência	
Orações com negação pós-verbal e dupla negação	3/3 3/3	100% 100%	0/1	0%	1/8	13%
Contexto de imperativo associado ao indicativo ou ao subjuntivo pela tradição gramatical						
Orações afirmativas sem pronome no discurso próximo	236/255	93%	23/72	32%	158/281	56%
Total	410/470	87%	50/195	26%	201/396	51%

Em relação à fala dos personagens cariocas, considerando-se a média 87%, portanto favorecedora do imperativo no indicativo, verificamos o seguinte: orações afirmativas em que

não há pronome favorecem o imperativo no indicativo em 93%, assim como orações afirmativas com mistura de *te/você* no discurso próximo, com percentual de 95%; nesse caso, a presença do *te* parece ter uma influência considerável, já que orações afirmativas com apenas *você/seu* apresentam percentual de 85%, portanto, semelhante à média. A presença do pronome *tu* mostra-se significativa quando do favorecimento do imperativo no indicativo, haja vista que, em caso de negação pré-verbal com mistura de *tu/você*, o percentual fica em 88%. Embora abaixo da média, orações afirmativas com mistura de *tu/teu/você* também são favorecedoras de imperativo no indicativo com percentual de 81%. Ainda na fala dos cariocas, contexto de negação pré-verbal em que não há a presença de pronome, assim como negação pré-verbal com a presença da pronome *você* indicam tendência ao desfavorecimento do imperativo no indicativo com percentuais de 58% e 50%, respectivamente, 29 e 37 pontos percentuais abaixo da média. Em contextos de negação pós-verbal e dupla negação, há favorecimento categórico de imperativo associado ao indicativo, mesma tendência verificada em Cardoso (2004).

Na fala dos personagens pernambucanos, a média percentual de 26% indica desfavorecimento do imperativo no indicativo; todavia, o percentual aumenta fortemente em contexto de orações afirmativas com mistura de *te/você* (100%), aumenta levemente em orações afirmativas sem pronome no discurso próximo (32%) e aumenta de forma mediana em contexto de orações afirmativas com mistura de *tu/teu/você* no discurso próximo (50%). Diminui, por sua vez, em estruturas com negação pré-verbal mais o pronome *você* em discurso próximo (12%); em contexto de negação pré-verbal sem pronome tem efeito categórico negativo, favorecendo imperativo na forma subjuntiva (0%). O percentual permanece semelhante à média em orações afirmativas com *você/seu* (25%). Observados os desvios em relação à média, os resultados, portanto, mostram que a fala dos pernambucanos segue, em relação a este grupo de fatores, tendência semelhante à verificada na fala dos

personagens cariocas. Apenas o contexto de dupla negação, embora com um dado (“Dexe, minha filha, num vá lá não, por favor, por favor!”), mostra tendência diferente da verificada na fala dos cariocas, indicando desfavorecimento do imperativo no indicativo.

Na fala do Recife, a média de 51% mostra o imperativo no indicativo situando-se no ponto intermediário. O percentual aumenta fortemente em contexto de orações afirmativas com *tu/teu/você* no discurso próximo (82%) e levemente em orações afirmativas sem pronome no discurso próximo (56%); diminui em casos de orações afirmativas com *você/seu* (37%), de negação pré-verbal sem pronome no discurso próximo (14%) e em caso de negação pré-verbal com o pronome *você* (0%). Portanto, verificamos também, nesse *corpus*, regularidades semelhantes ao que foi explicitado nos dados de fala dos cariocas e pernambucanos. O contexto de negação pós-verbal ou dupla negação, com um percentual de 13%, 38 pontos percentuais abaixo da média, explicita desfavorecimento de imperativo no indicativo, tendência semelhante à verificada nos dados de fala dos personagens pernambucanos, mas distinta da fala dos personagens cariocas.

Os resultados da tabela 7b evidenciam o seguinte: para a fala dos personagens cariocas, o efeito da negação não é uniforme nos dados; não basta haver negação, também importa a posição da negação (pré-verbal, pós-verbal ou dupla negação) e o tipo de pronome. Os resultados evidenciam também que, tanto a fala dos personagens cariocas, tanto dos pernambucanos quanto dos recifenses mostram tendências semelhantes. Podemos dizer que os resultados da tabela 7b apontam o efeito da negação pré-verbal tendendo a desfavorecer o imperativo associado ao indicativo e também o efeito da formalidade do discurso, marcada pela presença próxima de *você* (mais formal) desfavorecendo o imperativo no indicativo; e a presença do pronome *tu*, com ou sem negação pré-verbal, favorecendo imperativo no

indicativo na fala dos recifenses. Na ausência de qualquer marca – contextos afirmativos e sem pronome no discurso próximo – prevalece a tendência geral do Brasil: uso do imperativo favorecendo a forma associada ao indicativo.

Embora esta variável não tenha tido relevância estatística para os dados do Recife, foi importante estabelecer essa comparação a fim de explicitar a ocorrência, ou não, de estereótipos lingüísticos nos dados da novela, como já foi dito. Consideramos que, em linhas gerais, os efeitos desta variável revelam bastante perspicácia lingüística na fala dos personagens.

O exemplos abaixo ilustram essa variação na fala dos recifenses:

a) Inf.1: VAI atrás disso

Inf.2: Mas como não?

Inf.1: Tu vai atrás disso [rapaz

Inf.2: [uma conseqüência

Inf.1: E quem disse que você consegue dialogar com seu filho? (NURC/RE)

b) não foi só aqui em Pernambuco que eu assisti isso não eu vi na Eu-ro-pa... de fazer pena como é que se dá em criança... dá beliscão puxavante de orelha... palmada tapa... em plena rua... AVALIE o que fazem em casa... éh AVALIE não eu tenho certeza né? pelo... pela profissão que eu tenho... eu acho que isso também devia haver uma multa... (NURC/RE)

c) Inf.1: Não me DIGA que se acha velha para usar vestido sem alças. A senhora é muito jovem ainda.

Inf.2: Não é isso, meu bem. É que não gosto mesmo. Não consigo me acostumar.

Inf.1: Este azul, bastante discreto e dependendo dos acessórios fica mais toilette ou mais esporte. Você quer experimentar? (Diálogos)

d) Certo OLHA eu não vou te atrapalhar mais. Tu tá aí com menino doente... Só queria te lembrar daquela calça branca (NELFE)

e) Inf.1: Quem foi que fez? Quem foi que fez, me DIGA?

Inf.2: Ahn...

Inf.1: Você sabe a história de... quem são os políticos? (NELFE).

Também trabalhamos numa outra etapa de análise, considerando, isoladamente, os dados da personagem Maria do Carmo e verificamos o seguinte:

Tabela 7c. Efeito da variável *Polaridade de Estrutura e pronome em contexto discursivo* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala da personagem Maria do Carmo

Fatores	Frequência da forma indicativa	
contexto de imperativo associado ao indicativo pela tradição gramatical		
orações afirmativas com <i>tu/teu/você</i> no discurso próximo	2/4	50%
Contexto de imperativo associado ao subjuntivo pela tradição gramatical		
orações com negação pré-verbal e com <i>você</i> no discurso próximo	1/14	7%
orações com negação pré-verbal sem pronome no discurso próximo	0/14	0%
orações com negação pré-verbal e mistura de <i>tu/você</i>	Sem ocorrência	
Orações com negação pós-verbal e dupla negação	0/1	0%
orações afirmativas com <i>você/seu</i> no discurso próximo	11/69	16%
Contexto de imperativo associado ao indicativo ou ao subjuntivo pela tradição gramatical		
orações afirmativas sem <i>tu/você</i> no discurso próximo	15/64	23%
Orações afirmativas com mistura de <i>te/você</i> no discurso próximo	2/2	100%
Total	31/168	18%

Os resultados da tabela 7c explicitam tendência semelhante à verificada nos dados da tabela 7b. Evidentemente, há aqui, uso mais vigoroso do imperativo desfavorecendo a forma associada ao indicativo (18%), média que distancia a protagonista do falante recifense, cuja média é de 51%. Entretanto, a tabela 7c mostra que os percentuais aumentam em relação à média em contextos de orações afirmativas com mistura de pronomes (*tu/teu/você*) no discurso próximo (50%), em contextos de orações afirmativas com mistura de *te/você* (100%) e em orações afirmativas sem pronome no discurso próximo (23%). Seguindo tendência semelhante a da tabela 7b, os percentuais diminuem em relação à média em dados com

negação pré-verbal e com *você* no discurso próximo (7%), em orações sem pronome (0%), e permanece próximo à média em orações afirmativas com *você/seu* no discurso próximo (16%). Há um caso de dupla negação, indicando desfavorecimento de imperativo no indicativo, já explicitado anteriormente, na análise dos falantes pernambucanos.

Podemos afirmar que, embora haja uso robusto do imperativo desfavorecendo o indicativo nos dados de fala da protagonista, este fato não configura estereotipia, uma vez que o autor da novela captura, nesses dados, o efeito da heterogeneidade ordenada presente nas situações reais de uso, conforme foi explicitado nos percentuais. Podemos dizer que Maria do Carmo, de certa forma, reflete a fala de uma dada comunidade de Pernambuco, embora não possa, em termos lingüísticos, representar plenamente o falante pernambucano. Neste segundo sentido, repetimos, há, sim, estereotipia.

8.6. Presença, ausência, localização e pessoa dos pronomes do caso reto e oblíquo

Dada a grande variação na análise dos dados do imperativo, cumpre verificar qual o *quantum* de influência da presença, ausência ou tipo de pronome na alternância de uso do imperativo. Citando pesquisa de Leite (1994), Scherre (2003: 181-182) constata que a presença e a posição de um pronome na forma oblíqua favorecem a ocorrência de imperativo na forma subjuntiva. Em pesquisa com dados da *Turma da Mônica* (2003: 181-3) e em pesquisa com dados do discurso falado (2004: 242-243), Scherre verifica o seguinte: 1- pronome no caso reto favorece categoricamente o imperativo na forma indicativa; 2- pronomes enclíticos de 1^a. pessoa (*me*) e de 3^a. pessoa (*se*) favorecem categoricamente o imperativo na forma subjuntiva; 3- com próclise, o pronome oblíquo de 1^a. pessoa favorece a forma associada ao indicativo (0,62) e o de 3^a. pessoa favorece a forma associada ao subjuntivo (0,14).

Cardoso (2004: 89) também verificou a mesma tendência em relação aos clíticos: sua pesquisa mostra que clítico *me* antes do verbo favorece a forma imperativa associada ao indicativo (0,58); clítico *se* antes do verbo, desfavorece-o (0,20), assim como os enclíticos *me*, *se*, *nos* (0,06). Ausência de pronome favorece relativamente a forma imperativa associada ao indicativo (0,53). Sua pesquisa, entretanto, diverge dos dados de Scherre (2003) no que tange aos pronomes do caso reto, há desfavorecimento do imperativo associado ao indicativo (0,42).

Selecionada pelo Varbrul, nos dados da novela *Senhora do Destino*, como estatisticamente relevante, fatores desta variável assim se exemplificam:

- (i) ME DESCULPA, mas Deus ainda num tá abrindo linha de crédito pra ninguém, não.
- (ii) Qual? ME DIZ que eu preparo.
- (iii) Não SE PREOCUPE, se depender de mim, hoje mesmo a gente localiza esse motorista.
- (iv) ME DIGA, como é que ficou a pintura da casa do Dr. Moacir?

Tabela 8a. Efeito da variável *Presença, ausência e tipo de pronome* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de todos os personagens da novela *Senhora do Destino*

Fatores	Frequência da forma indicativa	Peso relativo dos fatores
Ausência de pronome	435/607 72%	0,56
<i>Me</i> antes do verbo	39/69 57%	0,44
<i>Se</i> antes do verbo	8/47 17%	0,07
Total	482/723 67%	

Considerando a tabela 8a, ausência de pronome indica leve favorecimento do indicativo com peso relativo 0,56; pronome proclítico *me* evidencia leve tendência ao desfavorecimento do

imperativo no indicativo com peso relativo 0,44. O pronome proclítico *se* segue a tendência apresentada nas pesquisas: desfavorecimento do indicativo (0,07). Esta tabela apresenta a configuração dos resultados numa segunda etapa de análise, depois de amalgamações e retiradas, momento em que tivemos de retirar os dados de efeito categórico. Entretanto, é interessante ressaltar que esses dados retirados são fundamentais para compreendermos o comportamento dessa variável e estabelecermos comparações com outras pesquisas. Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência de tais dados 1) na novela:

a) **Presença do pronome reto *eu*:** Nazaré: Dixa **eu** ver esse dinheiro aqui, dixa **eu** ver; Jenifer: Dixa **eu** ir logo que eu quero voltar mais cedo.

b) **Presença do pronome reto *ele*:** motorista: Ajuda ela aqui, vai, ajuda ela aí, ajuda; Gisela: Polícia, polícia, pega **ele**, as jóias são minhas, pega **ele**, tá com a minha bolsa; olha lá **ele**, olha lá **ele**, vai, motorista, mais rápido.

c) **Presença de *você*:** Dirceu: olha aqui **você**, é simples, você tem duas escolhas, ou come ou não come. Maria do Carmo: Descanse **você** também, meu amor. Vá descansar **você** também. Maria do Carmo: Sente aqui perto de mim. Venha **você**, Claudinha.

d) **Pronome *me* enclítico:** Maria do Carmo: Diacho de pai é esse que larga os filhos enquanto tão moleques e só reaparece quando os filhos já tão crescidos; faça-**me** o favor, seu Dirceu.

e) **Pronome *se* enclítico:** Maria do Carmo: Não faça-**se** de besta, sai da minha frente. Leonardo: Satisfeitíssimos. Divirta-**se**, meu amor. Maria do Carmo: Gostei. Gostei por demais. Considere-**se** minha sócia.

f) **Pronome *nos* proclítico:** Maria do Carmo: Não **nos** faça rir, Reginaldo.

2) na fala do Recife:

- a) **Presença do pronome reto *ele***: ...e deixa **ele** tocando bateria que ele toca mais (NELFE)
- b) **Presença de *você***: Veja **você** que mundo interessante (NURC/RE). Venha **você** dizer assim...(NURC/RE).
- c) **Pronome *me* enclítico**: Permita-**me**, Vossa Excelência, ministro José de Jesus...
Permita-**me** os senhores que pelo Poder Judiciário... (NURC/RE).
- d) **Pronome *se* proclítico**: Não **se** preocupe, eu não... (NURC/RE).
E **se** vista para o cemitério se tiver vontade de fofocar (NURC/RE).
Não **se** preocupe com a hora, não, que chega... (NELFE).
Mas não **se** esqueça que as árvores seculares também são monumento... (NURC/RE).
- e) **Pronome *se* enclítico**: Defenda-**se**...(DIÁLOGOS).
Dane-**se** você e ele (DIÁLOGOS).

A tabela seguinte nos fornece a configuração geral dos dados e nos permite uma comparação com a fala de todos os personagens; com cariocas e pernambucanos, isoladamente, e com a fala do Recife.

Tabela 8b. Efeito da variável *Ausência, presença, localização e pessoa do pronome* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de todos os personagens; isoladamente, na fala dos personagens cariocas e pernambucanos; e na fala de Recife.

	Fala de todos os personagens da novela		Fala dos personagens cariocas		Fala dos personagens pernambucanos		Fala do Recife	
Fatores	Frequência da forma indicativa		Frequência da forma indicativa		Frequência da forma indicativa		Frequência da forma indicativa	
Ausência de pronome	414/563	74%	370/410	90%	44/153	29%	229/411	56%
Presença do pron. reto eu	3/3	100%	3/3	100%	sem ocorrência		18/19	95%
Presença do pron. reto ele	6/6	100%	6/6	100%	sem ocorrência		1/1	100%
Presença de você	1/4	25%	1/1	100%	0/3	0%	0/2	0%
Me antes do verbo	38/60	63%	32/37	86%	6/23	26%	14/24	58%
Me depois do verbo	0/1	0%	sem ocorrência		0/1	0%	0/2	0%
Se antes do verbo	7/38	18%	7/22	32%	0/16	0%	0/4	0%
Se depois do verbo	0/3	0%	0/1	0%	0/2	0%	0/2	0%
Nos antes do verbo	0/1	0%	sem ocorrência		0/1	0%	Sem ocorrência	
Total	469/679	69%	419/480	87%	50/199	25%	262/465	56%

Os resultados com dados de fala de todos os personagens evidenciam tendência semelhante à verificada nas pesquisas sobre o tema, com favorecimento de imperativo no indicativo na ausência de pronome (74%) e favorecimento categórico de imperativo no indicativo em contexto de presença dos pronomes retos *eu* e *ele*. O pronome proclítico *me* tende ao favorecimento do imperativo no indicativo. Embora com percentual abaixo da média, distancia-se significativamente do percentual apresentado pelo *me* quando enclítico. Relativamente ao efeito do pronome *se* proclítico, o pronome *me*, também favorece mais imperativo no indicativo. A presença de *você* e dos pronomes *me*, *se* enclíticos, indica desfavorecimento do imperativo no indicativo.

Em relação aos dados de fala somente dos personagens cariocas, a tabela 8b mostra que ausência de pronome favorece o imperativo associado ao indicativo em 90%, assim como a presença dos pronomes retos *eu* e *ele* e do pronome *você*, favorecendo categoricamente a forma imperativa no indicativo. O pronome *me*, relativamente, também indica favorecimento (86%). O proclítico *se* (32%) e os demais pronomes enclíticos oblíquos desfavorecem o imperativo associado ao indicativo, com efeito categórico negativo.

A fala dos personagens pernambucanos, com média percentual de 25%, revela tendência semelhante, uma vez que, em relação à ausência de pronome, apresenta percentual de 29%, estando, portanto, levemente acima da média. Resultado semelhante é verificado nos casos de *me* proclítico, com percentual de 26%. Os demais pronomes, tanto o *se* proclítico, como os enclíticos, desfavorecem categoricamente o imperativo no indicativo.

Os dados de fala do Recife, conforme evidencia a tabela 8b, são também consistentes com as pesquisas; os fatores assim se distribuem: ausência de pronome permanece igual à média (56%); pronomes retos *eu* e *ele* favorecem o imperativo no indicativo com 95% e 100%, respectivamente; o pronome *me* antes do verbo apresenta percentual de 58%. O pronome *se* antes do verbo e os demais pronomes localizados depois do verbo desfavorecem categoricamente o imperativo no indicativo, assim como a presença de *você*.

Os resultados com dados dos personagens mostram uma correlação com dados de fala em situações reais, como se vê nas pesquisas, embora com pequenas diferenças. Em Scherre (2004: 242-243), verificamos que o pronome *se* proclítico e os pronomes *me*, *se*, *nos*, *os*, na posição enclítica, desfavorecem o imperativo no indicativo.

Os dados do Recife refletem a mesma tendência verificada em Scherre (2004). De fato, a presença ou ausência ou o tipo de pronome é uma restrição importante no uso do imperativo gramatical.

De acordo com Scherre (2003: 182), dois aspectos importantes estão envolvidos na interpretação dessa variável: o primeiro diz respeito ao fato dos pronomes enclíticos favorecerem o subjuntivo; segundo a lingüista, isto

pode ser visto como reflexo de configurações lingüísticas que pertencem a um outro momento da língua portuguesa falada no Brasil, em que se conjugam duas formas em fase de extinção na fala espontânea e atual das Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste: imperativo associado ao subjuntivo e pronome do caso oblíquo [...]. O efeito quase categórico do pronome na forma do caso reto indica a coexistência entre formas de um novo momento da língua falada no Brasil, agora caracterizada como português brasileiro: imperativo associado ao indicativo e pronome na forma do caso reto.

Essas novas configurações lingüísticas foram estudadas por Paredes Silva (2000), que analisou peças teatrais escritas por autores cariocas do século XIX até a década de 90 do século XX. A autora verificou que a variação no uso da forma imperativa no indicativo, no que tange ao português brasileiro, é antiga. Embora tenha ocorrido a inserção do *você* na nossa língua, e este fato tenha provocado certo desequilíbrio com relação às formas verbais (forma de tratamento empregada com verbos de 3ª.pessoa), isso não afetou o imperativo, que manteve a forma própria de 2ª.pessoa. Esta constatação é consistente com o argumento de Scherre (2003), citado acima. Paredes Silva (2000: 122) afirma, ainda, que “talvez essa ‘mistura de tratamento’ no imperativo tenha aberto as portas para a retomada do pronome de 2ª. pessoa no uso não padrão hoje bastante difundido na fala carioca”.

Outro aspecto a ser considerado, segundo Scherre (2003), é com relação ao pronome enclítico *se* favorecendo a forma associada ao subjuntivo e o pronome proclítico *me*, favorecendo a

forma associada ao indicativo. Com base na pesquisa de Scherre et alii (1998), Scherre (2003: 183) lembra que o pronome *se* depois do verbo, associado à forma indicativa, poderia levar à perda da leitura imperativa da sentença, fato ainda mais evidente em estruturas imperativas negativas (“Não se preocupe...”). Vejamos os seguintes exemplos:

- 7- ...e SE VISTA para o cemitério; se tiver vontade de fofocar só tem lá (NURC/RE);
- 8- Não SE PREOCUPE, eu não sou nada (NURC/RE);
- 9- Interessante os monumento de Recife, mas não SE ESQUEÇA que árvores seculares também são monumentos (NURC/RE).

O pronome proclítico *me*, por sua vez, conjugado com a forma associada ao indicativo, possibilita a leitura imperativa da sentença sem nenhum problema:

- 10- ME DÁ um saco de cebola (Diálogos);
- 11- Antes, ME TRAZ um refrigerante, por favor (Diálogos);
- 12- É. ME MOSTRA um desta cor aqui (Diálogos).

No intuito de verificar possíveis estereótipos na fala da personagem Maria do Carmo, comparamos os resultados de sua fala com os dados do Recife, como pode ser visto na tabela 8c.

Tabela 8c. Efeito da variável *Ausência, presença, localização e pessoa do pronome* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala do Recife e na fala da personagem Maria do Carmo.

Fatores	Fala do Recife		Fala de Maria do Carmo	
	Frequência	da forma indicativa	Frequência	da forma indicativa
Ausência de pronome	229/411	56%	26/129	20%
Presença do pron. reto eu	18/19	95%	Sem ocorrência	
Presença do pron. reto ele	1/1	100%	Sem ocorrência	
Presença de você	0/2	0%	0/3	0%
Me antes do verbo	14/24	58%	5/22	23%
Me depois do verbo	0/2	0%	0/1	0%
Se antes do verbo	0/4	0%	0/14	0%
Se depois do verbo	0/2	0%	0/2	0%
Nos antes do verbo	Sem ocorrência		0/1	0%
Total	262/465	56%	31/172	18%

O comportamento desta variável, nos dados de Maria do Carmo, é quase rigorosamente igual aos dados do Recife. A única diferença é a inexistência de ocorrências com o pronome *eu* e *ele*, o que, nesse caso, poderia revelar estereotipia, já que essas formas, considerando os dados, são usuais na fala do recifense. A fala da personagem Maria do Carmo evidencia favorecimento do imperativo no indicativo nos casos do pronome *me* proclítico em 23% (com média percentual de 18%), seguindo, portanto, a mesma tendência que os dados do Recife. Os dados de Maria do Carmo, aliás, aproximam-se mais das pesquisas com esse fator, já que sua fala está 5 pontos percentuais acima da média, que é de 18%, enquanto que a fala do Recife está apenas 2 pontos percentuais acima da média que é de 56%. Nos demais contextos, a tendência é praticamente a mesma: presença de *você*, pronome *se* proclítico e pronomes *me*, *se* enclíticos desfavorecem categoricamente imperativo no indicativo. Ausência de pronome permanece na média, tanto na fala da personagem quanto na fala do Recife, sendo que, na fala de Maria do Carmo, sobe 2 pontos percentuais. Nesse sentido, podemos dizer que, nesta

variável, a fala dos personagens revela bastante consistência com o que as pesquisas apontam para dados produzidos em circunstâncias reais.

Os resultados dessa variável evidenciam que, com relação aos efeitos lingüísticos, o autor de *Senhora do Destino* reflete, nos dados de fala dos personagens, o que tem sido explicitado nas pesquisas; mesmo nos dados de Maria do Carmo, em que há uma exacerbação dos traços, com uso vigoroso do imperativo na forma subjuntiva, há coerência com o que as pesquisas apresentam: o autor exagera traços, mas traços, os quais, segundo a análise, são favorecedores de imperativo no subjuntivo, seguindo, portanto, a mesma direcionalidade. Seria interessante termos mais dados de falantes pernambucanos que não tivessem nível superior, para assim fazermos uma comparação numa amostra maior e mais diversificada.

8.7. Paralelismo discursivo

Diversas pesquisas (Scherre, 2003; Cardoso, 2004; Sampaio, 2001; Scherre et alii, 1997; Andrade, 2004) têm tratado do efeito do Paralelismo lingüístico como restrição importante na análise de fenômenos variáveis. Vários autores se debruçaram sobre a questão a fim de investigar o princípio que subjaz a essa variável. Scherre (1998) faz referência às pesquisas de Poplack (1980) que estudou a concordância de número entre os elementos do sintagma nominal no espanhol de Porto Rico; de Weiner e Labov (1981) que estudaram as passivas sem agente em inglês; de Schffrin (1981) que estudou a alternância entre o presente histórico e o passado em narrativas orais do inglês; de Sankoff e Laberge (1978) que estudaram a alternância *on/tu/vous, on ils e nous on* no francês canadense; de Lefevre (1981) sobre a concordância verbal no Quechua; além de Omena (1978) sobre as formas pronominais variantes em função acusativa; Macedo (1981) sobre o futuro do subjuntivo; Scherre e Naro

(1991; 1992; 1993) sobre a concordância de número; Mollica (1989; 1992) sobre a variação tempo-modo em orações condicionais; Gryner (1977) sobre a concordância com verbos impessoais e muitos/as outros/as pesquisadores/as¹⁵. Todos esses trabalhos evidenciaram o forte efeito dessa variável nos diversos níveis da linguagem, sejam eles sintagmáticos, sentenciais ou discursivos, tanto em dados de língua escrita quanto em dados de língua oral. De acordo com Scherre et alii (1997:6), o paralelismo “atinge indiscriminadamente fenômenos variáveis de todos os subsistemas lingüísticos em diversos planos lingüísticos de qualquer língua natural, o que configura o seu caráter universal.” Scherre considera que essa variável evidencia a “força de aproximação de formas semelhantes, contribuindo, assim, para a coesão discursiva”. Segundo a autora, “os falantes são compelidos a usar formas semelhantes por algum princípio mental associativo, que pode estar ligado a uma das formas da mente humana operar, refletido no comportamento humano em geral” (1998: 42).

A nossa hipótese é a de que o uso do imperativo associado ao indicativo prévio condiciona a sua subsequente repetição, ocorrendo o mesmo com o subjuntivo. Scherre (2003), em análise sobre o uso do imperativo em revistas da *Turma da Mônica*, verificou que o indicativo favorece o uso subsequente de imperativo associado ao indicativo em 88%; as formas associadas ao subjuntivo desfavorecem o uso do imperativo na forma indicativa em 24%. Os pesos relativos 0,81 e 0,14, respectivamente, evidenciam a influência do paralelismo. Em Cardoso (2004), a tendência é a mesma: formas associadas ao indicativo favorecem o seu uso subsequente em 58%; formas associadas ao subjuntivo desfavorecem o indicativo em 15%. No caso de forma imperativa primeira de uma série ou de imperativo isolado, verifica-se uma tendência dos pesos relativos ficarem próximos ao ponto intermediário, o que revela um equilíbrio nessas posições. De acordo com Scherre, os valores próximos ao ponto

¹⁵ As referências destes trabalhos não constam da nossa bibliografia, pois resenhamos tais autores sem ter todas as pesquisas. Utilizamos o trabalho de Scherre et alii (1998).

intermediário indicam que essa variável tem tendência a atuar da esquerda para a direita (2003: 188).

Tanto nos dados de fala do Recife, quanto nos dados da novela, o Paralelismo discursivo mostrou efeito vigoroso, condicionando o uso do imperativo associado ao indicativo ou subjuntivo. Em ambos os *corpora*, esse grupo de fatores foi considerado pelo Varbrul estatisticamente significativo.

Tabela 9a. Efeito da variável *Paralelismo discursivo* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de todos os personagens da novela *Senhora do Destino*.

Fatores	Frequência da forma indicativa		Peso relativo dos fatores
Primeiro de uma série ou isolado	177/275	64%	0,41
Imp. precedido de imperativo no indicativo na fala da mesma pessoa	206/228	90%	0,76
Imp. precedido de imperativo no subjuntivo na fala da mesma pessoa	18/114	16%	0,16
Imp. precedido de imperativo no indicativo na fala do interlocutor	64/82	82%	0,62
Imp. precedido de imperativo associado ao subjuntivo na fala do interlocutor	17/24	71%	0,36
Total	482/723	67%	

É, sem dúvida, robusto o efeito dessa variável no condicionamento de uso do imperativo associado ao indicativo ou subjuntivo. Formas associadas ao indicativo levam a sua subsequente repetição (0,76), o mesmo se dando com o subjuntivo (0,16). Esses resultados, portanto, seguem a mesma tendência mostrada em Scherre (2003) e Cardoso (2004). As formas imperativas precedidas de imperativo no indicativo e no subjuntivo na fala do interlocutor, considerando os dados dos personagens, tendem para sua subsequente repetição: 0,62 para formas precedidas de imperativo no indicativo e 0,36 para o imperativo precedido

de imperativo no subjuntivo. Todavia, o peso relativo 0,36 aproxima-se mais do imperativo primeiro de uma série ou isolado (0,41), o que revela que o mecanismo da repetição de formas ditas anteriormente pelo interlocutor é menos forte para estes dados.

Nos dados de fala do Recife, esse grupo de fatores assim se configurou:

Tabela 9b. Efeito da variável *Paralelismo discursivo* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de Recife.

Fatores	Frequência da forma indicativa		Peso relativo dos fatores
Primeiro de uma série ou isolado	133/246	54%	0,51
Imp. precedido de imperativo no indicativo na fala da mesma pessoa	42/51	82%	0,86
Imp. precedido de imperativo no subjuntivo na fala da mesma pessoa	10/66	15%	0,16
Imp. precedido de imperativo no indicativo na fala do interlocutor	9/20	45%	0,44
Imp. precedido de imperativo associado ao subjuntivo na fala do interlocutor	7/13	54%	0,58
Total	201/396	51%	

A diferença entre os pesos relativos de 0,70 nas formas precedidas de indicativo (0,86) e nas formas precedidas de subjuntivo (0,16) na fala da mesma pessoa evidencia “a força de aproximação de formas semelhantes”. Os exemplos a seguir mostram esse condicionamento:

a) Inf.: Eles não fazem mal algum... Bom, PERAÍ... DEIXA eu ver mais

Doc.: FALE sobre co:bras, você poderia dizer assim: quais os tipos de cobra que existem (NURC/RE)

b) Inf.1: Me DÊ um saco de cebola. PESE 1k e meio de tomate. BOTE uns meio verdes para não estragar logo.

Inf.2: Sim, Senhorita. A moça tem razão porque o tomate não dura muito tempo (Diálogos).

c) Inf.1: Tu já lanchaste?

Inf.2: Ainda não. Tô ocupado agora. Eu vou daqui a pouco.

Inf.1: Vai demorar muito?

Inf.2: Não, mas, melhor você não me esperar. VAI indo.

Inf.1: Tá legal. Se tu não qué...

Inf.2: Quê isso, garota, não tá vendo que tô ocupado aqui? DEXA disso.

Inf.1: Tá, seu besta. Já vou indo mesmo

Inf.2: Eu, hein? Te morderam (Diálogos)

d) Inf.1: DIGA, chefe

Inf.2: Pode completar. Cuidado para não encher demais e ficar derramando

Inf.1: Carro como este, não pode deixar estragar nada.

Inf.2: Tem Holywood?

Inf.1: Sim, senhor. Quantos quer?

Inf.2: Me DÁ 3 maços. Vou passar o cheque com 200,00 a mais e você me dá o troco, certo? (Diálogos)

Inf.1: O senhor manda, COLOQUE o telefone atrás, por favor

Inf.2: OLHA, TIRA ainda um maço de Carlton daqui também (Diálogos).

Também verificamos o efeito da repetição de formas imperativas associadas ao indicativo ou subjuntivo na fala do interlocutor nos dados do Recife. Nosso objetivo era saber se a forma

imperativa utilizada pelo falante influenciava o seu interlocutor de modo que este reproduzisse a mesma forma na sua fala. Sobre essa tendência à repetição, Mira Mateus et alii (2003:68) dizem o seguinte:

num processo de produção verbal em interação, vários são os fatores que interagem e conduzem à realização de enunciados ou de trocas verbais. O que se diz e a forma como algo é dito é, de algum modo, condicionado pelo que foi anteriormente dito e pela forma como foi dito. A simples observação dos contextos lingüísticos em que os enunciados ocorrem mostra a importância e a influência do discurso que foi previamente produzido sobre os enunciados que se vêm a produzir. De certo modo, cada enunciado que se produz, numa situação de interação, é regulado pelo discurso que designamos por **discurso anterior**.

As autoras citam como exemplo interações como:

(i) “__ Como está, está *bem*?

__ *Bem*, obrigada.”

(ii) __ “De que é que *gostas* mais?

__ *Gosto* de ouvir música” (p. 69; grifos meus).

Esse mecanismo de repetição de que falam Mira Mateus et alii é, na verdade, o mesmo mecanismo que subjaz ao paralelismo. Porém, nesta pesquisa, os resultados dos fatores não revelaram essa relação de forma absoluta. O imperativo precedido de imperativo associado ao indicativo ou subjuntivo na fala do interlocutor nos dados de Recife revelou que o falante não repete formas em função da fala do interlocutor. Imperativo precedido de imperativo no indicativo desfavoreceu, relativamente, a forma associada ao indicativo (0,44); imperativo precedido de imperativo no subjuntivo indicou favorecimento da forma associada ao indicativo (0,58). Esses resultados mostram que há uma tendência do imperativo precedido de outra forma imperativa, no indicativo ou no subjuntivo, funcionar como a primeira de uma série, ou como forma isolada. Com relação à forma imperativa primeira de uma série ou isolada, tanto nos dados dos personagens (0,41), quanto nos dados de Recife (0,51), os resultados evidenciaram efeito intermediário tal qual evidenciam pesquisas anteriores.

Observamos também os dados de fala da personagem Maria do Carmo, isoladamente. Embora, nestes dados, o efeito dessa variável seja menos vigoroso, os resultados seguem a mesma tendência como podemos observar na tabela 9c.

Tabela 9c. Efeito da variável *Paralelismo discursivo* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala da personagem *Maria do Carmo*

Fatores	Frequência da forma indicativa	
Isolado ou primeiro de uma série	11/46	24%
Precedido de indicativo na fala da mesma pessoa e na fala do interlocutor	10/26	38%
Precedido de subjuntivo na fala da mesma pessoa ou na fala do interlocutor	8/53	15%
Total	29/125	23%

Nos dados de fala da personagem Maria do Carmo, apesar de haver desfavorecimento do imperativo associado ao indicativo, o imperativo precedido de imperativo no indicativo distancia-se mais da média (38%) do que o imperativo associado à forma subjuntiva (15%) e distancia-se na direção esperada: forma imperativa no indicativo precedente aumenta imperativo na forma indicativa; forma imperativa no subjuntivo diminui uso de imperativo no indicativo.

Este fato só vem confirmar o efeito vigoroso dessa variável no condicionamento da alternância indicativo/subjuntivo quando do uso do imperativo, confirmando a tese de Scherre (1998) de que o paralelismo é uma variável “candidata universal de uso e processamento lingüístico”.

Verificamos que os dados de fala dos personagens também captam esse aspecto, de modo que, também nessa variável, não se pode dizer que haja dados estereotipados, uma vez que estes refletem as tendências verificadas nas pesquisas.

8.8. Aspectos do verbo da construção imperativa (Tipo de verbo)

Todas as pesquisas (Scherre et alii, 1998; Sampaio, 2001; Scherre, 2004; Cardoso, 2004) que têm tratado da variável tipo de verbo mostram a complexidade desse grupo de fatores. Como mostram as pesquisas, vários aspectos estão imbricados nesta variável de forma que, na análise, é preciso levar em conta o paradigma regular/irregular, a natureza da vogal precedente, as relações internas entre as formas associadas ao indicativo e ao subjuntivo, maior ou menor saliência fônica, paradigma mais ou menos marcado, o número de sílabas. Além disso, há verbos que se comportam diferentemente dos demais, de maneira que, na análise, eles precisam ser individualizados.

Pesquisas anteriores apontam o seguinte:

a) Verbos regulares de primeira conjugação

Scherre et alii (1998), em pesquisa com dados do discurso falado, observaram que o paralelismo fônico (que envolve a natureza da vogal imediatamente precedente) é uma restrição importante na análise dos verbos de 1ª. conjugação, de forma que, na pesquisa, paradigma regular menos marcado/vogal precedente mais aberta (*fala/fale; olha/olhe; espera/espere*) apresenta peso relativo 0,75 e percentual de 88%; para paradigma regular menos marcado/vogal precedente menos aberta (*manda/mande, conta/conte, tenta/tente, vira/vire, desculpa/desculpe*) o peso relativo é 0,44 e percentual de 77%. Scherre (2003), em dados de diálogos escritos na revista

Turma da Mônica, verificou a mesma restrição: verbos com vogal precedente mais aberta favorecem o imperativo associado ao indicativo (peso relativo 0,65 e percentual de 63%); por sua vez, verbos com vogal precedente menos aberta favorecem o imperativo no subjuntivo (peso relativo de 0,42 e percentual de 53%).

Desta forma, Scherre et alli (1998) e Scherre (2004) mostram que os verbos regulares da primeira conjugação não funcionam como um único bloco, no sentido de favorecer uma ou outra variante do imperativo.

Ao analisar o efeito da vogal precedente da forma verbal conjugada nos termos já descritos, Scherre (2004) observa que o número de sílabas e tipos isolados de verbos também entram em jogo no entendimento da variação do imperativo; de acordo com a pesquisa, quanto menor o número de sílabas, mais há tendência de favorecimento de imperativo no indicativo. Assim, conforme pesquisa de Scherre (2004: 247), os verbos *olhar* e *deixar* (duas sílabas, vogal precedente mais e menos aberta, respectivamente) favorecem o imperativo no indicativo em 94% e 89%; os verbos *esperar* e *imaginar* (três sílabas, vogal precedente mais e menos aberta, respectivamente) desfavorecem a forma associada ao indicativo com percentual 42% e 18%.

Os verbos *deixar* e *olhar*, de acordo com pesquisa de Scherre (2004), apresentam frequência mais alta de uso do imperativo associado à forma indicativa, mesmo em áreas geográficas onde o uso do imperativo favorece o subjuntivo. De fato, de posse dos dados de fala de Salvador, fornecidos por Sampaio (2001), Scherre (2004) verificou que o verbo *deixar* apresenta um percentual de 45% de formas imperativas associadas ao indicativo; o verbo *olhar* apresenta um percentual de 31% associado ao indicativo, com média percentual de 28%, conforme explicitado na página 59 (tabela 3).

b) Verbos irregulares e verbos de paradigma especial e de paradigma regular de 2ª. e 3ª. conjugação

Da mesma forma que os verbos regulares de 1ª.conjugação, os verbos irregulares e os de paradigma especial e regulares de 2ª. e 3ª.conjugação não apresentam efeito uniforme, sendo preciso considerar contextos específicos na sua análise. (Scherre, 2004: 248-249) aponta os seguintes resultados:

- i) verbos de paradigma irregular de oposição menos marcada __ *dá/dê, sai/saia, vai/vá vem/venha, põe/ponha* __ tendem relativamente a favorecer o imperativo na forma indicativa, que é a forma menos marcada: 93% para os dados de fala; 78% para os dados da escrita. Verbos de paradigma irregular de oposição mais marcada__ *faz/faça, traz/traga/diz/diga, pede/peça, vê/veja/sê/seja*__ tendem, relativamente, a desfavorecer imperativo no indicativo: 64% para o discurso falado; 27% para os dados de escrita.
- ii) os verbos de paradigma especial, de 2ª. e 3ª.conjugações (*corre/corra, segue/siga, sobe/suba*) com oposição menos marcada tendem, relativamente, a favorecer o imperativo no indicativo: 68% no discurso falado; 56% para os dados de escrita. Os verbos regulares de 2ª. e 3ª. conjugações (*come/coma, abre/abra*) tendem, relativamente, a desfavorecer o imperativo no indicativo: 44% no dados de língua falada; 27% para os dados da escrita.

Tendo em vista a complexidade desta variável, ainda com resultados não muito uniformes, se observadas todas as pesquisas sobre o tema, controlamos os verbos regulares de 1ª. conjugação considerando a vogal precedente mais ou menos aberta, porém isolamos os verbos *olhar* e *deixar*, líderes de uso do imperativo associado ao indicativo.

Controlamos também as formas dos verbos *olhar*, *deixar*, *esperar*, *ó/óia*, *xá*, *pera/peraí* respectivamente, como formas gramaticalizadas que, em nossa amostra, se apresentam invariantes. Vejamos alguns exemplos

1) na fala dos personagens:

- Shirley: OLHA aqui, eu não tô falando mal, sabe? Eu sô amiga. Eu tô querendo entender.
- Maria do Carmo: OLHE, faça uma coisa: tranque tudo, feche tudo e leve a chave pra casa.
- Isabel: Ah, PERAÍ, Claudinha! Pára, gente, pára!
- João Manoel: Já que tá me dando plenos poderes, XÁ comigo, eu sou o cara. Pode dexar.
- Geovanni: Olha aqui, Ó, bem dentro dos meus olhos. Olhô? Agora me diz: Você acha que eu não sou capaz de fazê o que eu quiser?
- Alberto: Pai, calma. sai do mei da rua, pai. Cê... Ó o ônibus.

2) na fala de Recife:

- OLHA, tira ainda um maço de Carlton daqui também (Diálogos)
- OLHE, fica para outra vez, certo? (idem)
- Ó, com as minhas amiga elas também não aprende porque elas falam de outro jeito, né? (idem).
- PERAÍ... PERAÍ...PERAÍ... Você acha machismo do homem, mas você é assim... Veja bem, você acha assim o machismo do homem... mas você tem que analisar assim, a mulher pode ser machista pelo lado dela (NELFE).

- Agora... DEIXA eu ver... outros bichos...Bom, dos bichos que eu conheço, eu acho que o que eu gosto mais... do hipopótamo (NURC/RE).

Parece haver também outros processos discursivos envolvidos nesses verbos (cf. Scherre, 2004: 245); eles podem estar exercendo a função de marcadores discursivos, atuando como formas cristalizadas, tendendo para o favorecimento do imperativo no indicativo.¹⁶ De fato, as formas *perái, ó, xá* foram retiradas das etapas de análise para a obtenção de pesos relativos, uma vez que, segundo nossa análise, todas essas formas favorecem categoricamente o indicativo.

Além dos verbos regulares de 2^a. e 3^a. conjugação, controlamos os verbos irregulares monossilábicos e dissilábicos, alguns como verbos isolados, e outros como grupos de verbos, em função também do número de dados.

As tabelas a seguir apresentam os resultados da fala dos personagens da novela (10a) e da fala do Recife (10b). É importante ressaltar que, em ambos os *corpora*, essa variável teve relevância estatística.

¹⁶ No item 8.9, trataremos da variável *Marcador discursivo* com mais detalhes.

Tabela 10a. Efeito da variável *Tipo de verbo* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de todos os personagens da novela *Senhora do Destino*.

Fatores	Frequência da forma indicativa		Peso relativo dos fatores
Olhar	67/75	89%	0,77
Deixar	27/33	82%	0,71
Verbos regulares de 1ª.conj. com vogal precedente mais aberta	91/124	73%	0,57
Verbos regulares de 1ª.conj. com vogal precedente menos aberta	119/210	57%	0,31
Verbos irregulares e especiais e de paradigma regular de 2ª. e 3ª.conjugação	34/61	56%	0,64
Dar	26/28	93%	0,94
Ir	40/60	67%	0,45
Ter/vir/cair/sair	50/67	75%	0,40
Fazer/ver	19/33	58%	0,52
Dizer	9/32	28%	0,12
Total	482/723	67%	

Tabela 10b. Efeito da variável *Tipo de verbo* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de Recife

Fatores	Frequência da forma indicativa		Peso relativo dos fatores
Olhar	38/87	44%	0,42
Deixar	56/61	92%	0,91
Verbos regulares de 1ª.conj. com vogal precedente mais aberta	28/61	46%	0,43
Verbos regulares de 1ª.conj. com vogal precedente menos aberta	23/41	51%	0,49
Verbos reg. e espec. de 2ª. e 3ª. conjugação.	10/15	67%	0,67
Dar	12/15	80%	0,84
Ir	11/29	38%	0,36
Ter/vir/sair	8/13	62%	0,57
Fazer/ver	12/43	28%	0,25
Dizer	3/27	11%	0,08
Total	201/396	51%	

Na fala dos personagens, os verbos regulares da 1ª.conjugação com vogal precedente mais aberta indicam favorecimento do imperativo no indicativo com peso relativo 0,57; os verbos com vogal precedente menos aberta desfavorecem-no, com peso relativo 0,31. Na fala do Recife, este efeito não se verifica: vogal precedente mais aberta apresenta peso relativo de 0,43; vogal precedente menos aberta, 0,49. A nossa hipótese era a de que vogal precedente mais aberta tenderia a favorecer vogal seguinte mais aberta, nesse caso, a forma imperativa associada ao indicativo (*fala/espera*); vogal precedente menos aberta tenderia a favorecer vogal seguinte menos aberta, a forma imperativa associada ao subjuntivo (*fique/desculpe*). Considerando os percentuais de ambas as tabelas, os resultados dos personagens estão consistentes com a nossa hipótese, mas não os do Recife.

Os verbos regulares e especiais de 2ª. e 3ª.conjugação seguem a mesma tendência em ambos os *corpora*: peso relativo 0,64 para a fala dos personagens e 0,67 para a fala do Recife, favorecendo o imperativo no indicativo.

Os verbos irregulares, nos dois *corpora*, apresentam semelhanças ao tenderem para os extremos, mas apresentam hierarquias diferentes nos pesos relativos intermediários. Os verbos *ter/vir/sair*, de oposição interna menos marcada, na fala do Recife, indicam favorecimento do imperativo no indicativo (0,57); na fala dos personagens, há desfavorecimento do imperativo no indicativo com peso relativo 0,40. Os verbos *fazer/ver* desfavorecem o imperativo no indicativo na fala do Recife (0,25), seguindo a mesma tendência das pesquisas de Scherre (2004); nos dados de fala dos personagens, esses verbos, tendem a um efeito equilibrado, considerando-se o peso relativo 0,52. O verbo *dizer*, na fala dos personagens e dos recifenses desfavorece o imperativo no indicativo (0,12 e 0,08 respectivamente), seguindo a mesma tendência da pesquisa de Scherre (2004). Também o verbo *ir*, monossilábico, de paradigma irregular e

oposição menos marcada, diferentemente dos resultados de Scherre (2004) desfavorece imperativo associado ao indicativo na fala dos personagens, com peso relativo 0,45 e mais ainda na fala de Recife, com peso relativo 0,36. O verbo *dar* favorece significativamente o imperativo no indicativo na fala de Recife com peso relativo 0,84; favorece-o também nos dados da novela com peso relativo 0,94.

Os verbos *deixar* e *olhar*, na fala dos personagens, favorecem o imperativo no indicativo com pesos relativos 0,71 e 0,77, respectivamente. Esses resultados são consistentes com a pesquisa de Scherre (2004). Na fala do Recife, o verbo *deixar* favorece fortemente o indicativo com peso relativo 0,91. O verbo *olhar*, diferentemente das pesquisas, indica desfavorecimento do imperativo no indicativo com peso relativo 0,42.

Buscando um entendimento dessas diferenças nos dois *corpora*, e considerando que o grupo de fatores *Personagens* abarca tanto dados de personagens cariocas quanto pernambucanos, fizemos uma análise, considerando, isoladamente, dados de personagens cariocas, pernambucanos e dados do Recife, conforme explicitados na tabela 10c.

Tabela 10c. Efeito da variável *Tipo de verbo* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala dos personagens cariocas, dos personagens pernambucanos e na fala do Recife.

	Fala dos pers. cariocas		Fala dos pers. pernambucanos		Fala do Recife	
Fatores	Frequência da forma indicativa		Frequência da forma indicativa		Frequência da forma indicativa	
Olhar	59/60	98%	7/12	58%	38/87	44%
Deixar	23/24	96%	3/8	38%	56/61	92%
Verbos reg. de 1 ^a .conj. com vogal precedente mais aberta	78/84	93%	7/30	23%	28/61	46%
Verbos reg. de 1 ^a .conj. com vogal precedente menos aberta	104/126	83%	10/58	17%	23/41	51%
Verbos reg. e espec. de 2 ^a . e 3 ^a . conj	25/34	74%	7/22	32%	10/15	67%
Dar	19/19	100%	6/8	75%	12/15	80%
Ir	36/38	95%	1/17	6%	11/29	38%
Ter/vir	43/49	88%	7/18	39%	8/13	62%
Fazer/ver	15/18	83%	2/11	18%	12/43	28%
Dizer	8/18	44%	0/11	0%	3/27	11%
Total	410/470	87%	50/195	26%	201/396	51%

Os resultados da tabela 10c evidenciam o seguinte: na fala dos personagens cariocas, verbos regulares de 1^a.conjugação com vogal precedente mais aberta favorecem imperativo no indicativo (93%); os verbos com vogal precedente menos aberta tendem a desfavorecê-lo. (83%). Os verbos de 2^a. e 3^a. conjugação, tendem um pouco mais ao desfavorecimento do imperativo associado ao indicativo (74%). Os verbos irregulares apresentam comportamentos diferenciados: *fazer* e *ver* tendem ao desfavorecimento do imperativo no indicativo (83%); o verbo *dizer* desfavorece-o significativamente (44%). Os verbos *ter* e *vir* permanecem na média (88%); o verbo *ir* evidencia forte favorecimento do imperativo na forma indicativa (95%); com o verbo *dar*, essa tendência é categórica: 100% de imperativo no indicativo. Os verbos *deixar* e *olhar* seguem a tendência verificada em outras pesquisas, são líderes de uso do imperativo no indicativo: 96% e 98%, respectivamente.

Apresentando semelhanças e diferenças em relação aos dados dos recifenses, os resultados da fala dos personagens pernambucanos evidenciam que os verbos regulares de 1^a.conjugação com vogal precedente mais e menos aberta tendem ao desfavorecimento do imperativo no indicativo (23% e 17%, respectivamente), embora, considerando-se a média percentual de 26%, essa tendência seja maior em relação aos verbos com vogal precedente menos aberta, assim como ocorre com a fala dos personagens cariocas e diferentemente do que ocorre em Recife. Os verbos regulares e especiais de 2^a. e 3^a.conjugação tendem ao favorecimento do imperativo no indicativo (32%), tendência consistente com a fala do Recife. Os verbos irregulares, para esses dados, também exibem comportamento não uniforme: *fazer* e *ver* tendem ao desfavorecimento do imperativo no indicativo (18%), assim como o verbo *ir* que o desfavorece de forma significativa (6%). Com o verbo *dizer*, há desfavorecimento categórico: 0% de imperativo no indicativo. Os verbos *ter* e *vir* tendem ao favorecimento (39%), tendência, aliás, verificada com o verbo *dar* que apresenta uso vigoroso de imperativo no indicativo (75%). Os verbos *deixar* e *olhar*, na fala dos personagens pernambucanos, tendem a favorecer o imperativo na forma indicativa (38% e 58%, respectivamente). É interessante lembrar que, na fala do Recife, o verbo *olhar* desfavorece o imperativo no indicativo (44%).

Buscando uma análise ainda mais criteriosa, isolamos os dados da personagem Maria do Carmo, confrontando-os com os dados do Recife, conforme explicitado na tabela 10d.

Tabela 10d. Efeito da variável *Tipo de verbo* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala do Recife e na fala da personagem Maria do Carmo.

	Fala do Recife		Fala de Maria do Carmo	
Fatores	Frequência da forma indicativa		Frequência da forma indicativa	
Olhar	38/87	44%	3/7	43%
Deixar	56/61	92%	3/8	38%
Verbos reg. de 1 ^a .conj. com vogal precedente mais aberta	28/61	46%	5/26	19%
Verbos reg. de 1 ^a .conj. com vogal precedente menos aberta	23/41	51%	4/49	8%
Verbos reg. e especiais de 2 ^a . e 3 ^a .conj.	10/15	67%	6/19	32%
Dar	12/15	80%	5/7	71%
Ir	11/29	38%	0/16	0%
Ter/vir	8/13	62%	3/14	21%
Fazer/ver	12/43	28%	2/11	18%
Dizer	3/27	11%	0/11	0%
Total	201/396	51%	31/168	18%

Os resultados mostram que a fala de Maria do Carmo, com relação aos verbos de 1^a.conjugação com vogal precedente mais aberta, tende a leve favorecimento do imperativo no indicativo (19%); verbos com vogal precedente menos aberta desfavorecem-no significativamente (8%), tendência inversa aos dados do Recife. Os verbos regulares e especiais de 2^a. e 3^a.conjugação seguem a mesma tendência em ambos os *corpora*: favorecimento do imperativo no indicativo (32% para a fala de Maria do Carmo; 67% para a fala do Recife). O verbo *deixar* também segue essa tendência: 38% de imperativo no indicativo na fala de Maria do Carmo, 92% na fala do Recife, embora, nesse caso, a fala do Recife evidencie uso mais vigoroso. O verbo *olhar*, por sua vez, apresenta tendência inversa: na fala de Maria do Carmo, tende ao favorecimento do imperativo na forma indicativa (43%); na fala do Recife, há desfavorecimento (44%), considerando a média percentual de 18% para a personagem e de 51% para a fala do Recife. O verbo *dar*, em ambos os *corpora*, indica forte

favorecimento do imperativo no indicativo: 71% para a fala de Maria do Carmo, 80% para a fala do Recife.

Verificamos, entretanto, nessa variável, nítida exacerbação do uso do imperativo favorecendo o subjuntivo na fala da personagem Maria do Carmo, em relação a alguns verbos. O verbo *ir*, na fala da personagem, explicita uso categórico de imperativo desfavorecendo o indicativo (0%). O mesmo ocorre com o verbo *dizer*: 0% de imperativo no indicativo, diferentemente da fala do Recife, que, embora também mostre desfavorecimento do imperativo no indicativo em relação a esse verbo (11%), não o desfavorece de forma categórica.

Embora tenhamos verificado semelhanças com os dados do Recife e com dados de outras pesquisas, há uma tendência nos dados da novela, em direção a dois extremos: num extremo, os personagens cariocas favorecem imperativo no indicativo; no outro extremo, Maria do Carmo favorece imperativo no subjuntivo. Nesse sentido, podemos dizer que há uma tendência, na novela, à exacerbação no uso de alguns verbos no que tange ao imperativo, revelando, neste caso, estereotipia.

Controlamos também o número de sílabas do verbo em ambos os *corpora*. A pesquisa de Scherre (2004), como já dissemos, mostra que, quanto menor o número de sílabas, mais se favorece o imperativo na forma indicativa, de modo que verbos monossílabos e dissílabos tendem a favorecer o imperativo associado ao indicativo; verbos trissílabos e polissílabos tendem a desfavorecê-lo. A nossa conclusão foi de que isolar este fator resultou pouco significativo para a nossa pesquisa.

8.9. Marcador discursivo

Como foi dito no item 8.8, há verbos que costumam ser utilizados pelo falante para marcar troca de turnos numa conversação ou para introduzir um novo assunto. Partimos da hipótese de que verbos como *olhar*, *deixar* e *esperar*, em princípio usados como marcadores do discurso, estariam adquirindo *status* de forma cristalizada e, portanto, favorecendo mais o imperativo associado ao indicativo.

O que motivou o controle desta variável foi o fato de observarmos que as formas gramaticalizadas de *esperar*, *deixar* e *olhar* já se apresentarem gramaticalizadas em formas diretamente associadas ao imperativo no indicativo: *perai*, *xá* (*xá comigo*), *óia*. Não encontramos em nosso *corpus* construções do tipo *perai* ou *xê comigo*.

Vejamos os exemplos abaixo:

- OLHE, o senhor poderia falar já que trabalha no sindicato dos comerciários...
(NURC/RE)
- OLHA, tira ainda um maço de Carlton daqui também (Diálogos).
- Agora, DEIXA eu ver... outros bichos... (NURC/RE)
- ÓIA, eu amarro um cordão no seu dente, pulo essa janela e puxo pro meio da rua e quero ver se ele não sai (risos) (NURC/RE)

Controlamos essa variável, tanto nos dados do Recife quanto nos dados da novela, e, em nenhum dos *corpora*, esse grupo foi considerado relevante pelo Varbrul. Os fatores se constituíam em *marcador discursivo*, *não marcador discursivo*, *formas que possuem algum conteúdo semântico que as ligam ao sentido original do verbo*, *porém já cristalizadas* (por

exemplo, em dados do tipo: ESCUTA, minha querida, me arranja alguns papéis de depósito? (NELFE)). Nossa hipótese é a de que, somados a número de sílabas, maior ou menor saliência fônica, formas mais marcadas ou menos marcadas, existem processos discursivos condicionando o emprego dos verbos ora associado ao indicativo, ora associado ao subjuntivo no uso do imperativo. O verbo *olhar*, por exemplo, que apresenta uso vigoroso do imperativo no indicativo, poderia estar sendo utilizado, em bom número de ocorrências, como forma cristalizada, favorecendo o indicativo. Os dados dos personagens assim se configuraram:

Tabela 11a. Efeito da variável *Marcador discursivo* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de todos os personagens da novela *Senhora do Destino*.

Fatores	Frequência da forma indicativa	Pesos relativos não selecionados
Marcador discursivo	38/43 88%	(0,79)
Forma com conteúdo semântico, mas já cristalizada	2/4 50%	(0,29)
Não marcador	442/676 65%	(0,48)
Total	482/723 67%	

A tabela abaixo mostra a configuração dos dados de Recife:

Tabela 11b. Efeito da variável *Marcador discursivo* no uso do imperativo associado ao indicativo na fala de Recife.

Fatores	Frequência da forma indicativa	Pesos relativos não selecionados
Marcador discursivo	84/158 53%	(0,53)
Forma com conteúdo semântico mas cristalizada	9/20 45%	(0,57)
Não marcador	108/218 50%	(0,47)
Total	201/396 51%	

O fato de esses verbos serem empregados com marcadores não teve relevância estatística. Do ponto de vista lingüístico, é importante ressaltar que eles podem, sim, estar funcionando como marcadores discursivos, embora não sejam, ainda, formas cristalizadas. Os pesos relativos, nas tabelas 11a e 11b, mostram que, como marcadores, esses verbos tendem a favorecer o imperativo no indicativo, sobretudo nos dados da novela (0,79); na fala do Recife, verificamos a mesma tendência, embora com um peso relativo menor (0,53). Quanto às formas *ó/óia*, sempre empregadas no indicativo, foram retiradas das últimas rodadas a fim de não inflacionarem os dados que favoreciam o imperativo no indicativo. No caso dessas formas, *ó/óia*, *perái*, *xá* verificamos que, de fato, se gramaticalizaram como tal, favorecendo o imperativo no indicativo. Com relação aos verbos *olhar*, *esperar*, *deixar*, embora os pesos relativos explicitem favorecimento do imperativo no indicativo, quando controlados como marcadores discursivos, não se pode dizer que são formas cristalizadas, já que exibem variação, ora tendendo para o imperativo no indicativo (*olha*), ora favorecendo o imperativo no subjuntivo (*olhe*).

9- CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou fazer uma análise da fala dos personagens da novela *Senhora do Destino*, transmitida pela Rede Globo de televisão, em 2004/05, a fim de verificar a presença de estereótipos lingüísticos na caracterização da fala do Nordeste. Focamos, neste caso, a fala de Pernambuco, representada, na novela, pela personagem Maria do Carmo. Estudando o imperativo gramatical, nosso objetivo era verificar se, em fenômenos morfossintáticos, esses estereótipos se evidenciavam. Ao longo da pesquisa, fizemos uma análise comparativa entre o *corpus* da novela e o *corpus* do Recife com dados de fala em situações reais de uso.

Esta pesquisa norteou-se pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista de base quantitativa, que associa às estruturas linguísticas a noção de heterogeneidade ordenada. Nessa perspectiva, e de posse do pacote de programas Varbrul, controlamos variáveis independentes que podem estar condicionando o uso do imperativo associado ao indicativo ou ao subjuntivo na fala dos personagens da novela e na fala do Recife.

Controlando essas variáveis, buscamos verificar se o autor da novela foi sensível ao efeito dos diversos fatores que influenciam a variação nos dados de fala, em situações reais de uso, refletindo essa heterogeneidade ordenada na fala dos personagens.

O que as pesquisas comprovam é que, nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, há predominância do imperativo associado à forma indicativa. Em estados pesquisados da região Nordeste, o uso do imperativo favorece a forma subjuntiva.

Em relação ao *corpus* da novela foram estatisticamente relevantes os seguintes grupos de fatores: *Personagens; Polaridade de estrutura e tipo de pronome no contexto discursivo; Ausência, presença, pessoa e localização do pronome; Paralelismo discursivo; Tipo de verbo*. Para o *corpus* de Recife, foram selecionados pelo Varbrul os seguintes grupos de fatores: *Paralelismo discursivo, Tipo de verbo*. A variável *Escolaridade* permaneceu no limiar da seleção, entretanto, devido à má distribuição dos dados na amostra do Recife, não teve relevância estatística. As tendências reveladas pelos dados em função da escolaridade, aliadas às tendências dos dados de fala de Salvador com relação à idade e à escolaridade e também as da amostra do Rio de Janeiro foram, todavia, fundamentais para discutirmos possíveis estereótipos na fala da protagonista.

A variável *Personagens* mostrou efeito vigoroso, evidenciando a importância de fatores regionais no uso do imperativo no indicativo ou no subjuntivo. *Maria do Carmo*, legítima representante dos pernambucanos, na visão do autor e diretor da novela, desfavorece o imperativo associado à forma indicativa com um percentual de 18%. A protagonista diferencia-se dos demais personagens devido ao seu sotaque peculiar, além de algumas expressões típicas utilizadas por ela (o autor, por exemplo, de forma recorrente, colocava na fala da protagonista a expressão “Eu tô varada de fome” a qual, segundo ele, é linguajar típico de Pernambuco). Com isso, a pretensão da novela é de que essa personagem represente o nordestino e defenda e cultive a sua identidade: pessoas fortes, batalhadoras e fiéis às raízes. *Maria do Carmo*, tem a pretensão de ser, na verdade, o protótipo do nordestino sofrido que, fugindo da fome e da miséria, parte de sua terra natal em busca de melhores condições de vida no Sul, consegue vencer todas as adversidades e prosperar. Como fica claro na trama, o linguajar característico da protagonista evidencia ao telespectador quem é a personagem e qual a sua origem.

Personagens cariocas favorecem o uso do imperativo no indicativo com percentual de 87%, fato coerente com a situação real de uso. De acordo com Sampaio (2001), o falante carioca favorece a forma indicativa quando do uso do imperativo com um percentual de 94%. Personagens pernambucanos favorecem o forma associada ao subjuntivo. Destacamos, em *Senhora do Destino*, três personagens: *Sebastião*, cuja fala desfavorece o imperativo no indicativo com percentual de 40%. Tendência, aliás, previsível, considerando as pesquisas feitas em vários estados do Nordeste e que apontam para o favorecimento do subjuntivo no uso do imperativo. *Josivaldo*: sua fala favorece a forma associada ao indicativo com percentual de 88%. Nossa conclusão é de que o favorecimento do indicativo tem relação com

o fato de que esse personagem, um dos vilões da trama, absorveu a cultura sulista a ponto de renegar suas raízes.

O personagem *Geovanni*, embora carioca, foi controlado à parte, pois sua fala é, claramente, caricaturada, especialmente no que se refere ao vocabulário e ao uso dos clíticos. Esse personagem utiliza uma linguagem idiossincrática e revela hipercorreção. Ao tentar uma reelaboração da linguagem no nível mais formal, o personagem procura se adequar às regras e convenções sociais e lingüísticas a fim de fazer a sociedade esquecer que ele já foi bicheiro. Sua fala desfavorece o uso do imperativo no indicativo com percentual de 38%. De acordo com Scherre et.al. (1998), falas com maior nível de formalidade tendem a favorecer a forma associada ao subjuntivo.

A variável *Escolaridade*, controlada nos dados do Recife, mostrou que falantes mais escolarizados tendem a usar a forma imperativa associada ao indicativo. Aventamos a hipótese de que isso se deve ao fato de essa forma ser usual em regiões mais prestigiadas. Esse grupo de fatores evidenciou que falantes com menor escolarização e não escolarizados utilizam o imperativo favorecendo a forma subjuntiva. Essa variável ajudou-nos a refletir sobre a presença de estereótipos ou não ao se retratar a fala da protagonista. Os dados de fala de Maria do Carmo condizem com os dados de fala dos falantes não escolarizados. Portanto, não haveria aí estereótipo lingüístico em relação ao uso do imperativo associado vigorosamente ao subjuntivo. Afinal sua fala estaria refletindo a fala do pernambucano menos escolarizado e que não sofreu a influência do Sul.

Os dados de fala do Recife, analisados nesta pesquisa, mostraram um equilíbrio no uso do imperativo associado ao indicativo e ao subjuntivo. Falantes pernambucanos alternam entre

uma e outra forma. Entretanto, dados da personagem *Maria do Carmo* evidenciam um desfavorecimento do indicativo da ordem de aproximadamente 80%.

Buscamos verificar se se evidenciava estereótipo lingüístico na fala dos personagens, principalmente na fala da protagonista *Maria do Carmo*. Nossa constatação é a de que, considerando a comunidade de fala pernambucana na sua totalidade, o estereótipo emerge. Nesse sentido, vale lembrar Gahagan (1980, *apud* Lima, 1997: 170): “o estereótipo é uma supergeneralização: não pode ser verdadeiro para todos os membros de um grupo [...], é, provavelmente, muito inexato como descrição de um dado sujeito [...], mas, não dada qualquer outra informação, constitui uma conjectura racional. Um desses traços levaria, então, à inferência de outros traços”. Entretanto, considerando principalmente a análise dos dados de falantes pernambucanos com menor escolaridade, ao que tudo indica, a personagem *Maria do Carmo* reflete a fala de quem não sofreu a influência das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, portanto, nesta perspectiva, não haveria estereótipo.

Controlamos a variável *Fala reportada*, a fim de verificarmos qual a imagem que o falante tem do outro e de si quando produz um enunciado, e se esta imagem corresponde a formas associadas ao indicativo ou ao subjuntivo. Embora sem relevância estatística para ambos os *corpora*, os dados dessa variável mostraram que o falante tende a usar o imperativo associado ao indicativo. Entretanto, em situação de fala reportada, há uma tendência de favorecimento da forma associada ao subjuntivo.

A variável *Polaridade de estrutura e tipo de pronome em contexto discursivo* também confirmou tendências: estruturas imperativas negativas tendem a desfavorecer o indicativo, assim como estruturas com pronome *você*. Estruturas imperativas afirmativas, principalmente

quando em contexto de *tu/teu*, tendem a favorecer a forma indicativa. É importante lembrar, todavia, que as pesquisas têm-nos mostrado que a alternância de uso do imperativo com as formas indicativa e subjuntiva não têm mais relação inequívoca e/ou categórica com os pronomes *tu* e *você*, como previsto pela gramática tradicional, ou seja, em contexto do pronome *tu*, utilizam-se as formas *fala/não fala; fale/não fale*, o mesmo se dando com o pronome *você*.

A análise dessa variável nos permitiu verificar que os dados de fala dos personagens são consistentes com o que se evidencia nas pesquisas em relação a esse mesmo grupo de fatores. Portanto, não se pode afirmar que, em relação a essa variável, o autor da novela tenha estereotipado a fala dos personagens.

Também o *Tipo de verbo* se mostrou relevante estatisticamente, tanto na fala dos personagens quanto na fala do Recife. É importante salientar que vários foram os aspectos considerados na análise a fim de dar conta da complexidade dessa variável. Embora tenha sido explicitado que vários aspectos estão imbricados, condicionando essa variável, a análise mostrou que formas menos marcadas tendem a favorecer o imperativo no indicativo; formas mais marcadas desfavorecem-no. Esta conclusão se evidencia tanto na fala do Recife quanto na fala dos personagens, o que mostra que, também em relação ao tipo de verbo, o efeito desta variável é consistente com os dados produzidos em circunstâncias reais. Observamos, entretanto, que aqui há visível exacerbação de alguns traços lingüísticos, como, por exemplo, o uso do verbo *ir*. Os personagens cariocas exageram o seu uso no imperativo associado ao indicativo com um percentual de 95%; a protagonista Maria do Carmo também exacerba essa traço na direção oposta: 100% de uso desse verbo no imperativo associado ao subjuntivo. Essa exacerbação também é verificada em relação ao verbo *dizer*: na fala de Maria do Carmo há

0% de imperativo no indicativo quando do uso desse verbo. Na fala do Recife, o verbo dizer também desfavorece imperativo no indicativo (11%), mas não de forma categórica.

Para aprofundarmos a análise das restrições envolvendo o tipo de verbo, controlamos a variável Marcador discursivo. Nossa hipótese era a de que existissem formas verbais já cristalizadas, favorecendo uso do imperativo no indicativo, como o verbo *olhar*, por exemplo, introduzindo tomada de turnos na conversação. Verificamos que esses verbos estão, de fato, funcionando como marcadores, entretanto não estão cristalizados em uma ou outra forma do imperativo, de forma que, mesmo em relação a eles há variação. Ou seja, há verbos que se esvaziaram de seu conteúdo semântico, mas não se cristalizaram exclusivamente como forma no indicativo ou no subjuntivo. Cristalizaram-se, sim, como marcadores que iniciam o turno da fala ou reorganizam o discurso. Entretanto, é interessante lembrar que as formas cristalizadas assumem a forma mais geral, menos marcada, a forma imperativa associada ao indicativo, como *perai*, por exemplo.

A variável *Paralelismo discursivo*, relevante estatisticamente para ambos os *corpora*, confirmou o que já foi evidenciado em pesquisas anteriores: formas semelhantes levam à sua subsequente repetição. Os dados de fala mostraram que o imperativo precedido de imperativo no indicativo favorece a forma associada ao indicativo. O imperativo precedido de imperativo no subjuntivo condiciona a sua repetição. Tanto a fala do Recife quanto a dos personagens seguem essa mesma direção. Também nessa variável o autor de *Senhora do Destino* captura o efeito das restrições que condicionam o uso de uma ou outra forma do imperativo.

A variável *Presença, ausência, localização e pessoa do pronome* revelou paralelo quase perfeito entre os resultados apontados nas pesquisas, os dados do Recife e os dados dos

personagens. Ausência de pronome favorece o imperativo no indicativo, pronome proclítico *me* também o favorece; pronome proclítico *se* e pronomes oblíquos na posição enclítica desfavorecem o imperativo no indicativo; os pronomes *eu*, *ele*, do caso reto, favorecem imperativo no indicativo. Mesmo evidenciando uso vigoroso do imperativo no subjuntivo, os dados da personagem Maria do Carmo também apresentam resultados consistentes com as tendências.

Ao final, não negamos que as novelas estereotipam a fala de determinadas regiões, principalmente as falas denominadas “caipiras” e a fala da região Nordeste, considerada pela mídia e por falantes de outras regiões como um único bloco, como bem lembram Leite e Callou (2004). Propusemo-nos, entretanto, a verificar a presença de estereótipo lingüístico exclusivamente em fenômeno morfossintático, a saber, a alternância de uso do imperativo nas formas indicativa e subjuntiva. Nesse caso, a análise dos dados do Recife e dos personagens da novela nos permitiu verificar que, num sentido macro, é visível o estereótipo em *Senhora do Destino*: a fala da personagem Maria do Carmo não dá conta da diversidade lingüística de Pernambuco. Portanto, ela não pode ser representante da identidade nordestina. Como foi dito, nossas visões estereotipadas nos levam a categorizar as pessoas e inseri-las num grupo monolítico e homogêneo de forma que nosso grupo sempre se apresenta como mais complexo e, portanto, mais rico. São as velhas e conhecidas relações de poder. Nesse sentido, a mídia não é o caminho mais indicado para conhecermos o Nordeste em termo lingüísticos. Alguém já disse que sempre nos referimos à fala do Sudeste como a fala do carioca, a fala do paulista, a fala do mineiro, a fala do capixaba. Quando queremos nos referir a algum estado da região Nordeste, dizemos simplesmente a fala do nordestino, como se os nove estados fossem um bloco homogêneo.

Ademais, o grupo de fatores *Escolaridade*, embora com uma média inflacionada, nos mostrou que os falantes pernambucanos usam o imperativo alternando equilibradamente entre a forma associada ao indicativo e a forma associada ao subjuntivo. Assim, a fala da personagem Maria do Carmo, com uso vigoroso do imperativo no subjuntivo, reflete apenas parte da comunidade lingüística de Pernambuco.

Por outro lado, considerando os estudos com a fala de estados da região Nordeste e os grupos de fatores aqui analisados, podemos verificar que a fala de Maria do Carmo, assim como a dos outros personagens, reflete tendências já constatadas em pesquisas anteriores. Embora personagens cariocas façam uso robusto do imperativo no indicativo e a personagem Maria do Carmo, por outro lado, favoreça vigorosamente imperativo no subjuntivo, seguem a mesma direcionalidade das pesquisas. Neste caso, portanto, não há estereótipo na fala dos personagens no que tange ao uso do imperativo. O autor da novela, ou os atores e atrizes, capturam o efeito dos fatores que evidenciam a heterogeneidade ordenada.

Dados, não só do Recife, mas de outras regiões de Pernambuco, deverão ser colhidos numa etapa posterior desse estudo, a fim de dar conta da variação nesse estado em nível mais amplo. Consideramos importante colher amostras do município de Belém do São Francisco e de mais cidades do interior, e mais especialmente do sertão, a fim de ampliar o entendimento do imperativo gramatical, tanto em Pernambuco quanto na região Nordeste. Esta pesquisa é um ponto de partida, uma abertura para uma análise que deverá focar o estudo do imperativo, preferencialmente, da perspectiva dos *continua* rural-urbano e oralidade-letramento. Acreditamos que, desse modo, podemos explicitar melhor, por exemplo, a razão pela qual os dados de fala dos/as entrevistadores/as divergem da fala dos/as entrevistados/as no que tange ao uso do imperativo.

Por fim, a pesquisa sobre estereótipos revelou-se instigante. Porque a língua, parafraseando Roland Barthes, está a serviço de um poder. E, certamente, os estereótipos também. Nesse sentido, desvendar as relações de poder, por meio da pesquisa científica, é contribuir para que diversidades culturais e lingüísticas, como as do Nordeste, sejam percebidas em toda a sua complexidade e beleza.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Gilson Chicon. A influência da simplificação da conjugação verbal na construção do imperativo. In: HORA, Dermeval da. (org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: UFPB, 2004. p.157-182.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BAPTISTA, Maria M. Estereotipia e representação social: uma abordagem psico-sociológica. Aveiro, 2003. Disponível em <http://sweet.ua.pt/~mbaptista/pdf> . Pág. 1-15 . Acesso em: 2 jul. 2005.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BORELLI, Sílvia H. *Telenovelas brasileiras: territórios de ficcionalidade: universalidades e segmentação*. Disponível em www.eca.usp.br/alaic/chile2000. Pág. 1-19. Acesso em: 4 abr. 2006

BOURDIEU, Pierre. *A economia da trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP. 1996

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A análise do português brasileiro em três *continua*: o *continuum* rural-urbano, o *continuum* de oralidade-letramento e o *continuum* de monitoração estilística. In: GROßE, Sybille & ZIMMERMANN, Klaus (eds.). “*Substandard*” e *mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM, 1998. Biblioteca luso-brasileira.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *The urbanization of rural dialect speakers – a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002. Trad. Marcos Marcionilo.

CARDOSO, Daisy Bárbara Borges. *Variação no uso do modo imperativo: análise de dados em textos de José J. Veiga*. 2004. Dissertação. (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, UnB, Brasília.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ELIA, Sílvio. *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974. pág. 238-241.

FARACO, Carlos A. O tratamento de *você* em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba: Ed. da UFPR, n. 13, 1996. p. 51-82.

FARACO, Carlos A. Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, Vol. 2, n. 1. 1986. p1-15.

FRAGOSO, Suely. Situação TV. In: MALDONADO, Alberto E. et alii. *Mídias e processos socioculturais*. RS: Unisinos, 2000. p. 101-114.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HANNA, Elizabeth Seixas. *Difusão e focalização dialetal: o caso de Brasília*. 1986. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, UnB, Brasília.

HEWSTONE, Miles & GILES, Howard. Social groups and social stereotypes. In: COUPLAND, Nikolas; JAWORSKI, Adam (eds.) *Sociolinguistics: a reader*. London: Edward Allen, 1997. p. 271-283.

JESUS, Étel T. de & OLIVEIRA, Helena R. *Pesquisa sobre a formação do imperativo no Português do Brasil : fala e escrita*. 1996. Monografia (Graduação em Letras) – Instituto de Letras, UnB, Brasília.

LABOV, William. The social motivation of a sound change. In: *Sociolinguistics patterns*. Philadelpha: University of Pensylvania Press, 1972. Cap. 1.

LABOV, William. The study of language in its social context. In: *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975. Cap. 8.

LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês *standard* In: FONSECA, Maria S.V e NEVES, Moema. F (orgs.). *Sociolinguística*. RJ: Eldorado, 1974. p. 49-85.

LEITE, Yonne & CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LIMA, Maria M. Considerações em torno do conceito de estereótipo: uma dupla abordagem. Revista da Univers. de Aveiro, 1997. Disponível em <http://sweet.ua.pt/~mbaptista/consideracoesemtornoconceitodeestereotipo.pdf> Pág. 1-20. Acesso em: 2 jul. 2005.

LINDOSO, Ester. Identidade nordestina: de imaginário, estereótipos e humor. Revista Labirinto. UFRO, 2005. p. 1-5. Disponível em <http://www.unir.br/~cei/nota1.html>. Acesso em: 18 jun. 2005.

LIPPMANN, Walter. Estereótipos. In: STEINBERG, C. S. (org.). *Meios de comunicação de massa*. São Paulo: Cultrix, 1972.

LUCCA, Nívia Naves G. A variação tu/você na fala brasiliense. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística)- Instituto de Letras, UnB, Brasília.

MATTOS, Ana & WICKERT, Andréa. A variação do imperativo na obra de Chico Buarque de Hollanda. In: *Papéis: revista de Letras*. Campo Grande, MS, 2003. v.7, n. Especial, jul./dez, pág. 29-38.

MELO, Djalma Cavalcante. *Atitudes lingüísticas e as variedades regionais de fala no Brasil*. 1998. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, UnB, Brasília.

PAGOTTO, Emilio Gozze. *Variação e (´) identidade*. Maceió: EDUFAL, 2004.

PAREDES SILVA, Vera L. O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. pág. 160-169.

PAREDES SILVA, Vera L. Variação na 2ª.pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo. In: *Gragoatá - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*. Niterói: EdUFF, 2000. n. 9. pág. 115-124.

PINTZUK, S. *VARBRUL programs*. 1988. Inédito.

SAMPAIO, Dilcélia Almeida. Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, UFBA, Salvador.

SANKOFF, David. Sociolingüística e variação sintática. In: NEWMeyer, Frederick J.(Ed.). *Linguistics: The Cambridge survey*. New York: Cambridge Universty Press, 1988a. Trad. Marcos Bagno, 2003. Pág. 1-17.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DTTMAR, Norbert & MATTEIR, Klaus J. (eds.) *Sociolinguistics: an international handbook of the sciense os language and society*. New York: Walter de Gruyter, 1988b. p. 994-998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Paralelismo lingüístico*. Revista de estudos da linguagem. Belo Horizonte: UFMG, v. 7, n.2, p.29-59, 1998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. In: SILVA, Denise Elena Garcia; LARA, Gláucia Muniz Proença; MENEGAZZO, Maria Adélia (orgs). *Estudos de linguagem: inter-relações e perspectivas*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2003, p. 177-191.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Norma e uso: o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker (orgs.). *O Português do Brasil*. Vervuert: Iberoamericana, 2004, p. 231-260.

SCHERRE, Maria Marta P.; NARO, Anthony J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. Cecília & BRAGA, M. Luíza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 147-178.

SCHERRE, Maria Marta P. et. alii. Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese. *Papers in Sociolinguistics*. NWAVE-26 à l'Université Laval (Québec): Nota Bene, 1998. p. 63-72.

SCHERRE, Maria Marta P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinho. 2005b. Inédito.

SETTE, Neide Durães. *Formas de tratamento no português coloquial*. 1980. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFPE, Recife.

SILVA, Myrian Barbosa da. Um traço regional na fala culta de Salvador. In: *A variação no português do Brasil*. Porto Alegre: Revista Organon, UFRS, volume 5, número 18, 1991. pág. 79-89.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

STEINBERG, Charles S. A estrutura e o desenvolvimento da comunicação de massa. In: STEINBERG, C. S. (org.). *Meios de comunicação de massa*. São Paulo: Cultrix, 1972.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

TESCHE, Adayr. A construção do texto narrativo em *Terra Nostra*. In: TESCHE, Adayr et alii. *Mídias e processos de significação*. RS: Unisinos, 2000. p. 47-63.

VANDRESEN, Paulino. Introdução. In: FONSECA, Maria S.V e NEVES, Moema. F (orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1974. p.9-16.

VOTRE, Sebastião J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. Cecília & BRAGA, M. Luíza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. MALKIEL, Yakov (eds). *Directions for Historical Linguistics: A Symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

